

ADRIEN DELPECH

ENTREVISTA PÓSTUMA-IMAGINÁRIA

medusa

curitiba
2021

Copyright desta edição
© 2021 Medusa

Edição
Ricardo Corona
Eliana Borges

Projeto gráfico
Eliana Borges

Revisão
Nylcéa T. de Siqueira Pedra

ISBN

Impresso no Brasil / 1ª. Edição
Foi feito o depósito legal

Editora Medusa
www.editoramedusa.com.br
editoramedusa@hotmail.com
facebook.com/EditoraMedusa

Coordenação da coleção
Andréia Guerini
Dirce Waltrick do Amarante
Karine Simoni
Sérgio Medeiros
Walter Carlos Costa

Comitê editorial
Caetano Galindo (UFPR)
Fábio de Souza Andrade (USP)
Gonzalo Aguilar (UBA)
Henryk Siewierski (UnB)
Kathrin Rosenfield (UFRGS)
Luana Ferreira de Freitas (UFC)
Malcolm McNee (Smith College)
Marco Lucchesi (UFRJ e ABL)
Myriam Ávila (UFMG)
Odile Cisneros (Universidade de Alberta)
Susana Kampff Lages (UFF)

ORGANIZAÇÃO

Marie Helene Catherine Torres

COLABORAÇÃO

Ilana Heineberg

Luana Ferreira de Freitas

Em homenagem antecipada ao octogésimo aniversário da morte de Adrien Delpech em 2022.

Dedico esse livro a todas as pessoas em confinamento.

SUMÁRIO

- 11 APRESENTAÇÃO
- 15 NOTA DA TRADUTORA
- 19 PROFESSOR DO COLÉGIO PEDRO II,
NO RIO DE JANEIRO
ENTREVISTA PÓSTUMA-IMAGINÁRIA - PARTE 1
- 71 ROMANCISTA DE LÍNGUA FRANCESA
ENTREVISTA PÓSTUMA-IMAGINÁRIA - PARTE 2
- 175 TRADUTOR DE MACHADO DE ASSIS EM FRANCÊS
- 225 CRÔNICA DE UMA BIOGRAFIA CONTESTÁVEL
- 230 PEDRO NAVA, JEAN PARANHOS E O PROFESSOR
DEOPECHE: MEMÓRIA E HISTÓRIA DE UMA FOTO
- 236 BIBLIOGRAFIA E WEBGRAFIA ANACRÔNICAS
- 241 AGRADECIMENTOS POSFACIAIS

APRESENTAÇÃO

Sobre entrevista póstuma-imaginária e pseudo-entrevista.

Inovação de procedimento, análise científica baseada em textos existentes e criação de respostas pela tradutora entrevistadora perpassam o texto a seguir.

De fato, este livro é principalmente um livro que leva à reflexão sobre a questão da autoria de um texto, pois a autora-narradora deste livro, a tradutora dos excertos da obra literária de Adrien Delpech (1867-1942) apresentados aqui e o autor entrevistado se confundem numa só pessoa. As diversas autorias, ou seja, da entrevistadora, do entrevistado e da tradutora se misturam e se correspondem numa pseudo-entrevista onde é 'fabricada' uma situação de enunciação envolvendo o(a)s *outro(a)s*. Uma pseudo-entrevista (cujo prefixo grego *speudes* significa mentiroso) é uma entrevista que se apresenta como entrevista, mas que tem um único autor no papel do(a) entrevistador(a) e do entrevistado. Não se trata de autoria fictícia, mas sim ficcionalizada por um autor, ou melhor, de uma autora-narradora, que encena uma entrevista com outro autor falecido a partir de dados sólidos e concretos de textos e paratextos deixados por este tanto na sua obra literária como nas suas traduções. Em outras palavras, a pseudo-entrevista é uma entrevista-imaginária que pode ser definida como um procedimento literário que valoriza o *outro*, na perspectiva de ir ao encontro do outro, através do *mesmo*.

No caso que nos ocupa, Adrien Delpech, o autor-defunto, à imagem de Brás Cubas, o 'defunto-

autor', que ironicamente traduziu *Brás Cubas* para o francês, é o entrevistado-póstumo deste livro. Uma entrevista póstuma-imaginária que se expressa como uma encenação da alteridade, permitindo assim a disponibilização e socialização da história da tradução e dos tradutores no Brasil, de forma crítica afim de entender melhor os mecanismos de formação das Histórias das Ideias. Não passa de um subterfúgio literário que possibilita ouvir a voz do tradutor-escritor Adrien Delpech.

Não entanto, nem tudo é ficcionalizado na entrevista, pois as perguntas e as respostas às perguntas se baseiam principalmente nos textos, traduzidos ou não, de Delpech que o leitor encontra na última parte deste livro intitulada "Bibliografia e webografia anacrônicas". Apreendemos a entrevista póstuma-imaginária como criação literária necessária para nosso propósito, na medida em que Delpech faleceu há quase oitenta anos, abrindo o caminho para esta possibilidade ficcionalizada. O entrevistado parece ser desta forma por ser uma espécie de avatar da entrevistadora por transcender o seu mundo das ideias.

O presente livro tem, portanto, o valor simbólico de dar visibilidade a um tradutor, agente intermediário da circulação das obras literárias, que é muito importante para a história das traduções francesas de Machado de Assis, isto é, a um escritor-tradutor esquecido pela história literária francesa e brasileira, Adrien Delpech, um dos primeiros tradutores de Machado no mundo, responsável pela divulgação do autor não somente no sistema literário francês, mas também nos outros sistemas culturais-literários.

Como o veremos na entrevista, a editora Garnier, editora da obra de Machado, responsável pela

divulgação e publicações das obras de Machado em espanhol, italiano e francês, publicou as duas traduções de Delpech que introduziram Machado no sistema literário francês, *Quelques contes* em 1910 e *Mémoires Posthumes de Braz Cubas* em 1911. A pesquisa sobre Delpech considera ainda o fato dele ser um escritor-tradutor, pois publicou dois romances anteriores às suas traduções, em 1904, *Roman brésilien, moeurs exotiques* [Romance brasileiro, costumes exóticos] e em 1909, *Petrópolis* [Petrópolis]. Escrevera um terceiro romance tardiamente, em 1930, *L'Idole* [A heroína] também abordado na pseudo-entrevista. Segundo Heineberg (2015:26):

O interesse particular pelas transferências Leste-Oeste no estudo das traduções, ou seja, do Brasil para a Europa, evidencia a valorização do sentido menos visível do fluxo de impressos e ideias no século XIX, considerando, sobretudo, os inúmeros estudos já existentes sobre a presença francesa no Brasil. O fato de que essas trocas também tenham passado por uma transferência linguística do português para o francês reforça a ideia de que o interesse pelo Brasil e por sua literatura circulava não apenas em meios de imigrantes brasileiros, turistas, estudantes ou especialistas, mas que havia um interesse por um público mais amplo que não era capaz de ler em português e provavelmente também não conhecia a cultura brasileira.

(In Revue Elohi. Peuples Indigènes et Environnement, n° 8, Exodes, déplacements, déracinements, 8/2015).

Daí a importância do estudo da transposição de fronteiras nacionais e linguísticas, já que a sociedade francesa se polarizava no *fin-de-siècle* entre o internacionalismo e uma forte nacionalização da vida intelectual. O estudo do paratexto das obras de autoria

e das traduções de Delpech, por sua vez, demonstram ser uma fonte preciosa de informações sobre o conceito de tradução do tradutor e sobre o seu processo de tradução, como o veremos ao longo da leitura.

NOTA DA TRADUTORA

Como Adrien Delpech escreveu a maioria dos seus textos em francês, apesar de morar no Brasil por mais de 50 anos, todos os excertos dos seus três romances foram traduzidos por mim. O capítulo sobre Delpech-romancista é basicamente um capítulo de tradução.

Tentamos traduzir de forma a transportar o leitor numa espécie de 'transcultural'. Estas traduções são 'transculturais' no sentido de interessar-se pelo processo de tradução em função das questões socioculturais e dos sistemas culturais em confronto. A tradução 'transcultural' se situa além das culturas, num sistema literário-traduzido e está formada pelo hibridismo das culturas envolvidas no texto a traduzir, passando por cima dessas culturas, atravessando-as, transgredindo-as e transformando-as com sua mistura de linguagem numa 'transculturalidade traduzida'. O ambiente transcultural do texto traduzido é movediço, flexível, adaptando-se ao ambiente da sociedade e cultura que o recebe.

Do seu primeiro romance, *Roman brésilien, mœurs exotiques* [Romance brasileiro, costumes exóticos], de 1904, traduzimos o incipit por apresentar os personagens protagonistas e dar o tom e a contextualização da narrativa. Como este romance contém muitas reflexões filosófico-positivistas, foi traduzido um excerto ligado à Auguste Comte e à questão da Humanidade, extraído do Capítulo II do Livro III.

Petropolis, segundo romance do Delpech, publicado em 1909, é um texto muito mais descritivo, com facetas autobiográficas. Privilegiamos a tradução de partes que versam sobre a história do Brasil e da

França Antártica e partes com observações realistas e quase fotográficas feitas pelo narrador. Há ainda muitos excertos textuais sobre o mar, a fauna e flora carioca, representativos de dezenas de páginas descrevendo a natureza exuberante e exotizada pelo autor.

Há cenas com cartomantes em dois dos seus romances, *Petropolis* e *l'Idole* [A heroína], que escolhemos traduzir, até porque Delpech traduziu o conto 'A cartomante' do Machado.

L'idole é o romance mais histórico de todos, contando batalhas napoleônicas na França, em Portugal e no Brasil, detalhando a vida real no velho e no novo continente e com personagens femininas intelectualizadas. Os excertos deste romance mostram como a protagonista mistura realidade e ficção através da vida retratada pela religiosa de Beja e publicada sob o título de *Cartas Portuguesas* em tradução francesa.

Como o afirmamos em outros escritos a respeito do papel do tradutor, este deve seguir uma certa ética em relação ao texto que traduziu, devendo 'reproduzir' ambiente, estilo, sentidos, poeticidade, dramaticidade, etc. em relação ao texto "original", o texto que lhe é anterior. Para Antoine Berman, a ética da tradução parte não do texto traduzido, mas sim do texto 'original' em direção ao texto traduzido, este devendo dialogar com o original. Mas não deve ser servil ao texto original, completa Berman.

Ser ético para o tradutor é, ao nosso ver, ser ético com a cultura de origem e, ao mesmo tempo, com a cultura de chegada. E como seria ser ético com o leitor do texto traduzido? No nosso caso, trata-se do texto traduzido em português a partir de um texto escrito em francês cujas referências antropônimas e topônimas são conhecidas pelo leitor que lê a tradução. É pensando

no leitor brasileiro que tomamos algumas decisões que consideramos 'éticas' no presente contexto. Seguindo essas premissas, as traduções que fizemos para este livro, no seu conjunto, apresentam traços de literalidade pois, acreditamos que, ao traduzir literalmente, ou mais literalmente, alguns trechos, nosso texto não somente mostra que se trata de uma tradução, mas também que há uma verdadeira intensão de mostrar o *outro*, o estrangeiro dentro do texto traduzido em português. Novamente seguindo os preceitos do Berman, a literalidade revela mais sobre o outro que sobre nós mesmos.

No capítulo sobre Delpech-tradutor, optamos, de um lado, por apresentar um comentário à tradução em português de parte do longo prefácio de *Quelques Contes* e, por outro lado, reproduzir em francês a tradução integral que Delpech fez de um dos contos, 'La cause secrète', cujos principais temas dizem respeito à crueldade, amizade, ao sadismo, prazer e adultério.

Da tradução de *Mémoires posthumes de Brás Cubas* de Machado de Assis por Delpech, trazemos aqui o capítulo CXXIX 'Sans remords' por incluir a ironia do tradutor no processo de tradução e alguns capítulos escolhidos conforme a temática do papel do escritor apresentada pelo narrador diretamente para o leitor.

**PROFESSOR DO COLÉGIO PEDRO II,
NO RIO DE JANEIRO
ENTREVISTA PÓSTUMA-IMAGINÁRIA - PARTE 1**

Marie Helene Torres (MHT) - Adrien Delpech, você é principalmente conhecido por ter sido professor do Colégio Pedro II: professor de francês; professor de sociologia; professor substituto; professor catedrático. O pesquisador Jefferson da Costa Soares (2015) diz que você, Adrien Delpech, foi professor, belga, nascido no ano de 1867. Fez seus estudos de todos os níveis em Paris. No ano de 1892, aos 25 anos de idade, chegou ao Brasil, onde se estabeleceu definitivamente. No Rio de Janeiro ingressou no Colégio Pedro II, em seguida no Instituto de Educação e na Escola Nacional de Música, lecionando francês e Arte. De grande cultura humanística, segundo Soares, foi professor de várias disciplinas, inclusive de Literatura Brasileira, pela qual nutria especial predileção. Conhecia profundamente toda a produção literária de Machado de Assis, traduzindo algumas obras machadianas para a Língua Francesa. Era também escritor e jornalista, com publicações na Imprensa do Rio de Janeiro. Ao longo da sua carreira, vivenciou reformas na educação no Brasil. Teria sido o primeiro professor de Sociologia do Colégio Pedro II, responsável pelo programa que abriu o ensino da disciplina em 1926. Como se tornou professor de Sociologia?

Adrien Delpech (AD) - A Sociologia era na época uma disciplina cursada por aqueles interessados em obter o diploma de "Bacharel em Ciências e Letras" que, além de imbricada com forte dimensão política, foi introduzida no ensino secundário em 1925 no Colégio Pedro II por uma Reforma, conforme o Decreto 16.782-A, de 13 de janeiro do mesmo ano. Queria esclarecer que o professor catedrático era

aquele que havia estudado ou se especializado numa determinada área do conhecimento, embora também conhecesse bem as demais disciplinas e poderia ser examinador de qualquer uma delas. Para ser catedrático, o candidato devia prestar um exame de cátedra e defender alguma ideia inovadora no seu campo, além de ter obras científicas publicadas na sua especialidade e ser nomeado pelo ministro. A Cátedra era vitalícia. O professor catedrático, segundo a Reforma Rocha Vaz (Decreto 16.782-A de 1925) devia orientar o ensino das matérias que constituem a sua cadeira; lecionar na sua totalidade as matérias que constituem o programa da mesma; apresentar, para que fosse estudado e julgado pela Congregação do Colégio, antes da abertura das aulas, o programa da disciplina a ser ministrada; tomar parte nas comissões de exames do curso, de defesa de tese e de concursos para o preenchimento de vagas de docentes, dentre outras atribuições.

Ocupei a cátedra de Sociologia, interinamente de 6 de abril de 1926 até 21 de novembro de 1927, conforme pode-se verificar na ata do dia 28 de agosto de 1925, do Livro de Atas de Reuniões da Congregação (1925-1934). Fui aprovado por unanimidade em concurso realizado nas dependências do Colégio Pedro II e no qual dissertei sobre a “Lógica da Sociologia”. Cheguei a indicar livros para a disciplina.

Meu percurso de professor de Sociologia foi relatado por Soares (2015) no seu artigo “Ensino de Sociologia no Brasil: o pioneirismo do Colégio Pedro II (1925-1942)”:

[...] Delpech era substituto de francês e um dos únicos substitutos do Colégio que não teve acesso à posição de catedrático, em

consequência do Decreto 16.782-A (Reforma Rocha Vaz).

[...]

Antes, Delpech era professor substituto, uma classe extinta pela lei de ensino que vigorava. Então, o Diretor do Externato, nas suas considerações, lembra ao Governo da conveniência do provimento efetivo de Delpech na cadeira de Sociologia, já que isso representaria também uma economia aos cofres da Nação, pois desapareceria a rubrica necessária ao pagamento do professor substituto de Francês. Os fatos acima descritos podem nos levar às interpretações de que Delgado de Carvalho não teria sido o único protagonista da história da disciplina Sociologia no período de sua institucionalização no Colégio Pedro II e que, a princípio, não era intenção de Delgado de Carvalho se tornar catedrático de Sociologia, uma vez que sua assinatura constava na moção que indicava o nome de Delpech para ocupar a cátedra da disciplina.

[...]

A análise das fontes consultadas possibilitou compreender a importância da atuação dos professores Adrien Delpech e Delgado de Carvalho para a institucionalização da Sociologia no Colégio Pedro II.

[...]

Em relação a Delgado de Carvalho observamos que este não teria sido o único protagonista da disciplina Sociologia no Colégio Pedro II, já que Delpech foi catedrático interino até os primeiros meses de 1927. Assim temos como hipótese, que não pôde ser comprovada por não

localização de documentos, que além de ministrar aulas de Sociologia e sugerir livros para o curso, Adrien Delpech pode ter elaborado o primeiro programa, aprovado em 1926.

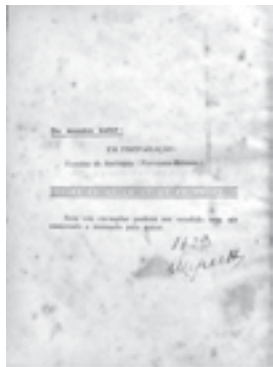
[...]

Cabe ressaltar que Delgado de Carvalho, Adrien Delpech e Alcides Gentil foram também professores de Sociologia da Escola Normal do Distrito Federal, transformada em Instituto de Educação por Anísio Teixeira em 1932.

[...]

Com a Reforma Capanema, que extinguiu os cursos complementares, a obrigatoriedade do ensino de Sociologia foi retirada.

MHT - Adrien Delpech, Além da Sociologia, você sempre teve grande interesse pela literatura. Escreveu um livro didático sobre a Literatura Francesa para o Colégio Pedro II. Poderia apresentar o seu livro *Os vinte autores do Programa de francês* que não podia ser vendido sem ser numerado e assinado pelo autor, ou seja, por você?



AD - Em 1932, publiquei o livro *Os vinte autores do Programa de francês* correspondendo ao Programa de Literatura do Colégio Pedro II para atender às Instruções que regulamentavam o Decreto n. 20.833 de 21 de dezembro de 1931.

O Decreto nº 20.833 extinguiu cargos de professores no Colégio Pedro II e dispunha sobre o ensino de línguas vivas estrangeiras no mesmo Colégio. Segundo o Decreto, o chefe do Governo Provisório da República do Estados Unidos do Brasil resolveu acabar com os cargos de professores catedráticos de francês, inglês e alemão, no externato e no internato do Colégio Pedro II. A partir daí, o ensino de línguas vivas estrangeiras foi orientado e fiscalizado por professores contratados pelo ministro mediante proposta do diretor da seção do Colégio em que tinham de ensinar. Exigia ainda que cada matéria fosse formada por turmas compostas de no máximo 15 alunos, por professores nativos ou estrangeiros, admitidos por contrato de um ano, conforme termos do regimento interno.

O paratexto do livro fornece algumas informações importantes:



A folha de rosto indica meu *status* como Professor Catedrático de Literatura e ex-catedrático de francês conforme nova legislação no Colégio Pedro II. O Colégio sempre foi referência no ensino no Brasil desde sua criação em 1837 e servia de modelo às outras instituições. Os livros publicados pelo Colégio permitiram uniformizar os conteúdos dos exames preparatórios orais e escritos. E, ao concluir o curso secundário, os alunos recebiam o título de bacharel em Letras. A nova estrutura com relação à forma de se ensinar e estudar as línguas estrangeiras, basicamente inglês, francês e alemão, fazia parte da reforma do sistema educacional da Era Vargas.

Foram estabelecidos no ensino secundário um currículo seriado, a obrigatoriedade da frequência escolar, a exigência de certificação em nível secundário para aqueles que manifestavam interesse em ingressar no ensino superior e, sobretudo, o ensino em dois ciclos de cursos, o fundamental em 5 anos; o complementar, preparando para o ingresso no ensino superior, em 2 anos; e o comercial, em 3 anos.

Fiz parte da comissão de organização das instruções da reforma das línguas estrangeiras junto com os professores Delgado de Carvalho, Antenor Nascentes, Júlio Nogueira, Oswaldo Serpa e Carneiro Leão, que foi implementada em 27 de fevereiro de 1932. Foi esta comissão que elaborou a instrução que organizaria o espírito de trabalho do francês que transparece neste livro, ou seja, que o ensino das línguas estrangeiras fosse de caráter prático e ministrado na própria língua. Ocorreu também uma mudança de método de ensino, passando do método clássico (gramática e tradução) para o método moderno (método direto), focalizando a comunicação e ensinando os alunos a pensar na língua

estrangeira. Era proibido o uso da língua materna nas aulas de línguas estrangeiras e de tradução por parte do professor e dos alunos.

A fluência do professor era obrigatória. Por isso, muitas vezes, como no meu caso, o professor era nativo daquela língua.

MHT - Poderia falar sobre os escritores escolhidos para o Programa de Literatura Francesa?

AD - Como sublinho no prefácio, “no louvável intuito de restringir os assuntos dados nas antologias e de uniformizar o ensino e os exames”, o manual traz “os autores e as obras dos programas para as diversas línguas vivas estrangeiras estudadas no Colégio Pedro II, e em todos os colégios equiparados”. Antes da regulamentação, cada colégio escolhia um autor alheio para os exames finais e os candidatos repetiam a matéria sem espírito crítico. Havia muitas antologias contendo inúmeros trechos que acabavam frustrando o interesse dos alunos. A fim de atender ao decreto, apresento cada autor com uma bibliografia, um excerto textual representativo e uma análise crítica padronizada para o programa do sexto ao sétimo ano. Os objetivos principais visavam ser úteis aos alunos e, ao mesmo tempo, formar espíritos críticos. Digo ainda no prefácio que em relação à cultura geral, os autores escolhidos representam um gênero específico:



Quatro autores são classificados como autores polígrafos, Renan, Taine, Montesquieu e Fénelon, isto é, autores heteróclitos quanto aos gêneros de escrita e à multiplicidade de formas e diversidade de assuntos e temas, muitas vezes numa perspectiva didática. Por exemplo, a análise sobre Taine compreende, além das trinta páginas de textos em francês de excertos da obra do autor, uma biobibliografia e um estudo crítico (pp.415-421):

XX

HIPPOLYTE TAINÉ

Taine nasceu a 21 de abril de 1828, em Vouziers, departamento das Ardenes, no norte da França, de uma velha família burguesa que, lentamente, se elevava da situação de lavrador às profissões liberais. Desde o colégio, revelou as admiráveis disposições que o deviam ilustrar. Tirou o prêmio de retórica no concurso geral anual de sua promoção. Ainda estudante, escrevia um estudo sobre Spinoza, um *Tratado do Belo*, um *Tratado do destino humano*,

para fixar um momento de seu pensamento. O último tratado principia por estas palavras: "Si j'écris ceci, en ce moment, c'est pour le retrouver plus tard et savoir quel j'étais aujourd'hui".
 Recebido primeiro no concurso da Escola Normal, mantém até o fim o mesmo lugar. Seus estudos, entretanto, provocam um conflito entre as convicções adquiridas e o meio científico do tempo. Suas ideias filosóficas são causa a que seja reprovado no exame de agregação. Apresenta-se ao doutorado e vê-se privado de sustentar sua tese pelos mesmos motivos, achando-se em franco antagonismo com o ecletismo de Victor Cousin e o dogmatismo de monsenhor Dupanloup, que dominavam então na Universidade. Resigna-se estoicamente à probabilidade de uma vida medíocre, em lugar da carreira brilhante que lhe prometiam seus primeiros sucessos. Aceita um humilde lugar de professor no colégio de Nevers, e, depois, em Poitiers. Obtendo uma licença, vem a Paris, onde vive de lições particulares e de publicações em jornais e revistas. Residindo perto de sua admirável progenitora, que foi, até seu casamento, na idade de quarenta anos, a companheira tutelar de sua vida, prepara uma tese sobre La Fontaine, depois de ter adquirido a certeza de que, dessa vez, a Sorbonne não faria objeções. Sempre atraído pela psicologia, segue cursos na Faculdade de Ciências, na Escola de Medicina e, no Museu de História Natural, os de Geoffroy Saint-Hilaire e de Jussieu. Restava-lhe ainda tempo, como ele o constata, de frequentar a sociedade, que fornecia matéria a sua observação. Feliz ideia, que lhe abriu as portas da *Vie Parisienne*, quando fora fundada por um amigo de infância, Planat. Este pediu ao jovem filósofo notas sobre Paris. Taine imaginou um personagem cético, indulgente e desabusado, Thomas Graindorge, e escreveu uma serie de artigos

que tiveram retumbante sucesso. Apesar de uma viva polemica com monsenhor Dupanloup, foi nomeado professor de estética na Escola de Belas Artes, tendo abandonado a Universidade. Consagrou-se, então, exclusivamente ao estudo e à erudição, ficando, entretanto, colaborador do *Journal des Débats* et da *Revue des Deux Mondes*.

Já concebera a ideia das *Origines de la France Contemporaine*, quando os desastres de sua pátria, em 1870, firmaram-no no propósito de consagrar-se a esse estudo. Abandonando diversos trabalhos, consagrou-se quase exclusivamente a essa obra de fôlego, que o levou até o fim da vida.

Em 1891, sua saúde principiou a periclitir. Em 1892, teve de abandonar o trabalho, depois de haver rematado sua grande obra. Esperou, então, estoicamente a morte, rodeado de seus amigos e discípulos. Paul Bourget conta que, passeando com ele nessa época, por uma tarde de outono, Taine, contemplando a melancolia da paisagem, disse-lhe: "Em vendo cair estas folhas, acostumo-me a morrer; mas como é triste!" Morreu serenamente a 5 de março de 1893.

Suas obras

Taine foi ao mesmo tempo filósofo, historiador e crítico. Sua obra inteira revela este tríplice feitio. Como historiador, sua obra duradoura é: *Les Origines de la France contemporaine*; como filósofo, publicou: *Les philosophes classiques*; *De l'Intelligence*; *Essais de critique et d'histoire*; *Philosophie de l'Art*: como crítico, *Essai sur Tite-Live*, *La Fontaine et ses fables*; *Voyage aux Pyrénées*, *Notes sur l'Angleterre*, *Voyage en Italie*, *Thomas Graindorge*, obra de imaginação e de ironia ocupa um lugar à parte na sua produção, mas merece ser colocado entre seus livros de crítica,

pela finura da observação e as considerações gerais, que são de um filósofo. Pode-se citar a este respeito o capítulo sobre a música de Beethoven.

Sua escola

Taine pertence á escola positivista, no sentido mais lato da palavra:

Abstraire et généraliser est tout ce que l'homme peut faire... Jamais il ne pourra connaître une cause ; jamais il ne pourra savoir ni le « par qui », ni le « par quoi », ni le « pour quoi », causes efficients ou causes finales, c'est de la métaphysique ; le « comment », c'est de la science¹.

Entretanto esta fórmula, que é propriamente a fórmula comtista, acaba parecendo-lhe estreita por demais. Ela opõe-se a uma tendência do espírito, que se liga a um método útil. Aproxima-se assim de Spencer. Para os espiritualistas, existem dous mundos: o "da extensão palpável e visível" e o "invisível, intangível, incorpóral". Para os positivistas absolutos, as causas dos fatos estavam situadas "fora do alcance da inteligência humana", de tal forma que delas nada se pode "afirmar ou negar". Taine julgava que existe um método eficaz para atingir as causas, não só nas ciências físicas e naturais, mas até nas ciências morais, que têm por objeto o próprio homem e suas obras mais diversas²:

Cette méthode, souvent exposée par

¹ Emile Faguet: *La Critique au XIX.me Siecle*. Collection Petit de Julleville, p. 382.

² Taine foi com Boutmy o fundador da Ecole Libre des Sciences Politiques.

Taine, notamment dans les derniers chapitres de ses "Philosophes classiques au XIX.e siècle en France", a pour fondement l'idée que les causes ne sont point un monde mystérieux et inaccessible, qu'elles sont enfermées dans les objets, que, partant³, on peut les en extraire, que les premières ayant la même nature que les dernières, peuvent être, comme les dernières, dégagées par abstraction des faits qui les contiennent et que l'axiome primitif est compris dans chaque événement qu'il cause, comme la loi de la pesanteur est comprise dans chaque chute qu'elle produit⁴.

Como se pode julgar, por esses contrastes, existia em Taine, como na maior parte dos pensadores, uma luta para conciliar proposições que parecem inconciliáveis. Foi o que sucedeu com seu determinismo. No tempo de seu juvenil entusiasmo, proclamara, com outros, a religião da Ciência, em uma página memorável: doutrina não menos exagerada do que a que devia proclamar posteriormente a falência da mesma Ciência. Formulara então uma proposição categórica por demais, que tratou depois de atenuar:

Il y a une phrase que je regrette d'avoir écrite, parce qu'elle a été généralement bien mal comprise : 'Le vice et la vertu sont des produits comme le vitriol et comme le sucre'.

³ Partant, por conseguinte.

⁴ G. Saint René Taillandier, *Auprès de M. Taine*, Rev. des Deux Mondes, 15 Avril 1928, p. 810.

Pourquoi s'émouvoir qu'il a des produits moraux, comme il y a des produits matériels. De ce que le vitriol et le sucre sont des produits, s'ensuit-il que le vitriol ne soit pas malfaisant si on vous le jette à la figure et que le sucre ne soit pas bienfaisant dans votre tasse de café?

E o Sr. Saint-René Taillandier, a quem Taine dirigia essas palavras, acrescenta:

Aujourd'hui qu'après tant d'années je retrouve la transcription de ces entretiens, j'incline à penser que, hors des vues directes de la raison humaine, la contradiction que je crois toujours saisir entre les indignations de Taine et sa doctrine arrive à se résoudre. Si le spiritualisme est vrai en affirmant la conscience profonde de notre liberté, le déterminisme ne l'est-il pas aussi en affirmant l'existence de connexions étroites entre nos actes et leurs conditions intérieures et extérieures⁵?

Deixando de parte essas subtilezas, seu método foi sempre o das ciências naturais e recorria frequentemente a comparações tiradas do reino vegetal e do animal, como poderão observar nas citações que fazemos da *Philosophie de l'Art (Les climats artistiques, la Morale des loups)*⁶.

⁵ G. Saint-René Taillandier. Id. p. 829. O autor do estudo lembra a esse propósito a antinomia de Bossuet no *Traité du libre arbitre*. (V. neste volume a biografia de Bossuet.)

⁶ « Taine transporte, dans l'histoire comme dans la critique, les procédés

Essas tendências devem levá-lo a uma simplificação dos estudos históricos, baseada na incessante reprodução dos mesmos pontos de vista que lhe pareciam dominar todas as modificações de caráter humano: a Raça, o Meio, o Momento; a Raça, com sua relativa estabilidade; o Meio, que modifica as expansões da raça, o Momento, que fixa cada aspecto do quadro movediço. Encontrar-se-á, na Filosofia da Arte a apresentação desse sistema, e as aplicações ao assunto.

Les origines

Continuador de Tocqueville⁷, em relação á desorganização do antigo regime em França e á organização de uma França nova, Taine impressionado pelos horrores da Comuna sob a vista dos Prussianos vencedores, e dotado de um temperamento aristocrata viu, na Revolução Francesa, o grande elemento de dissolução. A obra divide-se em três partes: I - L'Ancien Régime. II- La Révolution. III - Le Régime Moderne, que foram publicadas respectivamente em 1875, 1884 e 1894, a última depois da morte do autor.

Taine evidencia, no primeiro volume, a disparidade entre as instituições e as ideias, em França, desde a Renascença. O segundo volume divide-se em três partes: L'Anarchie; la Conquête Jacobine; le

de l'histoire naturelle. L'homme étant un animal, l'histoire est une sorte de zoologie morale, ou plutôt, de pathologie mentale, car Taine ne se fait pas une haute idée de l'humanité». S'il n'est pas sûr, dit-il que l'homme soit, par le sang, un cousin éloigné du singe, du moins il est certain que, par sa structure, il est un animal très voisin du singe carnassier... De là, en lui, un fond persistant de brutalité, de férocité. »

Urbain et Jamey, Études historiques et critiques sur les classiques Français, p. 569.

7 L'Ancien Régime et la Révolution.

Gouvernement Révolutionnaire. Le Régime Moderne descreve a conquista da França por Napoleão, "o último condotierre"⁸, e a organização centralizadora e despótica do ano VIII, que continua ainda a imperar. Duas grandes críticas foram feitas às *Origines*: a primeira é ter sido Taine por demais restrito no seu estudo: "limitando-se ao espírito publico, excluindo a administração, a guerra, a diplomacia" para se dedicar "á patologia mental do francês durante a Revolução"⁹. A segunda é ter generalizado o fundo de maldade do caráter humano, estendendo a todas as épocas as manifestações de uma época de exceção.

Taine professava grande admiração por Macaulay e declarava que "se esse autor envelhecera, era justamente porque suas ideias eram tão solidas que passaram imediatamente ao domínio publico"¹⁰.

Progressivamente, Taine deixou-se levar por um desanimo intelectual. Declarava-se o homem da imparcialidade, simples naturalista colocado diante de uma evolução social como diante das metamorfoses de um inseto; mas seu temperamento ardente fazia-o sair da impassibilidade. Ficava contristado ao verificar mais uma vez que a evidência dos erros não corrige mais os povos do que os homens, e que a crítica histórica não favorece as previsões. Assim

8 Alusão á origem italiana de Buonaparte. Os condottieri eram chefes de mercenários e emprezarios de guerras na Itália medieval e da Renascença. Colleone, de que existe, em Veneza, a soberba estatua equestre de Verrocchio, foi um dos mais celebres. Muzio Attendolo, condottiere de Milano, creou a dinastia dos Sforza.

9 « Il ne s'inquiète pas de ce qui fait vivre le Français, durant cette crise ; il s'inquiète de ce qui aurait pu le tuer. Il n'écrit pas l'histoire de la Révolution française ; il fait la pathologie mentale du Français pendant la Révolution ». - Alb. Sorel - Ler seu discurso de recepção à Academia Francesa, com a resposta do duque de Broglie.

10 Saint-René Taillandier, obra citada, número de 1º de maio de 1928, p. 107.

chegara a se compenetrar da tristeza da verdade e da inutilidade de sua obra: « Se pourrait-il que, passé un certain point, l'effort de l'homme pour savoir et comprendre, soi, puni au lieu d'être récompensé? Serait-ce la forme moderne de la vieille prohibition qui continuerait de peser sur l'arbre de la science ? Taine se surprenait à se demander si, au fond, la vérité scientifique n'était pas malsaine pour l'homme, du moins pour la grande majorité des hommes, et s'il ne conviendrait pas de ne l'écrire que dans une langue d'un difficile accès »¹¹.

Philosophie de L'art

Não nos estenderemos sobre esta obra, que citamos copiosamente. Constitui a aplicação de sua teoria das categorias:

La théorie du milieu était si riche qu'elle dépasse le domaine de l'art et de la littérature. Il a lui-même marqué, dans l'introduction à l'« Histoire de la Littérature Anglaise », que le milieu physique, c'est-à-dire le climat, se transforme en un milieu politique et crée ainsi des causes « qui sont aux nations ce que l'éducation, la profession, la condition, le séjour sont aux individus ».¹²

Acabamos com esta citação, porque ela define bem a íntima conexão que existe entre todas as ciências que

11 Saint-René Taillandier, obra citada, p. 115.

12 Paul Bourget, Rev. des Deux Mondes, 15 Mars 1928, « Le Centenaire de Taine », p. 249.

têm o homem por objeto. Há ainda uma única escritora no livro, Mme de Sévigné, que representa o gênero epistolar. Eis o que o aluno podia ler a respeito da autora e das Cartas (pp.87 a 95):

V
MME. DE SÉVIGNÉ
(1636-1696)

Marie de Rabutin-Chantal casou cedo com o marquês de Sévigné, fidalgo de velha nobreza mas de vida dissoluta, parente do cardeal de Retz. O marquês morreu em um duelo escandaloso, deixando-a na idade de vinte e seis anos, com um filho e uma filha. De extrema dedicação para com os filhos e especialmente para com a filha, que mais tarde casou com o senhor de Grignan, ela manteve uma vasta correspondência com diversas pessoas, especialmente com filha.

Les Lettres

As cartas de madame de Sévigné são seu único título de glória, mas bastam para isso. É preciso confessar que teve ela a felicidade de ser a primeira no gênero, porque o dom epistolar é natural em mulheres de muitos países, mas principalmente na francesa. A epistolografia francesa é, nesse particular, extremamente rica. Deve-se reconhecer, entretanto, que jamais tal voz teve tanta espontaneidade.

Sente-se que as cartas de madame de Sévigné nada tem de pretencioso. Seria talvez um erro pensar que foram escritas unicamente para a filha. Sucedia com a correspondência, no tempo de Luis XIV, o que sucedera no tempo dos Romanos, por exemplo, com as cartas de Cícero, *ad familiares*. Num tempo em que não existiam jornais, nem mesmo revistas hebdomadárias, as correspondências particulares

preenchiam essa lacuna. Na sua famosa carta sobre o casamento da *Grande Mademoiselle* com Lauzun, ela sabe perfeitamente que a notícia imprevista será comunicada a todas as amigas de madame de Coulanges, mas é destinada apenas a um pequeno público de ocasião. Sua correspondência não tem caráter livresco, como se diria hoje. Às vezes as cartas nem são relidas. As repetições de palavras são numerosas. Se o estilo não dá impressão de negligenciado é porque madame de Sévigné mantém apenas uma conversação escrita, e conversação não comporta grandes exigências da parte do auditório. Basta que seja fácil, rápida, interessante, brilhante. Ela conversa, de pena na mão.

Escolhemos diversas cartas, que dão a impressão da maleabilidade do talento da autora.

A primeira é uma pequena obra prima de narração e também da psicologia dos fidalgos do tempo. Esse arcebispo, cheio de bazófia, esses lacaios, que compartilham da sua vaidade, o pobre diabo, atropelado pelo carro do arcebispo e que tem de fugir para não ser espancado, que pintura de uma sociedade em que existiram tantas injustiças sociais, que prepararam a Revolução! A carta já citada sobre o casamento de Lauzun: « Une chose qui se fera dimanche et qui ne sera peut-être pas faite lundi, une chose où ceux qui la verront croiront avoir la berlue », dá bem a medida dos preconceitos do tempo. Na citação que fazemos de Corneille, o amor de Dona Isabelle por Don Sancho lembra a aventura da Grande Mademoiselle, que afinal não casou com Lauzun com a sanção real, mas teve de se conformar com um simples casamento morgânico.

O caso do marechal de Grammont, a pequena crueldade do rei, que coloca o cortesão em um barco sem saída; a pintura da subserviência da corte, que não pensa senão pela cabeça do soberano, que

quadro de costumes! Que desprezo teria tido o Rei em muitas circunstâncias se a vaidade o não cegasse! Na mesma ordem de ideias, temos a carta sobre a morte de Vatel. Que era ironia na piedade superficial de madame de Sévigné e na indiferença dessa gente, farta de gozos, e para quem a vida de um pobre diabo, que tinha a ingenuidade de tomar seu papel muito a sério, vale tão pouco!

Segue-se um pequeno quadro digno de Plutarco -a morte Turenne e a heroica frase do senhor de Saint-Hilaire.

A cena dos soldados bretões do Senhor de Chaulnes dá uma impressão de realidade. Vemô-los, atrapalhados, com a roupa as armas a que não estão acostumados, fazendo exatamente o que deveriam fazer. Enfim a última citação dá-nos na ideia do que era a vida da boa sociedade do tempo, quando, afastando-se momentaneamente da corte artificial do soberano, ia descansar nas suas terras.

Citations diverses

Il m'est venu voir un président, et avec lui son fils qui a vingt ans et que je trouvai, sans exception, la plus agréable et la plus jolie figure que j'aie jamais vue : j'allai dire que je l'avais vu à cinq ou six ans, et que j'admira qu'on put croire en si peu de temps. Sur cela, il sort de ce joli visage une voix terrible qui me plante au nez¹³, d'un air ridicule que : "mauvaise herbe croit toujours". Voilà qui fut fait¹⁴; s'il m'eût donné des coups de massue sur la tête, il ne m'aurait pas plus affligée. Je jurai de ne me plus fier aux physionomies.
[...]

13 'Me plante au nez', literalmente: 'me planta no nariz', atira-me na cara, declara-me brutalmente.

14 Foi a conta, o suficiente.

L'archevêque¹⁵ revenait fort vite de Saint-Germain. C'était comme un tourbillon. S'il se croit grand seigneur, ses gens se croient encore plus que lui. Il passe au travers de Nanterre, tra, tra, tra; ils rencontrent un homme à cheval, gare! gare! Ce pauvre homme veut se ranger, son cheval ne le veut pas ; et enfin, le carrosse et les six chevaux versent sens dessus dessous le pauvre homme et le cheval, et pas sent par-dessus, et si bien par-dessus, que le carrosse fut versé et renversé ; en même temps, l'homme et le cheval, au lieu de s'amuser à être roués¹⁶, se relèvent miraculeusement, remontent l'un sur l'autre, et s'enfuient et courent encore, pendant que les laquais et le cocher de l'archevêque se mettent à crier:

-Arrête ! arrête ce coquin ! qu'on lui donne cent coups.

L'archevêque, racontant ceci, disait :

-Si j'avais tenu ce maraud-là, je lui aurais rompu les bras et coupé les oreilles.

[...]

Le comte de Guiche¹⁷ a fait une action dont le succès le couvre de gloire ; car, si elle eût tourné autrement, il était criminel. Il se charge de reconnaître si la rivière est guéable ; il dit que oui : elle ne l'est pas. Des escadrons entiers passent à la nage sans se déranger ; il est vrai qu'il passe le premier. Cela ne s'est jamais hasardé ; cela réussit. Il enveloppe des escadrons et les force à se rendre. Vous voyez bien que son bonheur et sa valeur ne se sont point séparés. Mais vous devez avoir de grandes relations de tout cela.

15 Ch. Maurice Le Tellier, filho do chanceler de Luis XIV e arcebispo de Reims; presidiu a famosa assembleia do Clero de 1700.

16 Espancados.

17 Armand de Gramont, conde de Guiche, desterrado por Luis XIV por ter-se envolvido em uma intriga contra Mademoiselle de La Vallière; de volta à corte, ilustrou-se na passagem do Reno.

Un chevalier de Nantouillet était tombé de cheval ; il va au fond de l'eau, il revient, il y rentre, il revient encore ; enfin, il trouve la queue d'un cheval, il s'y attache ; ce cheval le mène à bord ; il monte sur le cheval, se trouve à la mêlée, reçoit deux coups dans son chapeau et revient gaillard¹⁸.

[...]

Il faut que je vous raconte une petite historiette Qui est très vraie et qui vous divertira. Le roi se mêle depuis peu de faire des vers ; il fit l'autre jour un petit madrigal que lui-même ne trouva pas joli.

Un matin, il dit au maréchal de Grammont :

-Monsieur le maréchal, lisez, je vous prie, ce petit madrigal et voyez si vous en avez jamais vu un si impertinent : parce qu'on sait que depuis peu j'aime les vers, on m'en apporte de toutes les façons.

Le maréchal, après avoir lu, dit au roi :

-Sire, Votre Majesté juge divinement bien de toutes choses ; il est vrai que voilà le plus sot et le plus ridicule madrigal que j'aie lu Le roi se mit à rire, et lui dit :

-N'est-il pas vrai que celui qui l'a fait est bien fat ?

-Sire, il n'y a pas moyen de lui donner un autre nom.

-Oh ! bien, dit le roi, je suis ravi que vous m'en ayez parlé si bonnement ; c'est moi qui l'ai fait.

- Ah ! Sire, quelle trahison, que Votre Majesté me le rende je l'ai lu brusquement.

-Non, monsieur le maréchal, les premiers sentiments sont toujours les plus naturels.

Le roi a beaucoup ri de cette folie, et tout le monde trouve que voilà la plus cruelle petite chose¹⁹ qu'on puisse faire à un vieux courtisan.

[...]

Ecoutez, je vous prie, une chose qui est à mon sens fort belle. Il me semble que je lis l'histoire romaine.

18 Alegre.

19 O mais cruel gracejo.

Saint-Hilaire, lieutenant général de l'artillerie, fit prier M. de Turenne, qui allait d'un autre côté, de se détourner un moment pour venir voir une ballerine. C'était comme s'il eût dit :

-Monsieur, arrêtez-vous un peu, car c'est ici que vous devez être tué.

Un coup de canon vint donc, et emporte le bras de Saint-Hilaire qui montrait cette batterie, et tue M. de Turenne. Le fils de Saint-Hilaire se jette à²⁰ son père, et se met à crier et à pleurer.

-Taisez-vous, mon enfant, lui dit-il, voyez (en lui montrant M. de Turenne roide mort) voilà ce qu'il faut pleurer éternellement ; voilà ce qui est irréparable.

Et sans faire nulle attention sur lui, se met à crier et à pleurer cette grande perte.

[...]

Le roi arriva le jeudi soir à Chantilly²¹. La promenade, la collation dans un lieu tapissé de jonquilles, tout cela fut à souhait. On soupa ; il y eut plusieurs tables où le rôti manqua, à cause de plusieurs diners à quoi l'on ne s'était pas attendu. Cela saisit²² Vatel, il dit plusieurs fois :

-Je suis perdu d'honneur, voici un affront que je ne supporterai pas. Il dit à Gourville :

-La tête me tourne, il y a douze nuits que je n'ai dormi : aidez-moi à donner des ordres. Gourville le soulagea de ce qu'il put. Le rôti qui avait manqué, non pas à la table du roi mais à la vingt-cinquième lui revenait toujours à la tête.

Gourville le dit à M. le Prince ; M. le Prince alla jusque dans la chambre, lui dit :

-Vatel, tout va bien ; rien n'était si beau que le souper du roi !

²⁰ à em lugar, de sur son père.

²¹ Propriedade dos príncipes de Condé. Foi legado pelo duque de Aumale à Academia Francesa.

²² impressionou

Il répondit :

-Monseigneur, votre bonté m'achève : je sais que le rôti a manqué à deux tables.

-Point du tout, dit M. le Prince ; ne vous fâchez pas, tout va bien.

La nuit vient, le feu d'artifice ne réussit pas ; il fut couvert de nuages. Il coutait seize mille francs. A quatre heures du matin, Vatel s'en va partout : il trouve tout endormi : il rencontre un petit pourvoyeur qui lui apportait seulement deux charges de marée ; il lui demanda :

-Est-ce tout.

Il lui dit :

-Oui, monsieur.

Il ne savait pas que Vatel avait envoyé à tous les ports de mer. Vatel attend quelque temps ; les autres pourvoyeurs ne vinrent point. Sa tête s'échauffait : il crut qu'il n'aurait pas d'autre marée. Il trouva Gourville ; il lui dit :

-Monsieur, je ne survivrai pas à cet affront-ci.

Gourville se moqua de lui. Vatel monte à sa chambre, met son épée contre la porte, et se la passe au travers du coups, mais ce ne fut qu'au troisième coup. Car il s'en donna deux qui n'étaient pas mortels. Il tombe mort. La marée cependant arrive de tous côtés ; on cherche Vatel pour la distribuer ; on va à sa chambre, on heurte, on enfonce la porte ; on le trouve noyé dans son sang. On court le dire à M. le Prince, qui fut au désespoir.

M. le Duc pleura ; c'était sur Vatel que tournait tout son voyage de Bourgogne. M. le Prince le dit au roi fort tristement. On dit que c'était à force d'avoir de l'honneur à sa manière. On le loua fort, on loua et l'on blâma son courage. Le roi dit qu'il y avait cinq ans qu'il retardait de venir à Chantilly, parce qu'il comprenait l'excès de cet embarras. Il dit à M. le Prince qu'il ne devait avoir que deux tables, et ne

point se charger de tout ; il jura qu'il ne souffrirait plus que M. le Prince en usât ainsi : mais c'était trop tard pour le pauvre Vatel. Cependant Gourville tâcha de réparer la perte de Vatel ; on dina très bien, on fit collation, on soupa, on se promena, on joua, on fut à la chasse : tout était parfumé de jonquilles, tout était enchanté.

[...]

M. de Chaulnes est occupé des milices ; c'est une chose étrange que de voir mettre le chapeau à des gens qui n'ont jamais eu que des bonnets bleus sur la tête ; ils ne peuvent comprendre l'exercice ni ce qu'on leur défend. Quand ils avaient leurs mousquets sur l'épaule, et que M. de Chaulnes paraissait, s'ils le voulaient saluer, l'arme tombait d'un côté et le chapeau de l'autre ; on leur a dit qu'il ne fallait point saluer : et le moment après, quand ils étaient désarmés, s'ils voyaient passer M. de Chaulnes, ils enfonçaient leurs chapeaux avec les deux mains, et se gardaient bien de le saluer. On leur a dit que, lorsqu'ils sont dans les rangs, ils ne doivent aller ni à droite ni à gauche ; ils se laissaient rouer l'autre jour par le carrosse de madame de Chaulnes, sans vouloir se retirer d'un seul pas, quoiqu'on pût leur dire. Enfin, nos Bas-Bretons sont étranges, je ne sais comment faisait Bertrand²³ pour les avoir rendus, en son temps, les meilleurs soldats de l'Europe.

[...]

Nous faisons une vie si réglée, qu'il n'est guère possible de se mal porter. On se lève à huit heures ; très souvent je vais, jusqu'à neuf heures que²⁴ la messe sonne, prendre la fraîcheur de ces bois. Après la messe, on s'habille ; on se dit bonjour, on retourne cueillir des fleurs d'oranger ; on dine, on lit ou l'on

23 Bertrand du Guesclin, condestavel do rei de França, Carlos V. Ilustrou-se na guerra dos cem anos.

24 Quando a missa.

travaille jusqu'à cinq heures.

Depuis que nous n'avons plus mon fils, je lis pour épargner la petite poitrine de sa femme; je la quitte à cinq heures, je m'en vais dans ces aimables allées, j'ai un laquais qui me suit; j'ai des livres, je change de place, et je varie le tour de mes promenades; un livre de dévotion et un livre d'histoire, on va de l'un à l'autre; cela fait du divertissement ; un peu rêver à Dieu, à la providence; posséder son âme, songer à l'avenir; enfin, sur les huit heures, j'entends une cloche? c'est le souper, je suis quelque fois un peu loin; je retrouve la marquise dans son beau parterre, nous nous sommes une compagnie, on soupe pendant l'entre chien et loup²⁵: je retourne avec elle à la place Coulanges, au milieu de ces orangers; je regarde d'un œil d'envie la *sainte horreur*²⁶ au travers de la porte de fer que vous ne connaissez point: je voudrais y être; mais il n'y a que vous que je préfère au triste et tranquille repos dont je jouis. J'aime cette vie mille fois plus que celle de Rennes ; cette solitude n'est-elle pas bien convenable à une personne qui doit songer à soi et qui est ou veut être chrétienne : Enfin, ma chère bonne²⁷, il n'y a que vous que je préfère au triste repos dont je jouis ici, car j'avoue que j'envisage avec un trop sensible plaisir, que je pourrai, si Dieu le veut, passer encore quelque temps avec vous.

MHT - Adrien Delpech, você deu várias conferências e uma delas foi publicada na revista do Instituto

25 Entre lusco e fusco.

26 Antes do romantismo a palavra horrível aplicava-se frequentemente aos espetáculos da natureza entregue às suas forças dominadoras. Racine fala do santo horror que se desprende de uma noite em que troveja. Talvez seja a esse verso de Iphigenia que madame de Sévigné alude. Ver a este respeito o que diz Littré: "Les moines et la nature".

27 Minha boa amiga.

Histórico Brasileiro, "Da Influência Estrangeira em nossas Letras". Poderia comentar este texto?



AD - Vou citar *ipsis litteris* alguns trechos da conferência, mostrando onde e como a Literatura Brasileira foi influenciada principalmente pela Literatura Francesa (pp.209-210):

II

A Revolução Francesa e o período napoleônico transformaram o mundo. A revolução firmou princípios que, vindos da França, tinham sido proclamados, em primeiro lugar, na América do Norte, mas que se enraizaram na Europa toda, sob os passos das legiões do conquistador que momentaneamente avassalou a revolução, mas não lhe repudiou as ideias.

Um caso feliz para o Brasil obrigou d. João VI a fugir de Portugal e a aportar a sua colônia de além-mar. A contar desse dia, os portos brasileiros ficaram abertos não só ao comércio, mas ao pensamento mundial. O país ia poder escolher a fonte dos exemplos a

seguir fora do velho Reino. Com a importância nova que adquire, tomou consciência de sua grandeza. Das vantagens comerciais que tirou da presença dos Bragança, recebeu uma noção mais nítida de suas riquezas, compreendeu melhor seu destino. A separação moral dos elementos portugueses e brasileiros accentuou-se mais, pelas exações dos primeiros ao abrigo da côroa, pelos protestos dos outros sob o amparo inconsciente e fatal da mesma corda.

Antes mesmo da chegada do rei, as infiltrações continuam. Em 1802, José Antonio Lisboa Livera, na volta de Franca a Portugal, de fugir para o Brasil, para não ser vítima da Inquisição, que lhe imputa ter trazido livros suspeitos. Assim o Brasil já era lugar de refúgio, mais liberal do que a Metrópole.

Com a queda de Napoleão, as influências francesas e inglesas iam repercutir mais diretamente nas ideias, na política, e, naturalmente, na literatura do Brasil. O dominador do mundo sucumbira na planície de Waterloo; mas seus piores inimigos dedicavam-lhe um culto de admiração, misto de terror, de ódio e de desejo de o igualar. O herdeiro do trono português, cunhado, aliás, de Bonaparte, o escolhera por modelo.

A missão artística de 1816²⁸ trouxe ao Brasil homens que não eram somente pintores, escultores e arquitetos, mas ainda escritores ou pensadores. Porto Alegre, cuja influência sobre o desenvolvimento do Romantismo no Brasil foi grande, era discípulo de Grandjean de Montigny, e de Debret, que acompanhou a França, em 1831. Debret era espírito superior, observador e literário, como o prova o seu *Voyage pittoresque et historique au Brésil*. Outro

28 V. *La mission artistique française de 1810*. Rio. 1913. Typ. do jornal do Commercio.

tanto se pode dizer dos irmãos Taunay. Por singular contraste, a revolução e o Império atiraram às praias brasileiras partidários das tradições realistas: Rohan, Montbéliard, Scey, Gesuas, Roquefeuille, nomes fidalgos do antigo regime e adversários da política do grande Corso, como os descendentes de Mallet. As influências estrangeiras sobre a mentalidade brasileira iam-se acentuando. A revolução de 1817 o prova. Domingos José Martins e outros protagonistas tinham vivido em Londres e pertencido à Maçonaria inglesa com Miranda, o herói do Venezuela. Caetano Pinto de Miranda Montenegro dizia, pouco antes do movimento sedicioso, que os maçons de Recife e da Bahia se divertiam.

Nada mais curioso do que as três cores da Revolução Francesa aliadas ao símbolo religioso da Cruz. Nada mais sugestivo do que a proclamação conhecida sob o nome de *Preciso*, para demonstrar como cada povo, ou mesmo qualquer província, adapta a seus ideais teorias vindas de longe. E a esta revolução que se podem aplicar as palavras judiciosas do professor João Ribeiro, quando diz que

as revoluções americanas se revestem das formas liberais cosmopolitas, mas que elas são no fundo essencialmente étnicas, patrióticas e nativistas. Para o europeu que a descobre, a América é a terra comum; para o americano é a terra exclusiva.

A observação é justa e aplica-se igualmente às influências literárias. Quem lê despreocupadamente poesias brasileiras e sente nelas a influência do Romantismo ou do Parnasianismo, quem, sobretudo, lê os livros de crítica em que esse mimetismo é posto em evidência, acha que a literatura brasileira

é a literatura comum e banal, onde ecoa unicamente o pensamento do velho mundo. O crítico menos prevenido ou mais esclarecido, sente, através da imitação evidente, a procura do sentimento original e a esthesia que se revela, às vezes, de modo intenso.

(pp.214-215)

Eu disse que, intelectualmente, José Bonifácio era tipo do cosmopolitismo. Paralelamente á imitação francesa que dominou durante o período romântico, vemos também um ecletismo que, aliás, quase sempre, penetrou no Brasil através da própria língua francesa, mas que corrigiu também o exclusivismo, e, às vezes, estalou como uma reação.

O companheiro e amigo do patriarca, o sábio Manuel Ferreira da Camara Bittencourt e Sá, é outro tipo representativo da mesma formação cosmopolita. Como José Bonifácio, foi mais cientista do que literato. Mas como estabelecer limites exatos, quando se vê o exemplo de tantos cientistas, Claude Bernard entre outros, pertencerem tanto a ciência como às letras, por que a superioridade e a originalidade de suas teorias souberam encontrar a forma adequada ao pensamento?

Si a América precisou de recorrer a Europa para que lhe educasse o gosto, muito mais precisou da Europa para fornecer-lhe conhecimentos exatos. A tutela que aceitou prova em seu favor, ou antes, é o resultado de uma fatalidade.

Nós brasileiros, o mesmo pode se dizer dos outros povos americanos, pertencemos à América pelo sedimento novo, flutuante, do nosso espírito, e à Europa por suas camadas estratificadas. Desde que temos a menor cultura, principia o predomínio destas sobre aquele. A nossa imaginação não pode deixar de ser européa, isto é, de ser humana. Ela

não para na Primeira Missa do Brasil, para continuar daí recompondo as tradições dos selvagens que guarneciam nossas praias no momento da descoberta; segue pelas civilizações todas da humanidade, como a dos europeus, com quem temos o mesmo fundo comum de língua, religião, arte, direito e poesia, os mesmos séculos de civilização acumulada, e, por tanto, desde que haja um raio de cultura, a mesma imaginação histórica. Estamos assim condenados à mais terrível das instabilidades, e é isto o que explica o fato de tantos sul-americanos preferirem viver na Europa... Não são os prazeres do rastaquerismo, como se crismou em Paris a vida elegante dos milionários da Sul América: a explicação é mais delicada e mais profunda: é a atração de afinidades esquecidas, mas não apagadas, que estão em todos nós da nossa comum origem europeia. A instabilidade a que me refiro provém de que na América falta a paisagem, a vida, ao horizonte, a arquitetura, a tudo o que nos cerca, o fundo histórico, a perspectiva humana; o que na Europa nos fala a pátria, isto é, a forma em que cada um de nós foi vasado ao nascer. De um lado do mar, sente-se a ausência do mundo: do outro a ausência do país. O sentimento em nós é brasileiro, a imaginação europeia. As paisagens todas do Novo-Mundo, a floresta amazônica ou os pampas argentinos, não valem para mim um trecho da Via Appia, uma volta da estrada de Salerno, a Amalfi, um pedaço do cais do Sena à sombra do velho Louvre. No meio do luxo dos teatros, da moda, da política, somos sempre *squatters*, como si estivéssemos

ainda derribando a matta virgem.²⁹

A observação é justa, mais incompleta; a verdade é que o antagonismo e o contraste tendem a fundir-se numa síntese. Joaquim Nabuco o presente mais longe, mas hesita, sem fé na realização possível. O cosmopolitismo e as tradições acabarão incorporados.

(pp.218-225)

Acaba de nos ser revelada a influência primordial da França na História da Literatura Brasileira. "A França foi a Mãe espiritual do Brasil". Essa frase tornou-se proverbial. Seria grave injustiça não ver nela senão uma maviosa flor de retórica, própria para ornar discursos protocolares. Na sua forma piedosa e quase litúrgica, deve ter jorrado de uma alma brasileira que, na forte escola dos mestres do pensamento francês, sentiu-se tonificada e engrandecida no amor da justiça e da beleza. Si, à força de ser repisada, perdeu um tanto de sua energia e de seu fervor, foi porque ecoou em muitos corações. Mas por isso mesmo que revela um sentimento e uma gratidão, não pode traduzir o que há de complexo na realidade dos fatos.

Notemos, em primeiro lugar, que as tendências e os sentimentos franceses, em se aclimatando no Brasil, sofreram imediatamente a influência da atmosfera e da terra. Certas essências murcharam; modestas plantas tornaram-se arborescentes. Os acontecimentos passaram por uma deformação e uma refração na mudança do meio.

A intuição brasileira pediu-lhes menos uma lição do que uma impulsão.

Eis por que a admiração pela França, que nunca andou, aliás, até o fetichismo, não impediu os

²⁹ Joaquim Nabuco, citado por João Ribeiro (*Páginas escolhidas*. I, p. 135.)

conflitos de interesses e alcançou o apogeu nos períodos de transição. A França oferecia um grande exemplo de continuidade e de energia na conquista da democracia. Era, demais, um vasto laboratório, no qual a experiência das doutrinas modernas se fazia de modo permanente, até na chama e no sangue, quando era necessário.

Vimos que a influência francesa não foi a primeira em data; chegou no momento propício. Mesmo na fase mais intensa do Romantismo, que foi a época dominante da imitação francesa no Brasil, homens eminentes penderam para a Alemanha, cujo método e cuja meticolosa erudição os fascinavam.

Assim subordinada ao interesse social, tanto ou mais do que a uma curiosidade intelectual, a influência, digamos espiritual, para conservar o gracioso epíteto da França, devia ser sujeita a flutuações. Teria, talvez, formado uma curva saindo de zero para aí recair no eixo dos tempos, quando as aspirações que a mediam fossem satisfeitas, si uma força adquirida e duradoura, resultado do próprio prazer da imitação, não tivesse intervindo para manter um ascendente, diferente sem dúvida, muito persistente, porém.

A língua francesa, mui especialmente cultivada, em primeiro lugar, como simples intermediária de conhecimentos da história e da literatura do país de eleição, tornou-se, com a continuidade, entre os brasileiros um tanto instruídos, não só um traço entre eles e o pensamento universal, mas ainda uma disciplina do espírito, pelo ascendente da lógica e da elegante precisão.

Mais uma vez verificamos o que constitui a ideia diretriz deste ensaio: a inanidade do estudo de uma influência intelectual isolada de um país sobre um outro. Considerando apenas sua fragmentação em diversas épocas, nunca se atingiria ao sentido e a razão de ser de seu poder vivificante. Englobada na própria evolução do Brasil, da qual é parte

integrante, assimilada como o calor de um astro que se transforma em energia vital no planeta que aquece e ilumina, a história da influência intelectual da França no Brasil não pode ser separada da do povo que dela se nutriu e fortificou.

Desde o tempo de João V, a mania do francesismo passara aos costumes de Portugal com a obsessão do despotismo e do luxo de Luís XIV no monarca lusitano. *Faceiros* de 1720, *Casquilhos* de 1770, nobres lisboetas do tempo do marquês de Rezende e da condessa de Soure, viviam a imitar as modas, os penteados, as atitudes, o modo de falar de Paris³⁰. O Brasil importou essa mercadoria do Reino com as outras.

O brilho das tradições históricas e literárias da França fora de mais realçado pela epopéia napoleônica. Sua literatura que, no tempo das rainhas italianas e espanholas, se impregnara, sem se deixar afogar, de formas peninsulares oferecia qualidades e originalidades extremamente sedutoras para a latinidade brasileira. Há uma grande paridade senão identidade, entre as leis da linguagem e as da imitação literária. O princípio de menor esforço, o da transição, o de analogia, intervêm, em ambos os casos, para favorecer a evolução.

A França foi o crisol em que os elementos componentes do Romantismo se fundiram, chegando a deslumbrante ignição que iluminou o mundo.

Não é aqui o lugar de discutir as origens tão complexas do Romantismo. Sylvio Romero, depois de enumerar as diversas definições que tratam de lidar, acaba declarando:

a poesia clássica tinha idéas,
linguagem e forma predeterminadas;

30 V. Júlio Dantas, *O amor em Portugal no século XVIII*.

a poesia nova quebrou o molde antigo, e vasou-se em tantos moldes novos quantos povos e até quantos indivíduos de gênio poetaram. O Romantismo foi, pois, uma mudança de método na literatura, foi a introdução do princípio de relatividade nas produções literárias; foi o constante apelo para o regime da historicidade na evolução da vida poética e artística³¹.

Eu pergunto: existe uma linguagem mais rica, mais variada, menos sujeita a formas predeterminadas do que a de Rabelais? Poder-se-á dizer, entretanto, que foi ele um romântico? Existiu um espírito mais intuitivo mesmo mais afirmativo da relatividade das cousas do que Montaigne? Será, entretanto, possível classifica-lo entre os predecessores do Romantismo? Sylvio quer que o Romantismo seja de origem alemã. Perguntarei: foi Werther que influenciou sobre a Nova Heloisa, ou a Nova Heloisa sobre Werther?

Lessing reformou a crítica literária, Winckelmann a crítica artística, Kant a crítica do conhecimento, Herder a crítica histórica, Wolf, Heyne, Hermann, Lobeck, Kreuzer, a crítica mitológica. Goethe e Schiller surgiram e a poesia nova estava errada. Movimento análogo dava-se entre os ingleses, influenciados pela filosofia de Hume³².

Discutirei mais tarde se tudo isto e bem exato; mas, por enquanto, limito-me a observar que a origem

31 *História da Literatura Brasileira*, vol. 2º, p. 7.

32 *História da Literatura Brasileira*, vol. 2º, p. 7.

do movimento foi a impulsão filosófica da corte intelectualmente francesa de Frederico II. Demais, sem voltar até Lessing, francamente aristoteliano, Goethe é considerado na Alemanha como um clássico, e o Romantismo alemão não é kantista mas hegeliano. Depois de Hegel:

A literatura alemã entrou no caminho que lhe abria a filosofia: pôs-se ao serviço da ideia absoluta; professou o desprezo da realidade. A poesia, para os Românticos, é o domínio da fantasia pura, o que ela exprime, não são mais pensamentos, nem mesmo sentimentos; são sensações vagas, impressões, estados de alma³³...

Que é feito, depois disto, da teoria de Sylvio e de seu princípio romântico da relatividade?

Outra pergunta é esta: os estados de alma que, antes de serem característicos do Romantismo alemão, o foram da estesia de Rousseau, nasceram espontaneamente nele? Qual foi a sugestão que recebeu dos ingleses, não só durante sua residência em Wootton, mas anterior e posteriormente? Ao passo que o amor da natureza se liga sempre nele a uma exacerbação quase dolorosa que repercutiu visivelmente sobre a mocidade de Goethe, este último foi-se elevando até a serenidade que encontramos nas mais belas páginas e no final de Fausto.

Assim, o Romantismo nos aparece como o rótulo de uma época colado em muitos frascos, mas cujas essências inúmeras não se encontram nas mesmas proporções nos diferentes vidros. Reconhece-se

33 A. Bosset, *Histoire de la Litterature Allemande*, p. 566.

bem um perfume comum, ao qual se deu o nome genérico.

Vamos aos exemplos: tanto na Alemanha como em França o Romantismo tem o amor das tradições, da nacionalidade e da raça. Mas si a melancolia do passado se explica nas obras de Chateaubriand pela visão das ruínas do passado, como explica-la, na Alemanha, que não conhecera os descabros morais e religiosos da Revolução?

Quando Hugo escreve Cromwell, que tem esse drama de shakespeariano? O nome, apenas, e as inúmeras e irrealizável mudanças de cenários. Que se trata, aliás, de Hugo, de Voltaire, de Vigny ou de qualquer imitador do poeta inglês em França, encontramos sempre involuntária deformação que a imitação brasileira nos revela vae nos revelar. Vejamos: em França, o Romantismo está imbuído do sentimento cristão e cavalheiresco. Encontramos, é verdade, estes sentimentos no Guarani: é, porém, muito mais o indianismo hostil ao português, que constitui, nesse particular, a originalidade do Romantismo brasileiro. Quando Sylvio quer ver, nos Inconfidentes, predecessores do Romantismo, é unicamente este ponto de vista que o guia, e, de nenhum modo, a definição geral que deu e que vimos acima.

A melancolia dos anelos insaciáveis, o subjetivismo mórbido, encontramos-lo no Romantismo brasileiro, por simples mimetismo talvez, porque os acontecimentos históricos, os não o podem explicar. As aspirações liberais que o Romantismo traduziu em França corporificaram-se, no Brasil, na nobre propaganda abolicionista; a exaltação da velha nacionalidade, consubstanciada na epopéia napoleônica, encontrou um eco na exaltação da jovem pátria. Enfim, ali e aqui, a revelação de novos ritmos e novas modalidades literárias renovadoras fizeram sentir seu encanto.

Do classicismo português e francês que imperou no Brasil até 1830 e mesmo até 1850, devia haver uma transição para a fórmula nova; e o Brasil devia naturalmente estar em atraso considerável sobre o país que imitava. O Romantismo, em França, sala de Rousseau e de Bernardin de Saint Pierre, passa por Staël e Chateaubriand; quatro prosadores, e só toma o caráter lírico do verso com as primeiras *Meditações* de Lamartine.

Maciel Monteiro achava-se em Paris de 1822 a 1829, exatamente ao raiar da aurora da nova escola. Não basta, porém, que um artista assista a uma fase de transformação de sua arte para se deixar influenciar. Muitas vezes reage, por pertencer ele a uma fase anterior. Pode ser também simplesmente inadaptável. Isto explica por que o Romantismo francês não repercutiu imediatamente no Brasil, apesar da presença de literatos brasileiros na Europa. Maciel Monteiro deixou-se prender, e foi logo conquistado. Conservador em política, mas antiescravagista, fluente como Lamartine, sem possuir o mesmo poder de evocação, conserva, às vezes, como poeta fineza amaneirada do 18º século; outras vezes, pende para o lirismo romântico, sem conseguir libertar-se das velhas correntes.

Outros foram de todo rebeldes, ou incapazes de se adaptarem ao espírito novo.

Como Maciel Monteiro, Odorico Mendes passou anos na Europa. Si bem que muito conhecedor da literatura francesa, o decano da Escola Maranhense ficou, até a data de sua morte, que sobreveio em 1864, um genuíno representante do classicismo português de 1815, tradicionalista, e em parte baleado no pseudo-classicismo francês de Jouy, Raynouard Baour-Lormian. Seu *Hymno a tarde*, aliás cheio de suavidade, aproxima-se muito mais da melancolia de Gilbert ou de Millevoye do que da intensa visão descritiva de Lamartine.

Compare:

Que hora amável! Expiram os favonios;
Transmontano sol; o rio se espreguiça;
E a cinzenta alcatifa, desdobrando
Pelos azues diaphanas campinas,
Na carroça de chumbo assoma a tarde...

La nuit ramène le silence,
Caché dans ce sentier désert,
Je suis, dans le vague des airs,
Le char de la nuit qui s'avance.

A evocação é quase idêntica, e, entretanto, que contraste nos sentimentos!

Co'a turba de innocentes companheiros
Agora sobre a encosta da collina
A casta lua como mãe saudavamos.

Venus s'élève à l'horizon :
A mes pieds, l'étoile amoureuse,
De sa lueur mystérieuse
Blanchit le tapis de gazon.

“Casta lua”: velho epíteto clássico. Como Lamartine soube encontrar uma imagem nova e tão característica da alma de seu tempo na: “Estrela amorosa, cujo clarão misterioso esbranquece os tapetes de relva!” Tive a curiosidade de verificar se, na sua tradução da *Eneida*, devia alguma cousa ao abbade Delille. Mas qualquer trecho de Odorico revela o decalque tão perfeito sobre o latim, que fazia dizer a Jal, historiógrafo da Marinha e conservador dos arquivos, numa carta dirigida ao tradutor:

Toutes les beautés de votre traduction

doivent donc m'échapper; un seul mérite me frappe et m'étonne: c'est la fidélité du calque, la prodigieuse superposition de votre poème sur le poème latin... Ce sont les linéaments du dessin de Virgile et c'est aussi sa couleur.

A título de curiosidade e como confronto do gênio das duas línguas, cito os primeiros versos das duas traduções:

Je chante les combats et cet homme pieux
Qui, bani par le sort des champs de ses aïeux,
Et, des bords phrygiens conduit dans l'Ausonie,
Aborda le premier aux champs de Lavande.
Errant en cent climats, triste jouet des flots,
Longtemps le sort cruel poursuivi ce héros,
Et servit de Junon la haine infatigable.
Que n'imagina pas la déesse implacable
Lorsqu'il portait des dieux chez ces fameux Albins,
Noble fils d'Ilion et père des Romains.

Odorico principia a tradução desde “Ille ego qui quondam...”

Eu que entoava na delgada avena,
Música rude egresso das florestas,
Fiz que as vizinhas lavras contentassem
A avidez do colono, a campesinos,
Grata empresa; de Marte ora as horríveis
Armas canto e o varão que, exul de Troya,
Primeiro os fados profugo aportaram,
Na hesperica lavino. Em mar e em terra
Muito o encontrou violenta mão suprema,
E o lembrado rancor da seva Juno,
Muito em guerra soffreu, na Ausonia, quando
Funda a cidade e lhe introduz os deuses:

onde a nação latina e Albanos padres,
E os muros vem da sublimada Roma.

O que se diz da incompreensão do Romantismo em Odorico Mondes, pode-se repetir do barão de Paranapiacaba, que, apesar de contemporâneo de toda a grande fase romântica (sua primeira obra é de 1843), nunca se libertou das banalidades pseudoclássicas em que mergulhou, até nas traduções do *Jocelyn*, de Lamartine e do *Oscar d'Alva*, de Byron. Acreditava, entretanto, ingenuamente ser romântico, e mesmo ser um dos últimos Românticos, quando lamentava que tivessem deslocado "de sua immortal séde, o archanjo inspirador da poesia a Chateaubriand, Lamartine e Victor Hugo, para colocar no cimo do Parnaso a Musa que acendeu o estro do poeta de Ascrá"³⁴. Parnasiano, não o podia ser quem tinha um estilo poético tão frouxo, e apenas soube diluir os versos concisos de La Fontaine numa lavagem insossa.

Vous chantiez j'en suis fort aise, Eh bien, dansez maintenant !

Cantava no estio?
Que bella vidinha!
Agora tem fome;
Pois danse, vizinha!

Muito mais impregnado do romantismo cristão, desse romantismo religioso todo pungente de reticencias e de dúvidas, foi José Maria do Amaral, diplomata como Maciel Monteiro, mas oferecendo com ele o contraste de suas lutas de consciência, tanto na religião como na política. Às vezes, é bem difícil estabelecer analogias que

34 Musa Latina.

não sejam simples associação de idoso quantas vezes a tonalidade romântica se parece com o puro classicismo! Citando estes versos de Amaral:

Passaste como a estrela matutina
Que se some na luz pura da aurora.
Da vida só viveste aquella hora
Em que a existencia em flor luz sem neblina.

Sylvio repara: Da mesma situação de Victor Hugo em algumas poesias das *Contemplações*. Pode ser: mas a analogia com Malherbe é muito mais frisante:

Mais elle était du monde où les plus belles
Ont le pire destin;
El, rose, elle a vécu ce que vivent les roses,
L'espace d'un matin.

Tem-se discutido muito si Gonçalves Dias é ou não herdeiro do classicismo português. O poeta maranhense, educado e formado em Portugal, devia sorrir, mais do que qualquer outro, a influência desse meio. Sua forma literária é lusitana; seu indianismo é o mesmo que o de Basílio da Gama. Não é possível negar, entretanto, a influência que a leitura dos romances franceses teve sobre seu gênio: basta ler "Ainda uma vez, Adeus!".

A idéia de Francisco Manuel, de traduzir os *Martyres* em verso, surpreende. É preciso lembrar, entretanto, que Chateaubriand foi um poeta ao qual fora negado, pela natureza, o que os franceses chamam "le métier". Poeta e grande poeta, não sabia burilar versos. As amostras que temos dele são lamentáveis. Seja como for, um prosador deve ser traduzido em prosa.

(pp.244-245)

Entre todos os povos, a poesia precede a prosa como manifestação dos sentimentos. Chega, como sucedeu na Idade Média, a servir de vestuário pomposo a uma história sem crítica e a uma ciência dogmática e infantil, mescla de preconceitos e de lendas. No Brasil, durante o período colonial, a prosa foi manejada por homens de valor, êmulos dos escritores portugueses: oradores sacros, eruditos, historiadores, dramaturgos. Mas o romance fora um gênero desconhecido. Não nasceu, como em França, na Itália ou na Espanha, do canto popular e da cantilena épica. Foi também importado. Imediatamente, porém, nacionalizou-se, porque se objetivou na representação da vida e da estesia brasileira. A estrear, no século passado, foi modesta. Os ensaios de Teixeira e Sousa, e Joaquim Norberto, caíram no esquecimento. Os de Joaquim Manuel de Macedo pertencem à literatura honesta, cujos assuntos, popularizados em cores maviosas e delicadas pelo pincel de Greuze, perderam justamente a cor ao passar para a literatura. O sr. Ronald de Carvalho qualifica-o de "Bernardin de Saint-Pierre atrasado e rústico". Na realidade ele lembra muito mais os contos que Eugénie Foa e Sophie Gay publicavam nos arredores de 1835, em revistas edificantes, para as meninas do *Sacré Coeur* e dos *Oiseaux*. "Escritor de Sala de Jantar", diz ainda o mesmo crítico, com muita propriedade, do autor da *Moreninha* e do *Moço louro*.

Já me externei a respeito de José Martiniano de Alencar e da influência de Walter Scott, que Araripe assinala no *Guarani*. Espírito intuitivo e culto, letra os *Natchez* e os *Mohicans*. Lera também a obra de Dumas. Mas possuía a qualidade mestre dos românticos: dar a vida:

O *Guarani* e *Iracema* representam aqui o mesmo papel que, em

França, os primeiros episódios de Chateaubriand... seu indianismo é mais sincero e mais amplo do que o de Gonçalves Dias... Como Walter Scott e Sand, precisava de largas telas... o que fugisse ao presente, ao atual, tinha suas preferências"³⁵.

É, por isso que, entre os Românticos brasileiros, foi ele que teve a visão mais enternecida do passado. Não se pode dizer que, no Brasil, o indianismo seja de importação estrangeira, porque data do *Uruguai* (1769) e do *Caramuru* (1781). Foi uma aplicação das fórmulas de Camões e dos épicos italianos a criações imaginativas locais e a manifestação, às vezes ingênuas, do nativismo da época. Basílio, quando escrevia estes versos:

"Gentes da Europa, nunca vos trouxera
O mar e ventos a nós!

(pp.253-254)

O representante mais curioso e mais completo do ecletismo na imitação, foi, incontestavelmente, Machado de Assis. Discípulo de Voltaire, de Lesage, de Sterne, sua formação foi, no Brasil, paralela á de Anatole France, com o qual seu parentesco literário é visível. Como France, ele soube transformar em originalidade tudo o que assimilou. Pertencendo à raça mestiça, possui o requinte, a ponderação dos autores mais aristocráticos. Tomou, do estrangeiro, as idéas gerais e o estilo, ficando, entretanto, um dos autores mais genuinamente brasileiros, pela escolha dos assumptos e dos tipos.

35 Ronald de Carvalho. *História da Litteratura Brasileira*.

Traduzi-lhe dous volumes para o francês³⁶; e pude verificar quanto o ritmo de sua frase se harmoniza com o do pensamento, que uma rigorosa disciplina acostumou à marcha analítica, tão pouco comum entre os escritores ibéricos e neo-ibéricos. É um psicólogo ao sabor do 18º século, desinteressado de tudo o que não seja a alma humana:

Cet observateur, qui conservait si bien le sou venir des états d'âme entrevus au-delà des physio noms, des poses et des attitudes, était frappé d'une sorte d'aveuglement devant les paysages qui s'offraient à sa vue. Il vivait un Cosme Velho, dans un de ces recoins d'ombre odorante, ou la magnificence de la végétation tropicale atteint à l'apogée : de ces aspects n'a jamais distrait Machado de Assis de sa curiosité des caractères et des passions³⁷.

Seu humorismo, que Sylvio Romero qualifica de pretencioso³⁸, nasce, como no autor de Gil Blas, do contraste dos sentimentos impulsivos da reflexão egoísta. O capítulo XXI das *Memórias de Braz Cubas* poderia ser assignado por Lesage. Braz Cubas, viajando em Portugal cai do jumento que montava; o pé esquerdo fica-lhe preso no estribo. Um almocreve que ali estava, acode a tempo de pegar na rédea do animal:

Resolvi dar-lhe três moedas de ouro, das cinco que trazia comigo,

36 *Várias Histórias e Brás Cubas*.

37 *Várias Histórias* (Quelques contes). Préface du traducteur.

38 *História da Literatura Brasileira*, vol. 2º, p. 465.

não porque tal fosse o preço de minha vida, essa era inestimável, mas porque era uma recompensa digna da dedicação com que ele me salvou. Está dito, dou-lhe as três moedas.

[...]

Fui aos alforjes, tirei um colete velho, em cujo bolso trazia as cinco moedas de ouro, e durante esse tempo cogitei se não era excessiva a qualificação, si não bastaram duas moedas. Talvez uma. Com efeito, uma moeda era bastante para lhe dar os estremeções de alegria. Examinei-lhe a roupa, era um pobre diabo, que nunca jamais vira uma moeda de ouro. Portanto, uma moeda. Tirei-a, via-a reluzir á luz do sol; não a viu o almocreve, porque eu tinha-lhe voltado as costas; mas suspeitou-o talvez, entrou a falar ao jumento de um modo significativo; dava-lhe conselhos, dizia-lhe que tomasse juízo, que o "senhor doutor" podia castiga-lo; um monologo paternal. Valha-me Deus! Até ouvi estalar um beijo: era o almocreve que lhe beijava a testa.

[...]

Ri-me, hesitei, meti-lhe na mão um cruzado em prata, cavalguei o jumento, e segui a trote largo, um pouco vexado, melhor direi um pouco incerto do efeito da pratinha. Mas a algumas braças de distância, olhei para traz, o almocreve fazia-me grandes cortesias, com evidentes

mostras de contentamento. Adverti que devia ser assim mesmo, eu pagara-lhe bem, pagara-lhe talvez demais. Meti os dedos no bolso do colete que trazia no corpo e senti umas moedas de cobre: era os vinténs que eu devera ter dado ao almocreve em lugar do cruzado em prata... Fiquei desconsolado... lancei o cruzado à conta das minhas dissipações antigas; tive (porque não direi tudo?), tive remorsos.

Don Cleofas, carregado por Asmodeo, não penetra mais fundo nos recantos das fraquezas humanas.

(pp.289-292)

Tendo sido a língua francesa, no Brasil, um intermediário de cultura geral e, depois, quase que um instrumento de pensamento para poetas e prosadores, não é de admirar que tenha atuado profundamente. As qualidades do português são: o clangor da tonicidade, a beleza harmônica, embora ofuscada pelo abuso das nasais, a imensa riqueza do vocábulo, que não foi podado por nenhum Malherbe ou “Hôtel de Rambouillet”; a ductilidade da frase, que se conserva a meio caminho entre a synthese e a analyse, e que, graças às terminações verbais bem caracterizadas, permite a supressão dos pronomes, as ousadas inversões e o longo desenvolvimento dos períodos. Os defeitos são correlativos: tendência à redundância, frases intermináveis, vão cantarolar de uma oratória muitas vezes oca, que se deleita, como o canário, com a própria melodia. Tomo, ao acaso, numa antologia, uma frase de um orador sacro:

Seria impossível reconhecer um

carro de triunfo neste púlpito que há dezoito anos é para mim um pensamento sinistro, uma recordação aflitiva, um fantasma infenso e importuno, a pyra em que arderam meus olhos, e cujos degraus desci só e silencioso para esconder-me no retiro do claustro³⁹.

Dito em alta voz e com emoção, o período é sonoro e comovedor. Mas analisando-o, que resta dessa incoerência de comparações contraditórias? Um púlpito que não é um carro, mas um fantasma e uma pyra. Esta última metáfora da fogueira que queimou os olhos do pobre cego e que é, incontestavelmente, comovente e bela, perde, em seguida, toda a energia e até mesmo o sentido. Compara com esse gongorismo o trecho final da oração funébre do príncipe de Condé:

Jouissez, prince de cette victoire, jouissez-en éternellement par l’immortelle vertu de ce sacrifice ; agrées ces derniers efforts d’une voix qui vous fut connue : vous mettez fin à tous ces discours. Au lieu de déplorer la mort des autres, grand prince, dorénavant je veux apprendre de vous à rendre la mienne sainte ; heureux si, averti par ces cheveux blancs du compte que je dois rendre de mon administration, je réserve au troupeau que je dois nourrir de la parole de vie les restes d’une voix qui tombe et d’une ardeur qui s’éteint.

³⁹ Monte Alverne. Panegyrico de São Pedro de Alcântara.

A situação é, mais ou menos, a mesma. Mas aqui, sem uma figura de retórica, Bossuet atinge ao sublime, porque a eloquência jorra das profundidades do coração e da melancolia humana. Bem dizia Chateaubriand que quando o grande orador,

depois de ter deixado repousar Condé no ataúde, convoca os povos, os príncipes, os prelados, os guerreiros, diante da eca do herói, quando, enfim, destacando-se a si mesmo, na melancolia de suas cãs, faz ouvir os cantos do cisne, figurando-se a si mesmo já no tumulto e o mostrando século de Luiz, de que parece fazer os funerais, prestes a se abismar na eternidade, deante deste último ex força da eloquência humana, as lágrimas de admiração me jorraram dos olhos, e o livro me caiu das mãos.

É que, levada ao extremo da análise, tanto pelas transformações morfológicas como pela uniformidade de certas desistências verbais e o próprio gênio nacional, a língua francesa tornou-se um maravilhoso mecanismo de autocrítica e de disciplina mental. Repugnando a tudo o que é forçado, ela condensa numa palavra, no mesmo tempo justa e inesperada, um mundo de ideias. As imagens que emprega, não se confundem em girandolas ofuscantes -elevam-se como os foguetes isolados que recaem em lágrimas luminosas para alumiar a noite.

Que esses predicados foram apreciados, no Brasil, basta, para o verificar, lembrar o culto em que é tido Anatole France, em quem as características do

gênio francês se manifestaram com a mais acrisolada perfeição. Machado de Assis e outros souberam aliar as qualidades mestres das duas línguas.

Em matéria de linguagem, nem sempre foi feliz entre nós a imigração francesa.

Uma detestável neologia, importada sem gosto e sem discernimento, com absoluta incompreensão das duas línguas, galicismos chocantes, ousadamente instalados a bela estrutura do falar lusitano, foram uma consequência lastimável do fetichismo de nossos literatos. Livros, jornais e revistas, estão cheios desses francesismos, que não honram nenhum dos dois idiomas e que a moda, o esnobismo, o desejo de se singularizar, fazem abrolhar a pena de escribas de mau gosto. Compreende-se bem que, com o movimento mundial das descobertas e das idéas, a neologia se torne uma necessidade. Deve, porém, ser restringida às necessidades extremas, para se não corrompem os idiomas mascarando carnavalescamente os belos e singelos vestuários das mentalidades humanas.

[...]

Si, agora, das alturas a que chegamos, lançarmos um olhar para o caminho percorrido, poderemos certificar-nos mais uma vez, que a evolução literária acompanhou passo a passo a evolução histórica e social do Brasil. O espírito da metrópole, enquanto dominou na sociedade colonial, imperou também nas letras. Os sopros de liberdade que vieram de além-mar carregaram modalidades diversas de pensamento e de sentimentos, sementes fecundas que vicejaram no terreno exótico, de par com as plantas indígenas, abafadas durante o período de dominação portuguesa. Si a imitação se mostrou, às vezes, servil, foi geralmente guiada por notável e feliz intuição. A evolução continua, já temperada por uma reação nativista que se irá acentuando, ao irresistível sabor das manifestações originais do sentir

nacional. *Jeca Tatu* será, para os nossos autores, o que o barbeiro e a criada foram para Molière. Nem por isso perderemos o contato com o resto do mundo. Teremos nossos pontos de vista sociais, nossa concepção do porvir humano e de nosso próprio destino, simpaticamente harmonizados com outras nações. Seguiremos as grandes correntes que modificam, de século em século, o rumo da humanidade. Mas tiraremos do fundo da alma brasileira o timbre genuíno e inconfundível das emoções sinceras. E na brisa dos bosques, no arfar das palmeiras, na infinita melancolia das campinas, no religioso terror das matas virgens, na tristeza dos campos devastados, no gorgueio das aves indígenas, que o poeta procurou a palheta das cores e o frêmito dos sons. Acostumar-se-á, enfim, a encarar a mulher brasileira, não mais como boneca tanto mais sedutora quanto mais se lhe diluir sob os disfarces do estuário e das maneiras cosmopolitas, a índole nacional, mas o encanto próprio que nela reflete o ambiente e a herança. Salomão dizia há dezenas de séculos, que, no seu tempo, já não havia mais nada de novo debaixo do sol. Ridícula ilusão em falando da ciência, verdade, entretanto, em se tratando das emoções humanas. Cada geração, cada alma, as esgota do nascer no morrer, mas esgota-as de modo diferente. A escala dos matizes é infinita, e nela reside a arte, que fixa para sempre as modalidades passageiras. A centelha que nasce do choque do sujeito e do objeto é eternamente renovada, e ilumina sempre, com clarões imprevistos, as movediças nuvens dos horizontes humanos.

Rio de Janeiro, abril de 1921.

Petropolis, 23 de janeiro de 1922.

**ROMANCISTA DE LÍNGUA FRANCESA
ENTREVISTA PÓSTUMA-IMAGINÁRIA - PARTE 2**

1904: *Roman brésilien, mœurs exotiques*

MHT - Adrien Delpech, você foi escritor antes de ser tradutor. A análise e estudo do seu estilo literário revelam certo impacto nos seus textos traduzidos, dos quais também é autor. Gostaria de conversar com você os seus três romances. Poderia falar, em primeiro lugar, do seu primeiro romance publicado em 1904, em francês e em Paris, na Victor-Havard Edition?

AD - *Roman brésilien, mœurs exotiques* se divide em 4 livros, isto é, o Livro I Fidélia (4 capítulos), o Livro II A vida no campo (4 capítulos), o Livro III Ave Libertas (6 capítulos) e o Livro IV Magna Quies (5 capítulos). Conta a saga de duas famílias inimigas e tem como pano de fundo a clássica história de amor entre os filhos adversos. Podemos examinar o paratexto do livro, iniciando com a capa:



O título do romance de Delpech traz um subtítulo *Roman brésilien, mœurs exotiques* [Romance brasileiro, costumes exóticos]. O público leitor francês do início do século XX era ávido de aventura e exotismo. Desde o século XVIII, muitos exploradores, aventureiros e cientistas franceses partiram à descoberta do Brasil e as suas contribuições alimentaram o imaginário dos escritores. Publicado em 1745, o relato da expedição de La Condamine, o primeiro cientista a atrever-se a descer o Amazonas, servirá como fonte a vários romances. Na segunda metade do século XIX, a “Missão Artística Francesa”, de 1816, inspirou muitas obras de ficção. O “Bulletin de la Société de Géographie” [Boletim da Sociedade de Geografia], ou a “Revue des Deux Mondes”, fundada em 1829, também ajudou a transmitir informações sobre estas regiões ditas “exóticas”. Em 1840, *Sylvino et Anina: mœurs brésiliennes*, de C.-M Antonet, foi publicado, com cenas parecidas com as de *Paul et Virginie (Paulo e Virgínia)* de Bernardin de Saint-Pierre. Émile Carrey publicou os quatro volumes de *L’Amazone* [O Amazonas] em 1856 e 1857. E tantos outros.

MHT - Você herdou a visão francesa sobre o Brasil. Segalen publicou somente seu *Essai sur l’exotisme* [Ensaio sobre o exotismo] em 1918, ou seja, 14 anos após a publicação do seu romance. Poderia falar do seu conceito de exotismo, tal como explicitado no curto prefácio que traduzo na integralidade a seguir:

A fórmula de observação e análise que domina o romance contemporâneo não pôde ser aplicada pelos escritores franceses

do nosso tempo ao ambiente em que vivem. Aqueles que escreveram sobre países exóticos tiveram de se limitar a dar as suas impressões do momento, sem muito controle, e sem penetrar tanto na alma complexa dos povos cujos costumes descreviam.

Não sei se o leitor, ao ler este livro, enxergará diante dos seus olhos tipos sintéticos de uma nação se movendo num momento característico da sua história, se terá a impressão de vida intensa que eu desejei lhe fazer sentir pela reação de caráter tendo a originalidade do país em que as personagens se movem; não sei se terá, como eu, a visão das palmeiras altas, das florestas milenares, do céu ardente e colorido dos trópicos. Foi tudo isto que tentei colocar nestas páginas, após dezessete anos de assimilação ao ambiente, que retratei.

É, infelizmente! A mais triste contingência do escritor, a de saber sempre ignorar se a sua obra traduz com fidelidade seus pensamentos, suas observações e o seu sonho. Isto seria desencorajar qualquer empreendimento artístico, se não houvesse a satisfação íntima que acompanha sempre o trabalho e o esforço.

Adrien Delpech
Rio de Janeiro, 23 de janeiro de 1903

AD - O exotismo já estava no ar na época da publicação do meu romance. Estava na moda antes da sua teorização, pois era representado pelo outro, o insólito, o desconhecido, o novo. Como morador do Rio de Janeiro e de Petrópolis, eu não tinha o distanciamento suficiente para descrever a vida carioca com objetividade. O leitor francês é tão distante da vida e cultura brasileira por isso o seu interesse pelos costumes exóticos dos trópicos.

Devo acrescentar que, como especificado no prefácio, cheguei no Brasil em 1886, isto é, 1903 menos 17 anos. Conheci a escravidão. A escravidão nas colônias francesas concerniu 18 milhões de pessoas que foram deportadas da África Subsariana para as Américas entre meados do século XVII e a década de 1850. Se a prática da escravidão não surgiu com os europeus, foram os europeus que iniciaram e organizaram o comércio transatlântico de escravos a ponto de alargar o comércio humano a outras regiões de África. Baseado numa ideologia eminentemente racista, o sistema de escravidão, era, sobretudo, um comércio extremamente lucrativo, tanto para os traficantes de escravos como para os Estados que os usavam. Foi autorizada em meados do século XVII por Luís XIII. A Constituição de 1792 aboliu a escravidão na França e, nas colônias em 1794. Mas, Napoleão Bonaparte restabeleceu a escravidão por decreto em 1802. E a abolição final da escravatura só acontecerá em 1848. No Brasil, a abolição do trabalho escravo ocorreu por meio da Lei Áurea, aprovada no dia 13 de maio de 1888 com a assinatura da regente do Brasil, a princesa Isabel.

Às 2h58, a princesa chegou de

Petrópolis e entrou no palácio. Às 3 horas e 8 minutos, ela entrou na sala do trono, e às 3 horas e 15 minutos, assinou o decreto com uma pena de ouro coberta de pedras preciosas (Delpech, Trad. Marie Helene Torres, *Roman brésilien, mœurs exotiques*, Livro III, Cap.V)

Portanto, como disse, conheci a escravidão no Brasil, já que cheguei em 1886. Situei o meu romance no período da escravidão como atesta o primeiro capítulo que você traduziu pela primeira vez ao português nas páginas a seguir. O personagem protagonista, Silvino tem o mesmo nome do personagem que deu o nome ao romance de Antonet em 1840, que mencionei há pouco. Nesse primeiro capítulo, faço um retrato da sociedade da época num engenho de café, conservadora, escravagista e racista. Há muito diálogos ritmados por um narrador presente que se espanta com a comida dos escravos composta de arroz e feijão e do sofrimento de um povo arrancado à Angola pelos vendedores de seres humanos.

I
Acordando no quarto rústico com paredes de cal branco, Silvino ficou atônito por um tempo. No dia anterior, tinha deixado na cidade grande, um confortável apartamento de solteiro e uma cama macia. Estava agora numa cama de tábuas num quarto vazio. Sentiu falta do barulho das ondas: estava acostumado a esta cadência.

No Rio, ao pular da cama, respirava a brisa salgada e ouvia o murmúrio

infinito. Quando voltou a si, esticou os membros doloridos, vestiu-se, abriu a janela e ficou debruçado nela.

Eram os primeiros dias de outubro. Nesta manhã de primavera tropical, a estação das chuvas estava para chegar. Nuvens corriam sobre as colinas. O horizonte era restrito, delimitado em círculos por estas mesmas colinas, nos tons de cobre criados pela seca dos últimos meses. As árvores e alguns bovinos destacavam-se nos montes; no topo, uma fileira de bambus formava um cume, prolongando a linha verde da mata virgem remanescente, que cobria o outro lado. Encobrimdo tudo isto, o céu cinzento e insípido jogava certa tristeza.

Silvino lembrava-se que quando era criança, um dos montes, o da direita, estava coberto de cafezais cuja folhagem azulada descansava o olhar. Alguns troncos despojados ou cobertos de cipós eram os últimos vestígios. À esquerda, a mata alta tinha desaparecido, devastada pelo fogo, e substituída por plantas selvagens como mato.

A casa estava localizada numa planície. O primeiro proprietário, ao enfrentar a mata tenebrosa, tinha escolhido este lugar ao acaso como acampamento temporário e, talvez, porque a água era abundante. Tratava-se de cortar

os troncos seculares, de queimar o mato rebelde; e tinha construído uma cabana de palha, um abrigo inadequado e sem graça. As suas primeiras tentativas de cultivo nos arredores o acostumaram a considerar este ponto como o centro da propriedade e, com o tempo, o temporário tornou-se permanente. Para substituir a cabana, foi construída uma pequena casa de pau a pique, rebocada com cal. A cada ano que passou, conforme os lucros crescentes, a casa foi ampliada, sem qualquer planejamento geral e de acordo com as necessidades do momento. As dependências exigiam grandes despesas. Foi necessário fazer terraplanagens, retirar mais de cem metros de terra da encosta da montanha para encher um pântano e construir a sala de secagem onde as rosetas de café são espalhadas em cerejas após a colheita, antes de ser transportadas até a fábrica de palafita afundada na lama.

Silvino contemplava as terras localizadas numa bela planície de terra firme com mais de um hectare. Por que aberração é que o primeiro proprietário da fazenda persistiu em investir em tantas obras dispendiosas, manchadas por um vício original, quando a poucos metros de distância, tinha um terreno de tão fácil acesso?

Surgiu um protesto na consciência

do visitante, ao pensar que o escravo tinha pago com o seu suor por estas estúpidas fantasias. Não que Silvino fosse exatamente contra a escravidão; condenava a princípio a escravidão do homem pelo homem, mas curvava-se perante o fato consumado e transitório, já que, desde 1870, não nasciam mais escravos no Brasil. Se a negra ainda se debatia na gleba, o fruto que gerava saía livre do seu ventre. Seria necessário alterar as condições econômicas do país de um dia para o outro? O próprio escravo poderia sofrer, como uma criança malcriada criada sob tutela. O tempo completaria o trabalho de reabilitação que tinha começado. Só que Silvino considerava o trabalho servil como sagrado; considerava que gastá-lo em vão era quase um crime, e que o proprietário, o *Senhor* como era chamado, tinha de ser bom na sua onipotência, o considerava como um sacerdote, como o *pater familias* da Roma antiga, que estendia a ação de tutela dos seus descendentes até ao último servo. Da senzala que lhes era atribuída, os negros saíram e se alinharam em fila. A sua habitação, fechada por grades sólidas, assemelhava-se tanto a um celeiro como a uma cadeia. Por ordem do capitão do mato, foram para a casa grande. Assim que a coluna composta por 42 homens

parou em frente ao terraço da porta da frente, a porta abriu e apareceu o velho Caetano:

Durante dez anos, Silvino tinha visto o seu pai apenas em raras ocasiões. Na véspera, tinha chegado à noite, num horário em que ninguém esperava mais por ele.

Apesar dos seus sessenta anos de idade, Caetano ainda tinha um porte altivo e traços duros; usava uma barba à portuguesa, sem bigode. Descalço nas suas pantufas, com a cabeça coberta por um grande chapéu, fumava o cachimbo a esta hora da manhã.

Ao emergir, a voz dos quarenta e dois negros o acolherá com a saudação diária:

"Louvado seja Jesus Cristo Nosso Senhor!"

Caetano tirou o chapéu e o cachimbo da boca e respondeu:

"Que seja louvado."

E com estas palavras, os negros voltaram pelo mesmo caminho.

Nesse momento, alguém bateu na porta, e Silvino foi abri-la. Entrou uma negra caduca e velha.

"Tia Anita!"

Ele deu este título de família à recém-chegada, segundo o costume em relação às velhas escravas; ela saudou-o com um sorriso, e respondeu com um nome familiar:

"Nhonhô!... Você é um homem agora!"

Silvino abraçou-a amigavelmente. "É mesmo, velha baba, o tempo passa."

Ela usava um lenço de uma cor indefinida, amarrado no pescoço. Nesta moldura, os seus olhos negros brilhavam. O seu pequeno rosto com traços fortes, tinha uma expressão de astúcia e medo. Uma blusa feita de retalhos multicoloridos desenhava as suas formas delgadas e a ruína dos seios secos. Ela observava Silvino, sem saber após tantos anos se deveria considerá-lo amigo ou inimigo.

Mas o rosto doce do jovem tranquilizou-a.

Ela tornou-se expansiva.

"Virgem Santíssima!...Te vejo de novo, Nhonhô, quando a desolação cai sobre esta casa."

O que está acontecendo, minha velha? Gritou Silvino surpreso.

"Ah! Nhonhô!... como poderia o teu pai esquecer a tua boa mãe! Que Deus a tenha em descanso – fez o sinal da cruz... - Se soubesse".

Silvino entendeu vagamente do que se tratava.

Na sua curta carreira como médico, tinha certa clemência para os pecados dos sentidos e da carne.

"Ah, disse ele, o pai tem as suas pequenas fraquezas. Mas, ele já não é tão jovem."

Mas Anita continuou com indignação: "Quem diria que nesta casa onde

te embalei nos meus braços, outra mulher para além da minha Senhora comandaria? E que mulher! Uma negra! E feia...”

Silvino franziu a testa.

“Estás exagerando, Anita.”

“Ela redobra de crueldade quando se trata dos pobres escravos. Ela esquece que ela própria foi libertada pelo batismo. O seu pai não é mau para nós. Mas ela excita-o, inventa histórias, obriga o capitão do mato a uma severidade indescritível. Uma negra! Uma negra!”

“Mas quem é ela, Anita? Tenho que conhecê-la.”

Anita olhou à sua volta em círculo, e depois, como se fosse um segredo terrível, aproximou-se do jovem, inclinando-se ao seu ouvido, e jogou o nome de “Alzira” em voz baixa.

Silvino procurou na sua memória. Lembrou de uma menina correndo seminua pelo campo, com o narizinho sorvendo, cujo uso de lenço lhe era desconhecido, o rosto de uma menina engraçada e sapeca.

“Mas, diz ele, Alzira não é negra, no máximo mulata.”

“Ela é escura, insistiu Anita.”

E acrescentou sentenciosamente:

“Quem tem sangue negro é bom para a força.”

Silvino sorri para esta frase singular em tal boca.

“Pode rir! Pode rir! Eu sei que Deus me fez negra; mas tenho respeito

pelo branco e fico no meu lugar. Paguei pela minha raça, no que me diz respeito e como agrada os céus.”

“Pobre velhinha! pensou Silvino. Ela está tão acostumada com a abjecção que tira glória disso.” Mas, lhe veio um escrúpulo.

“Oh, disse ele, a Alzira come na mesa?”

Anita queria ter respondido pela afirmativa; disse hesitando:

“Ainda não, mas um dia vai.”

“Calma, disse Silvino resignado, vou fechar os olhos até lá...”

Estava prestes a sair, quando Anita o reteve:

“Nhonhô, lembra que eu fui tua babá, e tu és o meu filho branco. Não repitam as minhas palavras, senão, vão bater o meu velho corpo.”

Caetano ainda se encontrava na varanda. Silvino o cumprimentou com a fórmula de uso.

“Bença Pai.”

E ele beijou a mão que lhe foi estendida.

“Soube que chegou ontem, diz Caetano, mas não quis te acordar; no Rio levantam tarde.”

Ele pronunciou estas últimas palavras com um tom de desprezo, observando com olhar irônico a roupa do seu filho, o fraque de flanela branca, a camisa de surah macia e o nó borboleta que emoldurava o colarinho da camisa. Ele estava vestido com um terno de algodão cru

tecido pelos escravos, e a sua camisa engomada aberta pelo pescoço, sem gravata. Nas alpargatas, podia-se ver a pele morena e descalça. Rugas de um centímetro de profundidade sulcaram-lhe o rosto. Mas, tinha uma espécie de beleza brutal que talvez refletisse o sentimento da sua onnipotência.

“Então, disse ele, agora és médico.”
Havia dois anos que Silvino tinha o título de médico.

Mas muito antes desse tempo, pai e filho tinham deixado de se ver. Caetano estava à procura de algo para falar.

Silvino respondeu:

“Pratiquei a medicina no Rio; até tinha uma clientela bastante boa lá. Mas a vida simples dos campos me atrai e aceitei a sua oferta de viver com vocês.”

Ele gostaria de ter encontrado uma palavra carinhosa, mas sentiu-se intimidado na presença do seu pai. Entre eles, não havia mais nenhum ponto de contato em física nem moralmente.

E ali ficaram, contemplando em silêncio o jogo das nuvens, que desciam sobre as colinas e as cobriam de névoa.

“Fez uma boa viagem?”

“Sim. Antonico me acompanhou até a estação e me pediu para saudá-lo.”

Antonico era o sobrinho de Caetano;

a irmã dele se casou com um médico alemão, o Dr. Krampoff. Silvino falava pelo seu primo, que era também seu colega, uma profunda amizade.

“Que infelicidade, disse ele, que tão bela inteligência caiu nas teorias de Comte. Quando estávamos juntos na escola, apontava para ser uma das glórias da medicina. Hoje, o espírito de seita o domina. As mais belas descobertas da ciência contemporânea o deixam impassível. Qualquer coisa que o mestre ignorou ou não previu, o coloca em quarentena.”

“Sim, sim, eu sei, diz Caetano; ele cedeu ao Positivismo. Talvez tenha até razão.”

Mas Silvino protestou.

“Que homem pode ousar dizer que é universal? Com a sua mania de saber tudo, de regular tudo, da sociedade à ortografia, Comte foi apenas um ideólogo e um sonhador.”

Caetano, que não estava escutando, o interrompeu.

“Como pode ver, disse ele, todas estas histórias de positivistas e não-positivistas não significam nada. Precisamos é do triunfo do Partido Conservador sobre os Liberais, porque nós, agricultores, precisamos de estabilidade.”

E mudou de conversa, citando o ditado popular:

“Nevoeiro na montanha, chuva na certa.”

No alto das colinas, os vapores tornavam-se mais opacos. Novas nuvens, com contornos muito nítidos, navegavam a poucos metros do solo e derretiam na névoa.

“Os teus irmãos estão chegando”, diz Caetano.

Dois cavaleiros puseram os pés no chão; Silvino foi ao encontro deles.

“Bom dia Apolinário, bom dia Cristóvão.”

Se abraçaram sem muito alarido.

Cristóvão tinha trinta e cinco anos, era gordo e baixo; uma barba encaracolada e a suavidade dos seus olhos azuis lhe dava um ar de bonzinho.

Apolinário, ao contrário, alto e magro, usava apenas um bigode com pouco volume; os seus olhos negros refletiam a dureza do seu coração e o seu amor pela dominação.

Só tinham sangue paterno em comum com Silvino, tendo nascido de mães diferentes. Até então, eles não tinham se importado muito com o meio-irmão.

“E a eleição?” diz o pai.

O rosto de Apolinário se fechou.

“Espero que ganhemos, respondeu, mas Temístocles está atrapalhando.”

“O quê! exclamou Silvino, Temístocles d’Oliveira é seu inimigo político?”

“Bah, disse Caetano, vamos lhe ensinar com quem ele está lidando. Ele é um bom vizinho que conheço

há trinta anos. Mas se persiste em nos enfrentar, quebrarei certamente a nossa velha amizade”.

“Oh pai! Por uma disputa política!”

Caetano e Apolinário fixaram. A surpresa foi tão grande ao ouvir estas palavras que não responderam.

O som das saias fez Silvino se virar e ele reconheceu Alzira; o discurso da sua babá não o tinha preparado para encontrar a mulata desse jeito: alta e esguia, com apenas um tom dourado escuro; algumas gotas de sangue indiano que corriam nas suas veias se entregava ao reflexo azulado dos cabelos ondulados, longos e maleáveis, trançados no topo da cabeça; a cursa da sua cintura se harmonizava com os laços finos, o peito macio; e ela sorria, mostrando o marfim dos seus dentes.

Ao cumprimentar Silvino, pronunciou a fórmula respeitosa:

“Bença. Nhonhô!”

Uma tristeza envolveu Silvino. Lembrava-se do tempo em que a doce criatura que era sua mãe, vigiava as tarefas domésticas, enchendo a casa com a sua modesta graça, e sentiu a indignação invadi-lo ao olhar para esta concubina, filha de ninguém, odalisca passiva criada por um capricho do mestre. O seu corpete branco mostrava um colar de amuletos no pescoço, e Silvino reparou que estava descalça. A pele era áspera; e na deformação dos

dedos dos pés com contato repetido com o solo, reencontrava o traço indelével da servidão.

Enquanto ele permanecia em silêncio, ela retomou:

“Não me reconheces, Nhonhô?”

Respondeu:

“Sim, Alzira, te reconheci imediatamente.”

Caetano ficou um pouco envergonhado.

“Por que não vais ver se o café está pronto?”

Ela fez meia volta, jogando para Silvino um olhar humilde e bonito, e caminhou lentamente como de costume.

“Qual o teu partido?” disse Apolinário.

“Não tenho; cuido dos meus pacientes, isso é suficiente para o meu trabalho.”

Cristóvão, por sua vez, perguntou:

“Você caça?”

“Às vezes, no meu tempo livre.”

“Aqui é um verdadeiro ninho de pacas. Quer ver os meus cães de caça?”

Ele chamou: “Feroz! Relâmpago!”

Dois cães bastardos ruivos vieram correndo; tinham focinhos cumpridos e orelhas retas como as dos morcegos.

“São lindos! Caçam a qualquer hora; eu os atiro no caminho do bicho e espero; procuram que é uma maravilha; e que prazer quando eles

levantam a caça! Feroz tem uma voz penetrante: Té! Té! Té! O barulho se aproxima, vejo um corpo marrom na relva, bang! O bicho está rolando, é admirável!”

“Vamos tomar café, disse o pai.”

Sentaram-se em frente à mesa quadrada, com Caetano na extremidade superior.

“Silvino, disse ele, “lembras do Barão da Serra Roxa e da sua filha Serafina?”

“Aquela loirinha. Pois bem!”

“Ela vai se casar.”

“Sério! Com quem?”

“Com um adido da legação; somos convidados para o casamento. Virá, espero eu.”

“Não estou muito afim.”

“Bem, está enganado, diz Cristóvão; primeiro será muito bonito, e depois, encontrará aí todos os seus conhecidos de outrora; nosso vizinho Temístocles, com quem parece simpatizar, e a sua filha também.”

“Fidélia!”

Silvino sorriu; lembrou-se desta companheira de infância, sua primeira paixão quando jovem; imaginava ela muito calma, muito doce, com o seu delicioso rosto de morena, os seus gestos ponderados, a sua voz carinhosa.

“Você entende, continuou Cristóvão, pode-se ser um opositor político do pai e apreciar a beleza da filha. Ela é encantadora, Fidélia. Pergunte ao

Apolinário.”

Ele ficou pálido e lançou um olhar raivoso para Cristóvão; fez um gesto furioso, o punho fechado de maneira que refletia o caráter herdado do pai, o orgulho intratável e ressentido.

“Estás com raiva, disse Cristóvão calmamente. Não há vergonha em cortejar uma moça sem seu consentimento; além disso, Silvino é nosso irmão.”

“Temístocles agiu errado, proclamou Caetano. Foi uma grande honra para ele aliar nossa família à sua. As filhas obedecem quando o pai sabe como comandar.”

Silvino franziu a testa. Reconhecia no seu pai a mesma intransigência que os tinha separado no passado; também sentiu no seu coração um mal-estar confuso quando soube que Apolinário tinha pedido a mão de Fidélia. Quinze minutos antes, não pensava na moça; ele quase a esqueceu todos esses anos. No entanto, uma palavra tinha acabado de abolir o tempo que o separava do dia em que tinha deixado a sua jovem amiga, depois de ouvir um grande juramento da boca dela. Parecia que violavam os seus direitos.

“Pai, disse ele, irei ao casamento, como quiseres.”

Caetano seguia o seu raciocínio.

“Não perdoo a Temístocles pelas suas ideias políticas, nem pela afronta que nos fez ao recusar a

sua filha em casamento”. O que me obriga a manter uma boa relação é a questão do caminho.”

“Que caminho?”

“Ei, você sabe, a história de sempre. Durante as primeiras clareiras, foi solicitada uma passagem no terreno do vizinho, a fim de ligar a propriedade à estrada vicinal. E para poupar o custo de um topógrafo, limitamo-nos a perfurar a floresta ao acaso, seguindo o topo de uma montanha. Mas o caminho apresentava uma inclinação tão acentuada que era de difícil acesso durante a estação da seca e completamente intransitável durante a estação das chuvas. Reconhecendo seu erro tarde demais, o primeiro proprietário tinha pedido uma estrada de exploração que, através de um cafezal, conduzia a um ponto limítrofe das duas propriedades. O vizinho tendo recusado, um processo iniciou e resultou no indeferimento do pedido. Quando o antecessor de Caetano comprou uma das fazendas, Temístocles tornou-se o comprador da outra, e concedeu a franquia do caminho, reservando-se o direito de retirar a autorização sempre que o desejasse.”

Cristóvão mantinha os olhos fixos numa enorme tigela de leite, à qual se misturava a farinha de milho torrada. Ele fez uma pausa e disse:

“É melhor viver em paz com todos,

quando possível.”

Apolinário protestou.

“Há limites para a paciência humana.”

“Eu, continuou Cristóvão, sou o inimigo da caça. Encontrei vestígios de uma paca. Queres caçar comigo, Silvino?”

Este recusou. Queria caminhar pela propriedade, ver os lugares que lhe traziam doces e distantes lembranças.

“Ouça, disse o pai, vais montar Manga larga; não o empresto a ninguém, é o meu cavalo preferido. Mas sei que é um bom cavaleiro.”

E saiu para dar ordens.

Silvino voltou para a varanda e encontrou novamente Alzira. A escrava era muito linda, de uma beleza especial, mas indiscutível, se considerar a harmonia das linhas. A languidez do seu passo lhe dava uma espécie de nobreza. Envolveu Silvino com um longo olhar, mas ele virou a cabeça.

“Olha para o belo animal.”

Caetano detalhava as qualidades do cavalo que um jovem negro trazia.

“Olha para aquele pelo. Nada é mais belo do que uma pelagem tordilha. E que andar!...”

Silvino aproximou-se do animal e de repente reparou no pequeno negro que segurava o cabresto. Negro de ébano, ele parecia ter apenas quinze anos de idade. De longe, parecia

careca, o cabelo encaracolado tão perto do crânio esférico. E seu olhar chamava a atenção com o seu brilho e mobilidade nas órbitas dos olhos.

Quando viu Silvino aproximar-se, levantou as mãos unidas, na atitude das estátuas das basílicas, e saudou com o nome do Salvador.

Silvino pressionou as pontas dos dedos da criança entre o polegar e o indicador.

“Qual é o teu nome, rapaz?”

“Chico, mestre.”

“Francisco... de quem és filho?”

O negro continuou a rolar os olhos nas suas órbitas, onde a brancura azulada da esclerótica se alargava.

Cristóvão interveio.

“Ele é o filho da nossa velha cozinheira, Maria, que morreu há dez anos. O nosso pai criou este menino e se apegou nele. O nequinho é insuportável, preguiçoso, ladrão e começou a beber. Repare como ele tem um olhar fugaz. Mas o velho não quer lhe dar os estribos. Fará dezessete anos logo e ainda é pequeno como se pode ver”.

Silvino montou no cavalo. O cavalo ia a passos largos, uma espécie de trote cadenciado com um ligeiro atraso da retaguarda para a frente. Estava com o pelo lindo, e levantava as patas dianteiras em cadência.

No secador de pedra cimentado, alguns negros trouxeram sacas de café; com um gesto do ombro,

viravam a saca segurando as extremidades, e os cascos escuros, que continham a semente preciosa, formavam pilhas de sombras no secador que um raio de sol iluminava. Um escravo espalhava estes cascos para que secassem facilmente e um cheiro aromático perfumava o ar. Através de uma porta no pátio do gado, alguns negros preparavam-se para conduzir as vacas leiteiras para a pastagem, enquanto um escravo robusto segurava o carro de boi. Ovelhas fugiam balindo; um porco que se mexia na lama recuava resmungando.

Silvino seguiu a estrada escavada nas encostas, na terra de cor ocre vermelho, cheia de fendas onde a água da chuva depositava partículas de mica brilhantes como o ouro. Os prados curtos, constantemente cortados, eram invadidos por ervas daninhas que mulheres arrancavam; aqui e ali, alguns troncos gigantes, escurecidos pelo incêndio do desmatamento, ainda revelavam a floresta primitiva. Arbustos cobertos de flores roxas abrilhantavam os olhares; cipós trepavam em torno dos troncos; deixando cair cachos cor de fogo, um arbusto sem folhas coberto de casca escura desaparecia debaixo de flores cor-de-rosa em cascata.

Numa curva do caminho, o cafezal aparecia; se escalonava até o topo

das montanhas. Os pés carregados cresciam, desde a base até o topo, galhos ramificados cobertos de folhas verdes escuras que, quando vistos em massa, pareciam azuis; os mais novos, amarelos e como que envernizados, cobertos de estrias muito finas, rodeavam os botões e os grãos ainda minúsculos agrupados à distância sobre os galhos; flores florescia pequenas, brancas, bastante semelhantes às do jasmim; um perfume muito suave e pouco perceptível exalava da corola entre os cinco estames. A terra, recém mexida com uma enxada, desvanecia em manchas vermelhas entre as ervas daninhas que a picareta arrancava; mas, mais adiante, os pés mais bem carregados juntavam-se, formando uma floresta anã de grande beleza.

Silvino deixou a estrada e desceu por um caminho inclinado, afastando os galhos, segurando o seu cavalo no chão escorregadio; atravessou a nascente de um riacho na encosta da montanha, irrigando os pés de enormes bananeiras que se dobravam sob o peso dos cachos; a água cristalina caía numa pequena cascata abrigada pela sombra das folhas gigantes dos inhames. E, de repente, viu os escravos, alinhados, no meio da colina.

Subiam lentamente, seguindo as trilhas formadas pelos pés de café,

e raspavam a terra com barulhos, amontoando aos pés dos arbustos as plantas e o húmus que a picareta retirava.

Embora o céu estivesse coberto de nuvens, uma forte humidade encharcava os corpos de suor. Alguns escravos estavam sem camisas; os seus torsos brilhavam. Uns cantavam, outros trabalhavam em silêncio.

Dois pretos puxavam com cuidado o cipó que era chamado de *erva de passarinho*, porque os filhotinhos gostam da sua semente e a espalham nas árvores onde se enxertam, abraçando os troncos e galhos que sugam como um polvo até completo esgotamento.

No chão, as formigas vermelhas tinham estabelecido um movimento de vaivém entre a casa e um cafezal que devastavam: umas cortaram as folhas com as mandíbulas, outras dividiam as folhas em pedaços que transportavam depois para as galerias subterrâneas. Silvino, acompanhando a evolução, chegou até o formigueiro. Encontrou o capitão do mato ocupado a dar ordens.

O capataz fazia cuidadosamente limpar o solo numa área de várias braçadas, a fim de descobrir as saídas das formigas. Após derramar água em cima, um negro espalhou um líquido fétido. E com cautela, aproximou um fósforo aceso, e

uma explosão soou, seguida de outras subterrâneas, destruindo num cataclismo a legião de insetos perversos.

"Bem, Martinho! Me fale da próxima colheita."

O capataz abanou a cabeça.

"Enquanto o café estiver em chumbinhos, não se deve especular: a floração pode ser boa; se vier uma estiagem, metade dos frutos amarela e cai."

A sua longa experiência nos campos o acostumou com a dúvida e o fatalismo; resignava-se com facilidade, não tendo qualquer participação nos lucros nem nos prejuízos do seu patrão. O seu cabelo enorme emoldurava o seu rosto enérgico. Uma barba castanho-loiro, desbotada pelo sol e pela chuva, caía nos ombros cobertos por uma camisa de flanela espessa, emaranhada no torso peludo. Era conhecido como o modelo dos administradores, longe da fraqueza ou de excessivo rigor, mais ligado à propriedade do que ao proprietário, mas de absoluta honestidade, sem grandes necessidades e sem vícios. Nunca tinha tido qualquer fraqueza por nenhuma escrava. Tinha orgulho da sua raça e desprezava os negros. Passou na frente de Silvino, e ambos subiram a íngreme encosta do cafezal.

A linha dos trabalhadores avançava

num movimento uniforme. Os cantores continuavam com a sua lenta e ritmada melodia que saía das gargantas roucas, desajeitadas, com modulações complexas. Às cinco horas, tinham começado o trabalho, e iriam continuar até o anoitecer. Assim, viviam uma existência bestial, não tendo outra satisfação senão a de descansar os membros e encher o estômago. Um momento depois, Silvino os observava reunidos em torno das duas panelas onde cozinhavam arroz e feijão preto, a sua comida diária, nunca variada. O administrador dividia as porções; misturaram o feijão e o arroz nas tigelas, polvilhavam farinha de mandioca por cima, cortavam em pedacinhos a carne seca vinda dos pampas distantes, e depois enchiam-se de enormes bocados, silenciosos, recolhidos, sérios como ruminantes, com o pesar de não terem um estômago quádruplo para encher. Davam pouca atenção à qualidade dos alimentos e muito à quantidade, sendo os únicos extras as raras aves de capoeira roubadas de madrugada, e os tatus errantes surpreendidos ao entrar nas terras. Os olhos de Silvino caíram sobre um dos negros sentado num canto, devorando uma enorme ração. O comedor exibia um crânio recuado, um rosto alongado, lábios enormes, uma mandíbula de gorila com

caninos afiados; os braços eram surpreendentemente longos e a expressão dos traços era a dos grandes quadrúmanos enjaulados, acostumados com o público e agora domesticados.

Silvino reconstruía o gênese deste ser primitivo, os antecedentes da sua raça, na misteriosa África Central, nas margens dos lagos ou na floresta equatorial. Através dos tempos, a estupefação da sua tribo tinha sido preservada a tal ponto que ele parecia ser o homem das cavernas restaurado pelos geólogos e contemporâneo do grande urso e dos animais gigantes do período quaternário.

Nascido para a escravidão, algum chefe teria mandado lhe cortar a garganta na sua aldeia, com uma mensagem para os antepassados; mas ele próprio poderia ter sido esse chefe, e Silvino o evocava rodeado pela procissão das suas mulheres, deitado sobre peles de animais selvagens, atordoado pela embriaguez, atirando longos jatos de saliva para a cuspeira real, respeitosamente apresentada por uma das favoritas.

Ao regressar à fazenda, andando no seu cavalo, Silvino se perguntava, em suma, se a escravidão não era uma bênção para muitos destes infelizes, uma transição entre a degradação secular e as altas esferas

da inteligência e da liberdade, onde os seus descendentes se ergueriam. Ao ponderar sobre este problema, viu um negro se aproximando. Este negro devia ser muito velho, pois tinha o cabelo quase todo branco, o que era um sinal de extrema velhice entre os negros. Um lenço colorido ao redor da cabeça, deixando passar alguns fios de cabelo pelas suas têmporas. Ele carregava uma trouxa nos seus ombros caídos; os seus braços esguios tremiam ligeiramente. Caminhava lentamente com o ar pacífico e resignado de um animal de carga.

Silvino reconheceu Turíbio, o escravo mais velho da plantação; lembrou-se que, quando era pequeno, o ameaçavam com o homem, já de cabeça cinza e curvado. O velho tinha permanecido o mesmo, como alguns objetos que são transmitidos nas famílias, desgastados e sólidos. Ele era livre perante a lei, tendo mais de setenta anos de idade, idade a partir da qual todos os escravos deixaram de ser escravos, mas o que teria feito da sua liberdade após tantos anos de servidão?

Afastou-se para deixar o jovem passar e deu-lhe um olhar atônito, lhe saudando levemente,

“Bem, tio velho! Não me reconheces?”

Turíbio fez um sinal afirmativo.

“Onde vais com essa trouxa?”

O negro, balançando a cabeça, apontou para o local onde os homens trabalhavam. Ele já não servia para quase nada; mas o usavam ainda para recolher madeira para a cozinha.

Silvino o observava com compaixão.

“Deve ser muito velho, Turíbio.”

Então, o velho deixou a sua trouxa no chão e falou.

Não conseguia pronunciar os r’s, tinha a língua presa, misturando palavras africanas nas suas frases. Com uma voz suave, comunicou o seu rapto, ali, na terra de Angola.

Com sua mão trêmula, apontava para algum ponto além das montanhas, acompanhando seu próprio gesto com um olhar sonhador.

Ele disse:

“Quando o chefe me vendeu ao comerciante, eu era um adolescente. Quando fomos libertados na Bahia, o rei tinha acabado de chegar.”

“Que rei?”

Turíbio procurou na sua memória; não se lembrava mais..., mas finalmente a memória voltou.

“Don João, eu acho...”

E Silvino tentou avaliar a idade do idoso naquela hora. Tendo desembarcado na terra da servidão na época em que a epopeia de Napoleão expulsava João VI de Portugal, era então um adolescente. Assim, pelo menos um século pesava sobre os seus ombros, e

ainda penava muito, como um velho cavalo que consome o que lhe resta de energia em puxar sua carroça.

Em vão Silvino tentou interrogá-lo, o velho não conseguiu especificar nada sobre a sua odisseia; a longa caminhada pelo deserto, a vista do oceano, o embarque no convés, com o resto do rebanho humano: tudo isto ficou na sua mente como a memória imprecisa de um pesadelo. Na verdade, ele só se lembrava dos golpes que tinha recebido, do trabalho incessante, do longo calvário da sua existência sem alegria.

De repente, ele gritou:

“O capataz vai ficar furioso.”

E ele apanhou a sua trouxa. Já tinha retomado a sua caminhada, quando se virou; algo como um sorriso vagueou nos seus lábios e disse em voz baixa como para uma confiança:

“Terra de Angola... belo país!”

Havia tanta nostalgia nessas simples palavras, que Silvino teve de repente a visão da injustiça irreparável, e a escravidão apareceu na sua monstruosa iniquidade.

Ainda pensava nisso quando, ao fim do dia, os negros se alinharam de novo para saudar o mestre e o senhor, antes e depois do trabalho cotidiano.

Grandes gotas de chuva caíam. Após o dia de tempestade, o céu ficou

coberto de nuvens nimbus. Quando a trovoada estourou, foi um susto. Na claridade dos relâmpagos, viam-se as torrentes; e ali, a fachada da casa dos escravos erguia-se, sinistra como um gueto.

De repente Silvino lembrou-se da sua conversa com os seus irmãos e o seu pai:

“Fidélia!”

Como de manhã, ele sorriu. Lembrava-se desta companheira de infância, sua primeira paixão quando jovem; a imaginava muito calma, muito doce, com o seu delicioso rosto de morena, os seus gestos ponderados, a sua voz carinhosa. Durante muito tempo, ficou respirando a brisa da noite. Os aguaceiros traziam frescor. Silvino redescobria cheiros esquecidos havia anos: era o próprio aroma das suas memórias.

MHT - Após ter contextualizado o romance, neste primeiro capítulo, numa fazenda de café com a volta do filho mais novo, não posso deixar de notar a inspiração literária e a intertextualidade em relação às tramas dos romances de Machado de Assis. Bentinho tinha ciúme do Escobar. Parece que a narrativa do seu romance inicia com o ciúme e dúvida 'infundada' de Caetano com o primeiro marido de sua mulher, dona Paulina? Poderia destrinchar a narrativa?

AD- O filho de Caetano e de dona Paulina, Silvino, parece fisicamente com o defunto. Além disso, tornou-

se médico como ele. Assim que Silvino voltou, voltou também o amor por Fidélia a quem amava desde a infância. O irmão mais velho, Apolinário pediu a mão de Fidélia, mas como não o amava, ela recusou o casamento. Mas, o obstáculo maior deste amor foi a briga entre os pais dos amantes: Temístocles d’Oliveira, pai de Fidélia, proibiu Caetano, pai do Silvino, de utilizar a estrada que atravessava o seu terreno.

Após uma briga entre irmãos, Silvino voltou ao Rio de Janeiro onde se encontrou com seu antigo inquilino, do tempo em que era estudante, Saturnino Ribeiro com quem conhecerá muitas cortesãs. Retornará à fazenda após o assassinato do pai por um escravo. E consegue se casar com Fidélia porque ajudou no incêndio da fazenda de café do pai dela.

MHT - Quais os principais questionamentos evocados no romance?

AD- A natureza tem um lugar preponderante na narrativa, pois aparece muitas vezes personificada e com longas descrições. A questão política tem também um lugar central com o fim da escravidão, a filosofia positivista, o declínio da Monarquia e a instauração da República. O romance contém muitas reflexões sobre a filosofia positivista de Auguste Comte e sobre a questão do sentimento ou da falta histórica do sentimento de humanidade, sempre rejeitado pelos sábios que privilegiam os loucos sanguinários, as religiões avassaladoras que torturavam e queimavam e sempre elegeram os lucros em detrimento de humanidade.

“Galileu, Arquimedes, estão mais vivos hoje do que durante a sua

existência terrena. Assim libertada do misticismo, a caridade torna-se altruísmo. O maior homem que já existiu foi Augusto Comte, que formulou a religião do futuro, a religião da Humanidade.” A Humanidade!

Era, portanto, segundo a concepção de Comte, o panteísmo das ações humanas a longo prazo. Ele deificava apenas atos úteis, personalidades virtuosas, indivíduos bons, na realidade todo o conjunto, ativo e passivo, bem e mal, beleza e feiura, pertenciam à herança, passada de século em século, de geração em geração.

Então, aos olhos finalmente esclarecidos de Silvino, o ídolo deformado apareceu manchado de lama e sangue.

Desde os tempos bíblicos em que Caim matou Abel, desde a era mitológica em que Tifão matou Osíris, desde a era heroica em que Etéocles e Polinices se mataram um ao outro, a Humanidade deixou sua marca sangrenta na história, em meio ao ódio, tiranias e atrocidades. Cidades inteiras desapareceram nas chamas acesas pela ira de um conquistador, e milhares de seres humanos, empurrados como gado vil, foram vendidos ao maior licitante. Em toda parte, a força prevalece sobre o direito, a ponto de constituir por si só um título de imortalidade.

Um louco que conquistava vitórias pelo prazer de fazer presente de sua realeza aos monarcas derrotados, preenchia a história com seu nome. A glória, como as flores dos cemitérios, crescia nos campos de batalha, entre os ossos, nas cinzas dos mortos.

Quando o velho mundo esgotava os últimos vestígios de sua força na voluptuosidade senil e nas tormentas do Império Bizantino, as hordas bárbaras vindas do Norte passavam como raios e tempestades, matando e devastando tudo: Alarico devastou a Europa, do Danúbio às colunas de Hércules, e Atila cortejava a decadente civilização de Roma sob seu flagelo.

Mais tarde, Tamerlão construiu uma pirâmide sombria de noventa mil cabeças cortadas; e, na mesma época em que Comte desenhava as primeiras linhas de seu "Sistema de Política Positiva", o mais trágico dos conquistadores modernos estava levando a responsabilidade de um milhão de vidas humanas para o túmulo.

Cada vez que um homem sábio ou justo emergia das profundezas da multidão perversa, a humanidade o apedrejava até a morte com seu ódio e desprezo. Atenas exilou Aristide, Sócrates bebeu cicuta, Catão cortou suas entranhas em desespero de sabedoria, para Cícero foi negado a glória de salvar seu país, e Sêneca

cortou suas artérias no seu banho. Quem fazia alguma descoberta notável era suspeito ou perseguido: Galileu foi forçado a negar a ciência; Colombo levou suas correntes no seu caixão; o primeiro vapor que navegou sobre as ondas foi destruído por uma multidão desenfreada. Em nome dos filósofos mais puros, homens que afirmavam estar em busca de sabedoria, cada um a seu modo, insultavam-se e chamavam-se mutuamente de impostores.

Em nome das religiões mais misericordiosas, pessoas eram torturadas, cortadas, massacradas e queimadas. Os judeus colocaram os adoradores de ídolos à espada, e os idólatras jogavam a prole de Israel nos flancos avermelhados do Baal. Sob o velório púrpura dos anfiteatros o sangue dos mártires corava a arena, e alguns séculos depois o paganismo era, por sua vez, perseguido em Bizâncio. Depois, veio a era cruel do fanatismo cristão, do gueto, da Geena, da inquisição, do *in-pace*; nos quatro cantos das cidades, fogueiras projetavam sua fumaça sinistra sob o céu impassível: vítimas vestidas com o "San Benito" e com a coroa gritavam nas chamas avermelhadas.

Em nome das ideias mais nobres, das prerrogativas mais imprescindíveis do homem, em nome da liberdade e da fraternidade humana, o cadafalso

havia sido permanentemente erguido na capital do povo mais civilizado do mundo; os menores cantões, imitando seu exemplo, tinham suas guilhotinas onde houvesse população suficiente para prover vítimas para o carrasco. Para os menores recantos, para os pequenos povoados, havia guilhotinas de passagem, assim como hoje há máquinas que separam o trigo do joio de fazenda em fazenda e de povoado em povoado.

Cada geração, inclinada sobre a ferramenta ou a lama, pensa apenas em si mesma, trabalha apenas para si mesma.

A herança do trabalho, da ciência e do progresso que chega dos tempos mais remotos chegou até nós, porque há sempre interesses comuns que ligam as novas gerações às aquelas que vão desaparecer.

O fazendeiro que colhe as espigas de milho, bate nelas, pensa apenas no preço que receberá, e não no benefício para a humanidade; e o trabalhador que empurra a plaina e aquele que martela o ferro, e aquele outro que faz ranger a pedra, pensam apenas nos seus salários; como é alegre o pedreiro de mármore que grava as inscrições funerárias como num berço; calmos o padeiro que amassa o pão do homem e o operador do alto-forno que funde o bronze dos canhões.

Homens se conheceram às vezes por viver sob sacrifício e abnegação para o bem dos outros. Mas era em nome de uma religião ou filosofia superior, em nome do dever e da virtude. No máximo, podiam ter piedade daquela humanidade imbecil e perversa e, se se sacrificassem por ela, não esperavam nenhum retorno, somente o testemunho supremo das suas consciências.

É verdade que existem hospitais, maternidades e instituições beneficentes. Vemos pessoas esfarrapadas amontoar dinheiro, esticando as mãos. A dor, a doença e a pobreza nos afligem, porque vemos nelas a possibilidade de sermos pobres e doentes nós mesmos. Mas se a sociabilidade do homem é uma fatalidade, se o bem geral contribui para o bem de um certo número de indivíduos, se as sociedades se organizaram porque o homem morreria no isolamento, apesar de tudo, nunca a humanidade inteira respirou um só fôlego, viveu uma única vida, rezou num único credo, nunca foi a divindade beneficente diante de quem o filósofo nos faria reverenciar, ela é antes a deusa da luta, da guerra, das vitórias impiedosas e sangrentas; e como os deuses bárbaros dos escandinavos, ela só abre o céu para os vitoriosos. No entanto, as pessoas cansadas de ouvir deixavam o templo. Silva

Neves continuava. Por agora, estava definindo o papel da mulher como concebido pelo positivismo. Depois da promiscuidade e da poligamia, a mulher se elevou gradualmente na sociedade grega e romana; o monoteísmo a colocou numa posição mais superior, o próprio catolicismo a divinizou. Mas foi Auguste Comte quem descobriu a fórmula definitiva da religião positiva: o amor único na vida, e a eterna viuvez além do túmulo.

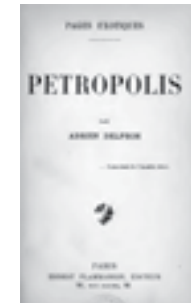
Em que base real essa teoria está estabelecida, pensou Silvino. Em nome de que observação, que lei indiscutível, Comte exige essa unidade no amor? Basta olhar em volta para ver que está em oposição à realidade da vida; só seria praticável em nome de um princípio superior, pois contradiz a mera observação dos fatos.

(Delpech, Trad. Marie Helene Torres, *Roman brésilien, moeurs exotiques*, Livro III, Capítulo II)

1909, *Petrópolis*

MHT - *Petrópolis* é o seu segundo romance, publicado em 1909 em Paris, em francês, pela editora Flammarion com um acréscimo de "Pages Exotiques" na parte de cima da capa do livro. Poderia comentar o paratexto como, por exemplo, a capa, a contracapa e o prefácio?

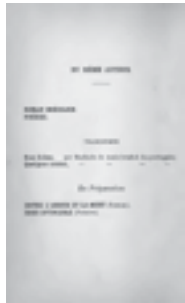
AD - Eis a capa do romance *Petrópolis*:



Muitas referências a este livro trazem "Pages exotiques" como subtítulo. Porém, como o comprova a localização espacial da página de título, não é um subtítulo. Poderia ser uma "coleção" ou ainda uma cartola como nas revistas e jornais, estratégia para cativar o leitor. A cartola é um ante título e serve como mais um elemento de introdução do grande tema ou do assunto da matéria do jornal ou da revista. A função da "Pages exotiques", posicionada acima do título, antes do título, é a de propor aos leitores franceses um romance sobre o Brasil, país longínquo e sobre o qual pouco se

sabia no início do século XX. Portanto, sobre um Brasil exótico.

Posso ressaltar ainda dois elementos do paratexto. O primeiro diz respeito à página de marketing da editora:



Não cheguei a publicar *Poésies*, nem *Entre l'amour et la mort* nem *Eros invincible*.

O segundo paratexto que merece destaque é o prefácio de *Petropolis*, (provavelmente) escrito pelo editor, e que apresentamos em tradução para o português na parte sobre Delpech tradutor, onde enalteço o lado exótico e tropical do meu romance.

Petropolis termina com a data de Rio de Janeiro, 29 de junho de 1909. Somando 374 páginas, divide-se em quatro partes: a 1ª que contém 11 capítulos sem títulos acaba com o primeiro beijo de Sylvia e Henri; a 2ª parte, com 6 capítulos, retrata a vida parisiense de Sylvia e Henri, casados; a 3ª parte, com 4 capítulos, mostra o personagem de Henri saindo com outras mulheres, inclusive Flonflon. Há muitas reflexões sobre a inutilidade do artista e sobre o tempo que não passa, sobre o amor carnal e espiritual. Finalmente, a 4ª parte contém 11 capítulos e atesta ao mesmo tempo o declínio financeiro e amoroso da alta burguesia carioca

e a recuperação financeira pela arte.

A narrativa inicia quando Henri de Palan, protagonista, pintor, chega de transatlântico, em setembro de 1891, no Rio de Janeiro, "cidade exótica onde ia morar" acolhido pelos tios dele, tio Louis Lendit, grande produtor de café e banqueiro riquíssimo, do qual será herdeiro 10 anos depois, e tia Theodora:

No cais do desembarque, em frente ao antigo mercado sujo pelo tráfego matinal, Henri estava interessado nas idas e vindas das barcaças, no amontoado de frutas tropicais, nas balbúrdias pronunciadas numa língua dura e nasal. Toda uma população colorida agitava-se na praça, cheia de mantimentos: negros com a juba empoeirada; mulatos com a tez acinzentada; carroceiros portugueses, enchendo o peito sob a camisa de flanela colorida. As travessas abriam-se entre as casas baixas, de telhas queimadas nos telhados desgastados pelo tempo, e deram a impressão de uma cidade construída num tempo muito remoto, por pessoas pouco preocupadas com o conforto; e, numa via mais larga, restaurantes, cafés, casas de câmbio, armazéns escuros, anunciavam um bairro comerciante; as mulheres eram raras, os homens caminhavam depressa, limpando-se no calor forte⁴⁰.

40 Todos os excertos de *Petropolis*, originalmente em francês, foram traduzidos por mim.

MHT - O seu texto é muito descritivo, realista, com pincelada autobiográfica, já que você é naturalizado brasileiro como seu personagem tio Lendit:

Primeiro vai se sentir deslocado nos primeiros tempos; e depois vai se acostumar. Se ficar aqui dez anos, vai tornar-se brasileiro como eu

Poderia falar sobre as características e estilo da sua narrativa.

AD - O texto tem facetas autobiográficas, sem dúvida. Por exemplo, como era professor de francês, faço algumas reflexões sobre as línguas ao longo da narrativa, comparando as línguas portuguesa e francesa:

[...] um jeito engraçado de falar francês, tio Lendit. O português está influenciando muito seu vocabulário e sintaxe; ele fala numa espécie de jargão bilíngue, comum a quase todos os franceses que Henri encontrou durante o dia. Ele não diz "le coin de rue" [a esquina da rua], mas "Tesquine", fala de pessoas que "embarcaram no trem", confunde terno, fraque e jaqueta, manda "lacrer ses lettres" [lacrar suas cartas] e declara gravemente a um corretor francês que o obcecava, que "cette affaire ne lui sert pas" [este caso não lhe serve].

Ainda podemos encontrar no meu texto escrito em francês algumas palavras e expressões em língua

portuguesa o que exotiza a narrativa, mostrando o *outro* dentro do texto. Sem exaustividade, peguemos a palavra *saudade*:

Saudade: a bela palavra encantava Henri. Tentou, sem sucesso, traduzi-la muitas vezes. Condensava para ele a mentalidade de uma raça afetuosa, predisposta à nostalgia e ao sonho com o surgimento dos locais verdes e sérios de Tras-os-Montes e Alentejo. É num canto perdido das montanhas lusitanas, que um pastor, pensando na sua noiva que permaneceu na aldeia, encontrou sem dúvida a palavra mágica que perturba, com os acordes do violão e as estrofes dos fados, a alma dos noivos e amantes. Fala da tristeza e arrependimento, às vezes de esperança, sempre marcados com resignação. O sentimento que expressa, distinto da melancolia, é menos artificial e mais preciso, e não se perde nessa complexidade aparente que permite que pequenas almas ampliem sua maldade.

O amante separado de sua amante, o pai distante de seus filhos, o velho e o estrangeiro, exilados da juventude e a pátria, os sentem por sua vez. "Saudade", disseram na época do domínio espanhol, os patriotas chorando pela liberdade antiga. "Saudade", repetiram os navegadores portugueses, plantando a bandeira de Bragança

em terra nova, homenageando a metrópole de alguma ilha, combinando sua vegetação com as ondas de ardósia do oceano. "Saudade", gritavam, lembrando o solo nativo, os primeiros colonos que derrubaram as florestas milenares e transmitiram de geração em geração, a palavra inefável, através de lágrimas, sorrisos e beijos.

No romance, Henri, o protagonista, estudou na Escola de Belas Artes, contrariando o pai que queria que seguisse a magistratura como ele. O narrador o mostra em inúmeras cenas sobre a arte, a poesia, a música, a pintura, num quadro oxímoro 'de amor da arte e de arte do amor'. Recém-chegado ao Rio, o tio o envia a Petrópolis para aclimatar-se. Mas, entediado, desenha para passar o tempo. Faz o retrato de Sylvia, prima de uma viúva que conhecerá num baile, Lina Silva, escultora da qual se apaixonará muito depois do seu casamento com Sylvia. As personagens femininas se apaixonam por Henri: Lina, Sylvia, Maria Leonor e a sua ex-amante Flon-flon Demanilles que chegou de Paris acompanhada de um negociante português.

MHT - Você intercala muitas partes históricas no romance. Poderia falar sobre as questões históricas e realistas?

AD - Sim, há muitos diálogos no romance nos quais o narrador acaba discutindo da história do Brasil e da sua colonização, principalmente sobre a tentativa de Villegagnon de colonizar Rio de Janeiro e sobre os portugueses:

— Tenho lido sobre a história do Brasil nestes dias, diz Henri; é curioso observar como a ideia de pátria está se formando gradativamente nas consciências. Esta concepção primordial, instintiva como a associação das formigas, feita de interesses e sacrifícios, orgulho e autossacrifício, evolui sempre da mesma forma, o que comprova o quanto é humana e como seria uma loucura tentar impedi-la. Um rio, uma montanha, uma linha imaginária, bastam para separar o homem do homem. O egoísmo, que é, no fundo, a ligação de todas as nossas ações, une aglomerações dispersas, da mesma língua e religião, ou que têm simplesmente interesses comuns de intercâmbio e comércio. Um homem aparece; ele resume em si as aspirações destes grupos, o seu orgulho de nacionalidade nascente. Surge uma guerra, e a pátria é constituída. As virtudes cívicas nascerão do egoísmo, da ambição, da ferocidade e do ódio, como as preciosas flores do esterco.

— Sim, respondeu o ministro, é a história de todas as colônias americanas. Originalmente povoadas por aventureiros, continuam a dedicar-se à pátria enquanto os nativos tiverem de ser combatidos e enquanto a abundância da riqueza nativa não tornar a tributação

demasiado onerosa. Os índios recuaram; cidades foram fundadas; o clima e a atmosfera afetaram lentamente as novas populações. Os primeiros conquistadores tornaram-se lavradores pacíficos, pastores contemplativos. Parte dos nativos, donos da terra, adaptaram-se à civilização e se casaram com os recém-chegados. Nasceram homens, que já são de uma nova raça, pelo sangue e pelo pensamento. A própria língua se alterou; o sotaque se modificou; palavras e expressões locais foram criadas; correspondem às necessidades, bem como aos sentimentos originais. A fertilidade do solo diminuiu, pela continuidade, a brutalidade das culturas. Um vice-rei parte de mãos cheias, outro, pobre, sucede-lhe. Traz consigo preconceitos e ambições ultramarinas, o desejo de regressar o mais depressa possível para desfrutar do prazer gordo do tribunal. Uma vala, que se torna um abismo, alarga-se entre a colônia que ele governa e a metrópole que representa. E o cataclismo final ocorre.

— Só a Roma antiga, diz Salvani, foi capaz de inspirar o Mundo que conquistou, o amor e o terror do seu nome.

— Como a Alemanha ainda não sendo um grande império colonial, disse o ministro, vou abster-me de protestar. Galo e Pompeu Trogo concordariam

com você, mas não Vercingetórix ou Clovis. Não é verdade? Sr. de Palan. Uma questão de época; o próprio índio, em algumas oportunidades, deve ter amado o seu vencedor, que lhe deu mosquetes e tangas como recompensa pela sua submissão e baptismo. Além disso, a história do Brasil não difere significativamente da história dos outros povos da América do Sul: a dominação da metrópole foi-se afirmando lentamente. Portugal não entendeu, de início, a importância da sua conquista. O reinado transitório das capitânias, ao introduzir o sistema feudal no Brasil, enquanto estava em plena decadência na Europa Ocidental, permitiu primeiro a colonização de todo o litoral; mas quando Lisboa, depois de regressar das suas ilusões sobre as Índias, entendeu finalmente a importância do seu império americano, aplicou rapidamente um novo regime de centralização e extorsão à sua colônia.

— Para qualquer pessoa dotada de uma imaginação um pouco poética, diz Salvani, exala-se da história deste magnífico país, cheio de fantasmagoria e mistério, um encanto profundo. Lamenta-se não o ver traduzido na pedra, porque os monumentos de épocas longínquas são raros, sem caráter original e nítido. Pelo menos, a lenda dos tempos heroicos da colonização

manteve um sabor muito diferente do dos nossos ciclos heroicos, mas não menos poético.

— O que mais impressiona o pensador, respondeu o barão, é a reação das forças opostas reunidas: por um lado, a ambição desenfreada dos aventureiros, que se enfraquece e acaba se transformando, quando passam de exploradores a colonos; por outro lado, a resistência das raças autóctones, o mal-entendido primordial entre o branco e o índio, tão deplorável que poderia ter sido evitado. E ainda a colonização paralela dos jesuítas, obedecendo a uma tática admirável, liderando ao mesmo tempo a catequese e o cultivo da terra, dominando o índio sem o escravizar, enquanto os colonos seculares o escravizavam sem o dominar. Foi a luta dos primeiros ocupantes contra os piratas de todos os países, contra os corsários holandeses e franceses, luta em que o Rio de Janeiro, a Bahia e Pernambuco estiveram em cena.

— Senhor Ministro, diz Henri, as suas palavras evocam o nome deste Nicolas Durand de Villegagnon, conquistador e doutrinador, que tomou o Rio e se instalou nesta cidadela, acima destas rochas, verdadeiro antro de flibusteiros, onde gosto de evocar a sua imagem na auréola do sol poente. É justo que esta pequena e temível ilha tenha o

seu nome. O companheiro de armas de Coligny enfrentou os portugueses, enquanto discutia sobre a graça e os sacramentos. Figura austera e altiva, ganhou até a admiração daqueles que destruíram a sua obra. Sem as dissensões religiosas, que retiraram toda a unidade da sua pequena colônia, talvez ele tivesse permanecido no território rico que sonhava conquistar. Ele é sem dúvida um dos representantes mais típicos desta geração de pensadores militantes do século XVI, políticos e guerreiros, uma mistura singular das qualidades positivas do estadista e do misticismo do sectário. Agrippa d'Aubigné transmitiu no seu *Tragiques* [Trágicas] o sopro do seu heroísmo e intransigência. Quando Villegagnon foi despertado do seu sonho imperial, tomou a cruz maltesa e representou a Ordem no tribunal francês. Foi um espírito superior que as circunstâncias traíram. Não será preocupante, apesar de tudo, perguntar o que teria sido deste imenso país, sob o domínio de outro povo, já que foi conquistado por pouco?

— Sejamos justos, diz o ministro. A colonização dos portugueses não foi tão ruim como muita gente pensa ou diz. Eles têm o senso da associação e da solidariedade. Verá isto por si próprio, Sr. de Palan, quando visitar os hospitais e as

sociedades de benefício mútuo por eles fundadas e, sobretudo, quando observar como se entendem e se apoiam mutuamente. Esta foi uma qualidade valiosa nos primeiros tempos da imigração. Deploremos o seu espírito de rotina: é o preço de sua perseverança. O seu objetivo era o de fazer coisas duradouras — e não belas — neste país.

MHT - Podemos afirmar que seu estilo que vai da crítica social à descrição detalhada da fauna e da flora é um estilo realista ou mais realista?

AD - A crítica que faço à alta sociedade petropolitana passa sem dúvida pelas observações realistas e quase fotográficas do narrador:

Uma manhã de domingo em Petrópolis. — Manhã friorenta e ensolarada. O corpo, debilitado pelo calor úmido do Rio, sente qualquer baixada de temperatura. O frescor penetra na alma molenga na morna e sempiterna umidade, e dá uma nova impressão de vida e saúde. O céu tem um tom abafado; nas colinas, estende-se um grande manto verde. Algumas partes são sombrias como as cristas transparentes das ondas; outras, nos picos onde corre a folhagem, têm o reflexo metálico da esmeralda.

Na rua, jovens moças, voltando ou indo para a missa, param, falam

e sorriem com esse ar um pouco indolente das mulheres de todos os países quentes. Os seus passos têm uma graça lenta e inclinada. Suas peles muito pálidas, às vezes cor de azeitona, mais escuras nas pálpebras, perturbam os sentidos, sob esta languidez e nuances que sublinham o olhar.

Em contraste, grandes moças avermelhadas, com membros robustos de fêmeas férteis, conservam nos seus traços, os seus olhos de porcelana, os seus cabelos de um loiro sem reflexos, o tipo inalterado das mulheres sólidas da Helvécia.

Os carros de aluguel estão circulando, ao ritmo dos cavalos. Os nenéns, bem-comportados, estão rindo nos bancos. Bons burgueses do Rio, cansados do trabalho da semana, descansam, com um rosto alegre, contemplando a sua descendência. Carros de mestres passam puxados por pequenas mulas nervosas, carregando prestigiosas matronas, pessoas olhando e acenando de muito alto.

Nesta América, onde o dinheiro tem, como em todos os países novos, um valor mais decisivo do que na velha Europa, uma cidade de luxo e conforto como Petrópolis deve estar nas mãos dos gananciosos.

Alguns são ingênuos: exibem o seu luxo como o algodão das cortinas

nas lojas: “São tantos metros, e vale tanto”.

Outros fazem mais pose e ostentação, flores de rastaquerismo, que florescerão do outro lado do Atlântico, e lançam sobre os países que as viram florescer uma má reputação.

Há aqueles trágicos, cuja fortuna está manchada de lágrimas e lama. Há ainda os afortunados, que devem a sua sorte a uma feliz e natural falta de carácter, e que, uma vez ricos, têm às vezes súbitos e divertidos despertares de dignidade.

Tem de todos os caracteres, e de todos os aspectos; de todas as idades, e todos os países; insuportáveis em vários graus, mais do que em qualquer outro lugar, mesmo assim, porque aqui o ridículo atinge-os menos. Nas manhãs de domingo, o frescor exalta o seu esplendor como o orvalho acentua o perfume das magnólias e tubérculos.

O romance que mostra o quanto a natureza estava presente na vida no Brasil e em Petrópolis particularmente é não somente levado, como um fio condutor, pelos bailes e passeios dos personagens nos jardins, mas também pelo calor pela umidade onipresente. A mata, a natureza e o mar ritmam toda a narrativa:

L'Ermitage, uma confortável casa de campo na periferia da cidade,

adormece sob as clematis e a vinha japonesa que trepam no terraço e nos muros. As flamboyant lançam a sombra das suas folhas franjadas e vagens lenhosas. Já as flores de brasa se iluminam com raios vermelhos.

[...]

Num canto de sombra fresca e úmida, as plantas estranhas, alinhadas nas suas caixas de bambu cheias de musgo, alimentam-se das partículas impalpáveis no ar: plantas misteriosas, cultivadas aleatoriamente em florestas profundas, na casca de árvores gigantes. Flores desconcertantes, em forma de insetos, rastejantes ou aladas, balançam com o vento. Exalam às vezes um perfume doce, às vezes um cheiro acre. As amarelas, sanguíneas, palpitam na brisa, como borboletas de alfinete, tentando voar num último esforço. Outras penduradas em formato de sandália, como um chinelo fofo de Lilliput. Outra ainda faz caretas, perturbadora, com manchas e sombras profundas, que lhe dão a aparência de uma caveira. Algumas são manchadas, estampadas, de preto e branco ou tigradas. Por todo o lado, as longas pétalas das cattleyas com os seus tons de guache, untuosas e frágeis, nevadas nas bordas, roxas no centro, e penugentas como veludo, triunfam sobre a tonalidade escura das folhas rústicas.

[...]

A garoa habitual caiu pela manhã. Após uma tarde quente, seguiu-se uma noite morna e estrelada. Acima dos gramados embebidos de luz úmida, a lua vermelha pendia como uma grande lanterna, dominando os lampiões amarrados aos ramos flexíveis dos ingás e manacás do jardim. Os corações pálidos das magnólias dilataram-se, e das suas pétalas pingava uma fragrância cremosa. As flores do rosa-louca, chamadas de "Amor dos Homens" devido às suas tonalidades instáveis, balançavam os seus cálices em formato de sino, brancos pela manhã quando florescia e agora avermelhados pelos raios do sol. Embaixo, grandes vitórias-régias estavam inclinadas na bacia com as suas cabeças coroadas e meditativas.

[...]

Um sabiá zombeteiro assobiava na folhagem. Saíras multicoloridas cruzavam-se como foguetes nos ramos. Os peixes dourados perseguiam as moscas no tanque. Uma grande borboleta azul se assustou com a passagem rápida de um beija-flor. Os arecas-bambu sacudiram seus tufos de palmeiras desfiadas acima da dracena, a cor da sotaina de um bispo. Nas flores ensanguentadas de uma euforbiácea, um besouro iridescente parecia uma pedra preciosa incrustada no coral. E

as flores da Quaresma casavam suas tonalidades penitentes com as dos sinos flamejantes do mimo-de-vênus com pistilos dourados.

Quanto à fauna, ela é descrita com respeito e muitos detalhes. A veneração pelo mar percorre todo o romance. O exotismo não seria diferente no século XXI se um brasileiro fosse passear na mata atlântica:

Um colibri zumbiu entre os galhos, repicando diretamente até às copas das árvores, ou visitando o cálice de uma flor. O rápido batimento das suas asas impossibilitava distinguir os seus movimentos; parecia imóvel no espaço, sem outro suporte que uma frágil corola pálida, sob o arco-íris das suas nuanças. Passava para outra flor, correndo para as begônias iridescentes, embriagando-se de jasmim, violando a pureza dos lírios, atacando os manacás, que carregam no mesmo caule flores roxas e brancas, como vemos, na mesma família, irmãs morenas e loiras passeando lado a lado ao longo dos caminhos.

Na floresta tropical, temos a desilusão dos contos de aventura, das viagens extraordinárias, das caçadas inventadas.

Os bambus apertados formando uma cerca, os matos impenetráveis protegem os animais de caça

atentos. A trilha evoca uma longa procissão de caçadores, abrindo pacientemente com os seus facões o caminho sem fim. Algumas centenas de metros fora deste caminho representam horas de luta contra espinhos revoltosos e cipós pegajosos. Um som de asas, um galope assustado, um galho que se agita, revelam a passagem de um animal na mata. É preciso milagres de paciência, iscas e acostumar-se novamente a este mundo furtivo, para entrever um dos seres que o compõem.

No chão, as galinhas do mato assobiam discretamente; os inhambus-chororó vocalizam em arpeje; a capoeira explode em tons de provocação e triunfo; a paca anda com o seu focinho de rato; a cutia com o pelo fulvo nas trilhas. A onça-pintada desertou esses matos suburbanos.

Sobre as árvores, uma variedade de mutuns, o jacu, todo preto com papo vermelho, parece um faisão fantasiado de luto; a araponga dá um grito estridente, semelhante à ressonância do martelo e da foice. Rolas arrulham; bugios rugem num concerto formidável. Outros macacos, menores, gemem e se lamentam como um passarinho caído do ninho. Eles passam brincando, e às vezes um deles para e mostra os dentes. Legiões

de periquitos rangem nos galhos altos, fundidos entre a vegetação. Pássaros iridescentes comem nos ramos carregados de bagas; um beija-flor incansável bate as asas, enfia o seu longo bico num cálice de flores silvestres e foge.

Muitas vezes um tronco de árvore derrubado interrompe a marcha. Apenas a parte que bloqueia o caminho é visível. Todo o resto está coberto de vegetação densa que vive da sua substância. Às vezes, uma caranguejeira enorme, peluda, monstruosa, incrivelmente gorda, sai debaixo da terra. Parece uma sombra carnuda e depenada, carregada por um caranguejo gigante.

Répteis pavorosos surgem inesperadamente: a surucucu estampada como um belo tapete ou um caxemira das Índias; a jararaca preguiçosa e a coral vermelha e branca. Lagartas sedosas ondulam e queimam como brasas.

É a mata continua assombrosa no final.

O civilizado de hoje é mais humilde, mais ínfimo do que o índio que outrora perseguia. É como foi há três séculos, há dez séculos; como permanecerá até o dia em que o homem, incapaz de dominar, destruirá a natureza.

E de repente, de um ponto alto, numa clareira de troncos milenares, ELA aparece, a fascinante baía, alma

e glória do Rio. Mostra-se com a sua sinuosidade, ilhas, fortes, morros, navios ancorados, no esplendor das horas ensolaradas. Triunfa na sua realeza, sob o seu manto de cerimonial de ondas.

Picos altos coroados de verde, águias nos cumes, pássaros cantantes e mata sonhadora, a contemplam e admiram.

Acrescentaria que as travessias transatlânticas entre o Brasil e a França ritmam a narrativa que inicia e termina com um navio chegando e voltando na baía de Guanabara, passando pela primeira viagem de volta ao Brasil na metade do romance:

“Adeus, França!” diz Henri, saudando o farol de Cordouan. E arrastou com ele a sua mulher, que já estava quase desmaiando nos primeiros balanços do navio no Golfo de Biscaia. O golfo era ruim. Henri ficava perto de Sylvia, doente na sua cabine, ou subia ao convés para respirar no espaço cheio de ar sávido. O vento tinha gosto de algas e sal. O mar estava cinzento e desbotado com o nevoeiro. À proa do navio, altas muralhas erguiam-se: “Não pode ir mais longe”. A quilha pesada partia a onda com um movimento uniforme e teimoso: a parede molhada desmoronava, descobrindo, ao longínquo, grandes marulhos silenciosos.

Na manhã do terceiro dia, sentindo o

navio imóvel sob os seus pés, Sylvia e Henri subiram ao convés. À sua volta, o porto de Marin se mostrava calmo e azul, circuito na serra da costa espanhola. Barqueiros, atracados ao navio, ofereciam em voz rude uma medida de conchas por algumas pesetas, enquanto na parte de trás do barco, um garoto moreno segurava o balde, salmodiando um canto local onde coaxava o sotaque gutural da jota.

Poucas horas depois, andaram pelas ruas de Vigo. Pobres, piolhentos, pediam esmola nos cantos dos becos. Era um domingo: jovens apanhavam e arremessavam uma bola com cestas de vime, debaixo dos castanheiros. Mulheres de chapéu e outras de mantilha os observavam. Numa posada, dançarinas sacudiam a cintura tocando tamborim: “Salero!” Os passageiros, em grupos, encontravam-se na cidade. Duas pequenas mulheres que estavam indo festejar na Argentina passaram de carro, acompanhadas por um senhor de idade.

No dia seguinte, Sylvia viu novamente os encostos do Tejo, a pesada torre de Belém e as casas multicoloridas de Lisboa, reminiscências dos bairros coloridos do Rio. Sylvia escutava falar a sua língua materna, mas com a dura entonação da velha metrópole, difícil para os ouvidos dos brasileiros. Encontraram telegramas,

cartas trazidas pela Sud-Express, as últimas despedidas de França, antes da longa viagem pelo do Oceano. Depois foram dias mortos e ociosos. Os passageiros começaram a estudar-se e conhecer-se uns aos outros. Havia uns expansivos e concentrados, orgulhosos e apegados, indiferentes e fofoqueiros. No convés, onde as cadeiras de palha marcavam o lugar habitual dos viajantes, algumas mulheres simpáticas ou bonitas tinham o seu cortejo. As duas cortesãs chamavam-lhes de inconstantes: "Será que vão ter acabado quando chegar a pausa?" Mas, elas também arrastavam de muitos solteiros e vendedores ambulantes. Estes últimos as levavam ao bar, onde as suas gargalhadas afogadas em copas de champanhe, perturbavam a atenção morosa dos jogadores. Grandes *estancieros*, já despojados em Mônaco, deixavam o fundo das suas bolsas nas mãos dos que blefam. Bah! a próxima colheita de lã cobriria o déficit: "Y más diez, y más veinte, y más treinta libras, caramba!" diziam em espanhol. Um cavalheiro com longo bigode sentava-se ao piano, abria uma partitura ao acaso e, durante horas, tocava tudo o que passava diante dos seus olhos. Viajava para uma casa de Bordéus, e perguntava-se como é que, ao colocar os seus vinhos, tinha adquirido este mecanismo de

autômato. As vezes, um tenor em turnê aceitava cantar uma canção de amor, depois de uma súplica de horas. As pessoas paravam no seu passeio circular envolta do convés, e colavam os rostos nas janelas da sala de estar, para ver o rosto congestionado do cantor afogando-se no registro alto. Uma passageira, que tinha embarcado em Lisboa, apareceu após três dias de enjoo. Alta, pálida, com elegância teatral, subia ao convés de chapéu, debaixo de um longo véu, com vestido de festa 'cheguei'. O tenor autodeclarou-se seu cavaleiro assumiu um ar fatal, e ficou de guarda a sua volta. O marido, uma grande figura ruiva, não saía da sala de jogos. Perdia, foi o cúmulo. Um vento de escândalo passou entre os grupos austeros. "Eles não se importam, de verdade! e o marido: que pessoa boa!" Quando o tenor fanfarronava, a bela senhora desmaiava no sofá da alcova. Em Dakar, a habitual procissão de pirogas rodeou o navio na sua chegada. Os negros reluzentes como madeira com cera preta, apertavam as suas tangas ou apareciam nas suas sombrias nudezes. Moedas brilhavam nas mãos das viajantes. A horda simiesca gesticulava e gritava: "Por aqui, joga, linda senhora!" Sem movimento, na atitude do felino esperando sua presa, seguiam a

curva da moedinha no espaço. Então, uma série de saltos podiam ser vistos desde o navio; uma dúzia de pares de pernas desaparecia na espuma, e no momento seguinte todos emergiam, pipilando como pássaros, um deles segurando o minúsculo disco entre os lábios.

Um magnífico uólofe, drapeado em algodão azul e branco, subiu no convés e ofereceu a sua faluca para levar os excursionistas à terra. Balbuciava palavras mais inteligíveis que os outros senegaleses, pois tinha aparecido como curiosidade exótica na secção colonial da última exposição universal. "Lindinhas as parisienses, né?!" Ihe perguntaram durante a travessia do navio até a costa. "Sim, sim, lindinhas!" E no seu entusiasmo, lançou o nome genérico das grandes casas acolhedoras com grandes números. Estupor no barco: alguns cavalheiros sérios franziam a testa; alguns machos riam na popa; uma moça inocente perguntou: "o que significa?"

No chão, as folhas das árvores queimadas pelo sol desapareciam sob uma camada de pó. Burrinhos, carregando leves fardos, levantavam uma nuvem sufocante debaixo dos seus pés. Encontravam-se oficiais e soldados devastados pelas febres contraídas na mata, ou na sombra terrível dos mangues úmidos. Negras passavam por ali, penteadas com

quantidade de tranças finas, que pareciam com os cabelos vivos das Fúrias. No mercado de Thiès, outros ofereciam aos gulosos compradores, cuscuz, nos seus diversos aspectos, em tigelas de madeira, no meio de frutas desconhecidas. Pirralhos quase nus se remexiam ou vociferavam nos seus trapos.

E estes aspectos da selvageria primitiva ofereciam uma grande riqueza de cor.

Mais adiante estava a aldeia negra, as malocas apertadas, redondas, pequenas, esfumaçadas e fedorentas. A do pseudo rei, mais espaçosa, decorada com móveis rudimentares, era hospitaleira para os viajantes. A família real, acostumada a estas visitas lucrativas, dava a mão para a esmola. Sua Majestade estava ausente; conhecemo-la no caminho de volta. Era um negro alto e velho, com turbante, enrolado num albornoz, as feições afogadas numa barba cinzenta. Apoiava-se num pau com o olhar digno de um rei mago carregando mirra.

Depois de Dakar, a grande travessia do deserto líquido, entre o céu e a água, de continente para continente acima do algar tremendo do Atlântico. — O mar unido, apaziguado, sem onda, mal enrugava, como chumbo derretido. Uma deslumbrante reverberação envolvia o navio; cardumes de peixes

voadores curvavam-se no ar, e caíam de novo nos seus refúgios, com a rasante de narcejas apavoradas. À noite, ao pôr-do-sol, o horizonte cintilava. Passageiros atentos espiavam o raio verde; mas, sempre uma nuvem furtiva esticava-se como uma faixa dourada sobre as ondas: "É para amanhã."

À noite, a onda balançava com os raios da lua. Um sulco fosforescente marcava, nas horas escuras, a ondulação longínqua do transatlântico. A hélice jogava uma chuva de faíscas por cima de uma bola de fogo. As constelações boreais demoravam no horizonte. O Cruzeiro do Sul já brilhava ao meio-dia. Na sala de estar, dominando o som dos acordes, a voz do tenor casava-se com o sussurro da onda, e a bela passageira, no seu vestido de festa, indolente no sofá, bebia suas palavras, e afogava seu olhar no dele. Enquanto isso, o marido estava perdendo no pôquer; e as duas mocinhas que iam festejar na Argentina aceitavam o braço de um e de outro, para atravessar o convés com grandes passos. Uma névoa úmida e quente pesava na atmosfera à medida que se aproximavam da linha. Nuvens escuras, distantes e aveludadas, destacando-se contra o céu azul, marcam esta região equatorial zona intertropical. Muitas vezes, uma das nuvens rebentava por

cima do navio num aguaceiro morno e o sol, ao reaparecer, transformava o convés numa sauna. O tédio, a vaga ansiedade de se sentir tão pequeno, tão frágil, tão distante da humanidade, no centro do círculo imutável do horizonte, entristecia a vida uniforme a bordo. Um grande veleiro, de silhueta frágil e crescente, apareceu ao longe. Ia, todas as velas fora do mastro de Mezena para o Gurupés. De ambos os lados, sinais foram içados; a linha dos pavilhões hieroglíficos flutuava nas cordas. O casco cresceu em tamanho, as nuanças tornaram-se mais claras; percebeu-se os marinheiros vigiando nos observadores, entre estais e brandais. Quando o navio de linha passou muito perto, a velocidade oposta dos dois navios pareceu acelerada. Aplausos soaram, braços se agitaram. Fugiu para o oeste, onde desapareceu sob as ondas luminosas do sol poente.

O tédio cresceu: o tédio das intermináveis horas, cortadas pelas cinco refeições diárias, a leitura de romances e a troca de fofocas. No bar, as duas cortesãs que iam festejar na Argentina, gritavam: "Champanhe!" arrumando o cabelo tingido de hena, colado às têmporas pelo suor. A bela passageira, deitada nas suas falbalás, adornava o olhar langoroso do tenor. Às vezes, desapareciam de repente. Acontecia

que o marido os procurasse para queixar-se do seu infortúnio; não os encontrando, voltava à mesa de pôquer.

Pessoas caridosas, para matar o tempo, organizavam o tradicional concerto em benefício do fundo dos marinheiros. Ocorreu na véspera do dia em que tivemos de ancorar em frente a Pernambuco. A bela passageira desembarcou ali; o tenor continuou a viagem. Com um olho branco e uma voz de lágrimas, cantou um romance sentimental com gestos pungentes. Foram os seus adeuses líricos. Respiramos ao entrever novamente a terra. As ondas espumavam sobre o longo recife de coral. O navio recebeu a correspondência, pegou algumas toneladas de carvão e navegou em direção ao sul. Mas, no dia seguinte, podíamos descer na Bahia.

MHT - O amor se mostra muito presente no romance. Você apresenta uma metáfora erótica interessante neste sentido.

AD - O amor se mescla à natureza, às flores, numa sinestesia de cores, perfumes, sons e vibrações, como no dia que Henri e Maria Leonor, Sra. de Souza, fizeram amor como as flores o fizeram:

Pela manhã, o Sr. de Palan tinha sido deslumbrado por esta Páscoa

de flores, com vestidos mais sumptuosos ou mais leves, tule ou cambraia, linho fresco, brocado, veludo pesado, seda lisa ou de um único brilho, aparada em púrpura imperial, em roxo ardente como uma chama, bege discreto, vermelho-sangue, amarelo como topázio, como ouro recém-polido, como pele morena, como um círculo de íris, fofos ou lisos como jovens lábios frescos para beijar. Na extremidade, gotas de orvalho arredondas luziam como diamantes incrustados de luz. Rosas em buquês tinham a cor de rubis opacos. Folhas iridescentes de tinhorão brilhavam ao sol poente como se um arco-íris as tivesse tocado. Crisântemos, margaridas inteligentes e dóceis que, sob a mão do jardineiro, multiplicavam as suas pétalas até ao infinito, espumando como o derretimento de uma catarata ou o redemoinho de uma onda entre algas. Violetas pareciam ser ameaçadas como presas pelas bocas fofas das *Salvia splendens*. E outras flores, cujo nome ele não sabia, estavam penduradas, sininhos cor-de-rosa ou purpurinas como os corais. Algumas, castas, esperaram anoitecer para se abrir e se amar. De noite, as nuanças sumiam. Apenas as camélias mantinham a intensidade branca das frágeis porcelanas. De todos os lados, os aromas cremosos e melosos subiam e desciam: o

perfume tênue das rosas, o toque das violetas, o perfume obcecante dos lírios, imperceptível das Belas-da-noite, virginal das laranjeiras, adocicado dos botões de ranúnculos, voluptuoso e nupcial dos jasmíns estrelas.

“Oh, que flores!” disse Henri, entusiasmado com a variedade de cores e formas.

A harmonia dos cheiros, de que até então só tinha tido uma impressão fugaz e incompleta, se revelou como uma nova sensação estética, que o olfato, rapidamente entorpecido, ainda não lhe tinha proporcionado. A rede de aromas formava à sua volta uma decoração invisível de voluptuosidade. Percebia uma gama de vibrações odoríferas, tal como se percebe a gama de sons. Era uma canção de amor, uma sinfonia ao mesmo tempo silenciosa e explosiva. Os aromas de cravos, jasmíns, Amarilis, gerânios, lírios, violetas e lírios-do-vale formavam a orquestra, suportados pela efluência noturna das árvores. E a exalação de uma magnólia solitária dominava como uma canção.

“Oh, que flores!”

Ele saiu da entrada e viu a Sra. de Souza no banco do outro lado da grade. Passou o portão de pressa e sentou-se ao lado dela.

“Noite Divina! Sente o cheiro dessas flores?” Os seus aromas tornavam-

se mais intensos, penetravam os sentidos, vivos e sedutores, como um hálito, como uma voz, como uma pitada de amor, como o sabor de um beijo. Era, durante a noite, o cheiro do sexo e da carne amorosa das flores entregues ao prazer. O pólen ia de uma para a outra, na emoção do prazer, como um grito de gratidão lançado no estremecimento dos cálices intoxicados.

A voz também perfumada se misturava às harmoniosas plantas aromáticas. A grande atração das flores as assustara. As suas mãos procuravam-se: ela curvou-se diante dele como um grande lírio, e ofereceu-se ao amor.

MHT - Há no romance uma cena com uma cartomante...

AD - Como estava traduzindo *Várias histórias* de Machado de Assis, o conto “A cartomante” me inspirou para a cena com a cartomante:

Ele encontrou as senhoras na sala de jantar. Marguerite, caída numa poltrona, se vangloriava. A grande amiga, cada vez mais magra, estava a definir num canto. Três outras mulheres e Flonflon observavam seriamente os truques de magia de uma cartomante, lendo a sorte. Normalmente, ele não demorava

com esse tipo de coisa. Mas Flonflon, curiosa, reteve-o.

“Só um momento, sim?”

Sentou-se, examinando a sibila debruçada sobre as suas cartas de tarô.

“Bom rapaz!” Usava um vestido antiquado. Ela foi presenteada com roupas gastas, mais elegantes, mas ainda assim luxuosas. Não era jovem, não era velha, nem bonita, nem feia; apenas desbotada, como a sua roupa. Com isso, olhos escrutinadores num rosto impiedoso.

“Um senhor de idade, rico, desafiando uma mulher loira. — Receberá uma carta... um pequeno aborrecimento... uma visita. Vai perder alguma coisa, mas lhe será devolvida. Aqui está um presente.”

Henri, céptico, ria destas repetições. Quando o jogo terminou, a cartomante falou com ele.

“Quer saber o seu futuro? ... são cinco mil reis para as cartas simples; dez mil reis para o grande jogo.

— Ele quer”, disse Flonflon, respondendo por ele.

Resignado, ele esperou, com um sorriso no rosto, olhando fixamente para a mulher que anunciava os seus feitiços.

Ela espalhava ao acaso os reis, as rainhas, os valetes fiéis: Carlos Magno barbudo, Palas de luto, Lancelot imberbe.

Contou, recontou: cinco, seis,

sete: ciúmes, três, quatro, cinco: prudência.

“Está esperando uma carta. Vai receber a visita de uma mulher.

— Vou perder alguma coisa, interrompeu, mas vou encontrá-la.”

Ela olhou para ele, humilhada na sua dignidade profética.

Mais um pouco, embaralhava as cartas. Mas ela queria os dez mil reis; se controlou.

“Um grande negócio para você.”

Cada vez que pronunciava uma frase, olhava para ele.

“Um grande negócio.”

Ele não se mexeu.

“Uma viagem...”

Ele permaneceu impassível.

“Um casamento com uma jovem, morena, mas há dificuldades.”

Desta vez, se moveu.

“Um dos seus parentes a corteja... valete, ás, rainha; há promessas antigas... espadas, ouros... »

Henri, surpreso com a coincidência, permanecia em suspense.

« ... Valete, copas... você ganha...”

Ele respirou.

A fazedora de oráculos, hábil em ler impressões fugazes nos rostos, sentiu-se triunfar.

Ela pegou nas cartas de tarô, alinhou as figuras.

E retomou:

“Tenha cuidado com uma mulher magra que lhe ama e que você não ama.”

Lentamente, virava as longas cartas com respeito, como atingida por um terror religioso frente ao destino inflexível.

"Amará esta mulher mais tarde, e depois outra; e aquela que ama hoje morrerá de dor."

Ela pegou na mão do jovem, que tocava tambor mecanicamente sobre a mesa, apalpou-a, considerou as influências astrais, observou as protuberâncias das montanhas fatídicas. "Boa linha de vida!" — A linha da fortuna estendia-se, uniforme. "No entanto, reparem nesta reviravolta: grande desperdício de dinheiro! o desânimo será temporário.

"Aliás, a influência de Vênus domina a sua vida."

Então, como para se vingar da dúvida insultuosa, ela segurava Henri pelo olhar, lendo profundamente na sua alma, penetrando nos mistérios das suas emoções e desejos.

MHT - Em vários momentos da narrativa, você se refere também à vida parisiense.

AD - É verdade. Em oposição à vida carioca, na parte parisiense do romance, o protagonista afirma a superioridade da gastronomia francesa em relação à brasileira:

Livre do seu casaco, toda graciosa na sua roupa de xadrez escocês, sorria

para Henri, que estava lendo com seriedade o menu, e a consultava através do seu olhar. Como não era gulosa, fazia beijo.

Querendo seduzi-la, disse: "Jantaremos com champanhe."

O garçom enumerava as sopas.

"Caldo de pontas de espargos, disse Henri. Depois, um linguado a la Marguery, e como assado, um pato ao molho pardo."

Quando o garçom solene se retirou, Henri explicou para Sylvia que seria igualmente monstruoso levar para o Marguery uma americaninha recém-chegada sem que experimente o linguado do estabelecimento, como levar alguém para Nápoles sem lhe mostrar o Vesúvio. Depois de Richelieu, que trouxe a maionese do Porto-Mahon, e Béchamel, que imortalizou o molho branco, Marguery viverá nos anais gastronômicos, e a sua memória será abençoada pela antiga falange dos gourmets.

E enquanto Sylvia provava o peixe embebido de molho cremoso, Henri disse: "É melhor do que a tua feijoada, de verdade."

Ela riu, enquanto defendia o prato nacional.

De pé em frente a uma cômoda, e flanqueada por dois rapazes como acólitos, o garçom seguia seu ofício. Depois de ter passado a faca de talhar sobre o afiador, num gesto

pontificante e ritual, começou a retirar das costas do patinho minúsculo, tantas fatias finas, que parecia prestidigitação ou prodígio. Alinhou uma a uma no prato, e só parou após ter coberto toda a volta, como se tivesse conseguido renovar com um pássaro modesto o milagre da multiplicação que seguiu o Sermão da Montanha. Em seguida, um dos seus auxiliares colocou a carcaça do bicho numa prensinha de níquel e o outro apertou o parafuso. O sumo vermelho-sangue derramava como de uma fonte no centro da bandeja.

Algumas cenas atestam ainda da melancolia da vida parisiense no inverno gelado, especificamente para uma carioca com saudade:

Nessas belas tardes de inverno, embalada pelos cavalos, enrolada nas almofadas, imóvel na coberta, pressionando as mangas contra o peito, Sylvia observava a perspectiva das grandes avenidas que conduzem à mata. As árvores estendiam a magra trama dos seus ramos para o céu, e a jovem, de olhos fechados, via em sonho no jardim materno, os galhos nunca despojados, lançando as suas sombras sobre o frágil esplendor das orquídeas. —Acima da sua cabeça, num céu lânguido, o sol pálido lançava raios frios. Estava na memória de Sylvia,

o astro de brasa nos trópicos. Ali, no Arco, a neve incrustada nos altos relevos, acentuava o tom escuro do monumento. — E as casas cor-de-rosa, azuis e brancas, casando as suas tonalidades multicoloridas com as inúmeras nuances das regiões ensolaradas, passavam, numa visão quente, sobre o horizonte gelado.

Na Avenida das Acácias, os carros andavam em fila.

Os matagais desnudados estavam emaranhados. A neve fazia com que parecesse um conto de fadas. Os cavalos pisavam com força, os carros conduziam no silêncio da natureza, no chão endurecido pela geada. E as estalactites da cascata, apanhada pelo frio, picavam o topo da caverna com as suas pontas de cristal translúcido. Nos ouvidos de Sylvia, longínquas cigarras zuniam, acompanhando os rolos de espuma de uma cascata na mata profunda.

MHT - Voltando para a terra *Brasilis*, poderia comentar sobre a rotina da Colônia?

AD - O narrador descreve várias vezes no decorrer da narrativa a rotina da colônia incorporando sempre fatos históricos, o que transforma o texto em romance histórico. Enquanto a França perdia prestígio, a presença alemã ficava muito marcada na vida do Rio de Janeiro:

Sua Majestade o enviara como

ministro plenipotenciário, para cuidar da venda dos canhões Krupp, dos tecidos de algodão de Mulhouse, das conservas de Frankfurt e da colonização do Paraná, que abrirá, dentro de alguns anos, um vasto mercado de exportação para as "Salsichen gebraten", ou seja, as linguiças fritas.

A Colônia: — era composta em grande parte por mercadores honestos, a maioria provenientes do Sul de França, da Provença, dos países bascos, onde as suas infâncias passadas numa região ensolarada, os tinham preparado para o calor persistente dos trópicos. Quase todos começaram modestamente, trazendo para os negócios as qualidades de economia, probidade e constância que fazem a fortuna dos departamentos. Durante longos anos, monopolizaram o comércio varejista na estreita e sombria rua do Ouvidor, centro da atividade social durante as horas de passeio e de compras. Pouco a pouco, foram perdendo terreno. Os poucos balcões de importação e exportação, fundados com razões sociais francesas, caíam também pouco a pouco. Foi uma calamidade. No entanto, quando a República sucedeu o Império, o prestígio da França era tão grande no Brasil que todos os olhares estavam postos nela. Esperava-se que ela fosse, antes

de mais nada, a consagração de um fato consumado. A Chancelaria, indiferente, ocupada noutros lugares pela política colonial do Extremo Oriente, respondeu tardiamente a este apelo. As dificuldades de crédito e a ausência de um banco francês sólido e autônomo deixaram as grandes casas abandonadas a cargo dos seus próprios recursos. A rotina dos fabricantes franceses, por falta de iniciativa, por outro lado, permitiu que os alemães invadissem o mercado, pacientemente, lentamente, com grandes reforços de capitais, longos empréstimos e viajantes obsequiosos, oferecendo em concorrência dos artigos franceses sólidos, mas caros, suas mercadorias sem valor. Uma vez por ano, dia 14 de julho, o Ministro reunia os membros da colônia no consulado. Aos desejos dos presidentes das empresas, respondia frases curtas, marcadas pela elegância e concisão adquiridas na bancada principal do Palácio Bourbon.

O Sr. de Palan, sem entusiasmo político, assistia à cerimônia por conveniência. A data histórica escolhida para ser o feriado nacional chocou tanto a sua lógica como a sua estética. A sua lógica, porque a Bastilha, uma prisão aristocrática, não era muito acolhedora para um plebeu. Grandes senhores intrigantes, jansenistas

intransigentes, agricultores gerais, vigaristas, filhos pródigos de grandes famílias, poetas de salões desonrados por uma canção zombeteira, sumptuosos cavalheiros como Bassompierre que gostavam de bater no seu povo e espancar os vilões debaixo das suas carruagens, jovens libertinos mulherengos como Fronsac, foram os principais comensais. — A sua estética: mesmo considerando o símbolo da opressão odiosa representada pela velha prisão estatal, e o sofrimento de alguns justos que ali foram encarcerados, nem a memória de Dubourg, nem a de Pellisson e Voltaire, que, além disso, merecia o seu destino, nem mesmo o martírio da Bourdonnais e as torturas de Lally Tollendal justificam a chacina que acompanhou a sua queda. A vitória foi demasiado fácil, e a vingança demasiado ignóbil. Aquele desfile gritante de energúmenos, aquela procissão de cabeças empaladas... que horror! O herói do dia não foi Desmoulins com as suas folhas verdes, andando enfrente a quinze mil homens contra um punhado de inválidos, mas sim Launay correndo para Sainte-Barbe para se enterrar debaixo dos escombros da cidadela com toda a sua guarnição, quando o pavio lhe foi arrancado das mãos. — Porque não escolher o aniversário do dia 4 de agosto, quando, sem dúvida

sob a influência da necessidade, mas em todo o caso num belo gesto de aceitação, as ordens privilegiadas renunciaram às suas prerrogativas? Ou a data da Assembleia dos Estados Gerais? Ou a do Juramento do Jeu-de-Paume? Ou a da Declaração dos Direitos Humanos, um pouco rococó e comum, mas pelo menos pura de sangue francês.

Além disso, a burguesia pacífica, que oferecia ao ministério um banquete patriótico após a recepção, era nada mais nada menos do que demolidores de fortalezas. Longe da sua terra natal, o dia 14 de julho perdia para eles o seu aspecto simbólico e revolucionário. Celebravam simplesmente a festa da "Douce France", da pátria amada, nas suas memórias e seus arrependimentos. A mistura de todas as classes sociais, a companhia de viajantes comerciais, pessoas de coração leve e bons garfos, às vezes a presença de uma estrela em turnê, dava ao almoço uma animação democrática que mudava o Sr. Ministro do sussurro dos grandes jantares de etiqueta.

À noite, uma apresentação cerimonial. — No camarim oficial, o Ministro, no seu fraque, com gola rígida, maculada de bordados em relevo, passeando um olhar distraído na sala, considerando o dia demorado, sem dúvida por falta de hábito, pois tinha todo o resto do

ano para descansar. Finalmente, numa algazarra de latão e num ranger de violinos, uma mulher com um vestido de baile desdobrava o estandarte tricolor e entoava a *Marseillaise*. Para cantar a última estrofe, ela se ajoelhara e se envolvera por um momento nas dobras da bandeira.

“Amor sagrado da Pátria...”

E foi mais uma vez a impressão da “Douce France” que passava por cima da multidão reunida, da “Douce France” cantada outrora pelos trovadores, na melancolia arcaica das baladas e cantigas. O hino de guerra assumia de repente um sabor de romance, e despertava, nas almas, a ternura comovida que os cantos de exílio respiram.

1930: L'Idole

MHT - *L'Idole* é o seu terceiro e último romance escrito em francês e publicado em 1930, em Paris, na França. Poderia falar sobre o paratexto?

AD - Mostro a seguir a capa do romance:



Este se divide em duas partes, a primeira se intitula “L’Idole enchaînée” que poderíamos traduzir literalmente por ‘O ídolo acorrentado’. Porém, a questão do gênero feminino não transparece com a tradução em português já que ‘ídolo’ não tem feminino. O ‘ídolo’ pode ser representado por ‘A Heroína acorrentada’. A epígrafe que inicia esta primeira parte tem origem no Eclesiastes, Cântico dos Cânticos, cap. IX:

‘Nul ne sait s’il est digne d’amour ou de haine’.

Pode ser traduzido por:

‘Ninguém sabe se é digno de amor ou ódio’.

A segunda parte tem como título “L’Idole brisée”, com a possível tradução ‘A Heroína caída’ e uma epígrafe com sentença de Sófocles:

“Deixem-me encontrar o túmulo sagrado sozinho onde o destino quer que eu me enterre.”

MHT - Poderia falar também sobre o enredo do romance? Dos protagonistas?

AD - A narrativa se passa no Rio de Janeiro sob o reino do rei D. João VI e da Rainha Carlota Joaquina, futura Imperatriz do Brasil. Trata-se de um romance histórico, contando batalhas napoleônicas na França, em Portugal e no Brasil, detalhando a vida real no velho e no novo continente, descrevendo a vida do Coronel de Chamilly antes de sua chegada no Rio, introduzindo o personagem do pintor Debret como amigo de Marianna. Após o falecimento do pai da Marianna, riquíssima herdeira do banco familiar e de um tesouro escondido em Vila Rica, o seu amor pelo Coronel de Chamilly se transforma em amor declarado. E o romance vai narrar o amor de Marianna e Chamilly. A protagonista é uma personagem feminina, Marianna

Alcoforado, filha do barão de Vinhal, nascida em 1797 e que fugiu das tropas de Napoleão com a mãe em 1805 por Lisboa. Graças à família crioula da Martinica pelo lado da mãe, ambas foram reconhecidas como francesas. Descrevo Marianna com detalhes no início do romance:

Foi assim que passaram os anos de 1809 a 1813. A menina crioula, bonita e rica herdeira, seguindo a fórmula da época, foi cortejada desde o seu primeiro baile branco. A sua beleza natural não foi, no entanto, de molde a atrair a atenção à primeira vista.

O seu cabelo, quando o soltava, caía numa obscura cascata, como as quedas à sombra das florestas virgens do seu país. Quando se olhava mais de perto, a tonalidade escura mudava para um tom de castanha, com brilho de reflexos dourados. Os olhos, sublinhados por pestanas arrebitadas e sombreados por sobranceiras fortes, afogavam-se em ternura; uma ligeira saliência das maçãs do rosto traía a baixa dosagem de sangue indiano dos antepassados mamelucos da linhagem brasileira. Tudo isto não constituía uma beleza clássica; mas, quanto mais se conhecia, mais se gostava dela. O seu sorriso branco levantava as narinas, numa carinha engraçada. Um corpo flexível completava o caule esguio desta

linda flor tropical, com encanto inesperado e crescente.
(Parte 1, Cap. 1, p.11)

MHT - No romance, as suas personagens femininas são intelectualizadas, o que não é comum em romances brasileiros.

AD - Verdade. A escrava Lyndoia que está lendo o romance epistolar *Clarisse Harlowe* de Samuel Richardson publicado em 1748 discute literatura brasileira e francesa com sua Senhora, Marianna:

Lyndoia fechou a porta na sua cara, abriu-a novamente e foi ter com a sua Senhora. Encontrou Marianna nervosa.

- Decidiu vir; já era tempo. Dê-me as pantufas, o roupão. Ajuda-me a me vestir; penteia o meu cabelo... Deus! Como as tuas mãos estão pesadas hoje! Faz de propósito?

Depois, de repente, suavizou:

-O que vai ler? Tem a Clarissa Harlowe? É tão lento!... e é insuportável, esse Lovelace!...

- Não achou, respondeu Lyndoia. Que homem! Quando aparece, caem aos seus pés; esse, se tivesse batido em mim, teria amado.

-Alma de escrava!...murmurou Marianna, tão baixo que a escrava não conseguiu ouvir. Ela esticou o braço; pegou um livro de poesias brasileiras. Começou por um soneto de Alvarenga Peixoto.

*Eu vi a linda Estella e namorado,
Fis logo eterno voto de querel-a;
Mas vi depois a Nize, e é tao bella
Que merece igualmente meu
cuidado.*

A voz da leitora ritmava as palavras no balanço musical das línguas ibéricas.

*Vem Cupido, soltar-me destes laços;
Ou faz de dous semblantes um
semblante,
Ou dividir o meu peito em dous
pedaços.*

-Isto é meigo demais! - disse Marianna. Quando penso que o autor destes versos teve um destino tão trágico. Que ironia nesta pastoral a la Berquin!

Recordou o drama de 1789: a extorsão da administração fiscal; a tentativa de revolução republicana dos Inconfidentes; a queda do seu líder no vazio, na corda do carrasco; o suicídio de um deles; o exílio dos outros nos presídios de Angola. Alvarenga Peixoto foi um deles e partiu para a África, enquanto a sua família foi atingida por infâmia, os bens foram confiscados, a sua filha morreu de vergonha e a sua mulher enlouqueceu de desgosto.

Vem Cupido, soltar-me d'estes

laços...

Marianna fechou o livro; folheou uma edição do *Mercure de France*, as elegias de Millevoye o episódio de Velléda. Nada disto encontrou um eco no seu coração. O poema 'Les Martyrs' [Os Martírios] parecia-lhe declamatório; 'la Chute des Feuilles' [A queda das Folhas] a entristecia desnecessariamente. Abriu um álbum; o amor alado de F. Gérard aflorou a testa de Psiquê com o seu beijo eterno. Outra gravura representava o enterro de Atala. Imaginou que era ela; mas, logo pensou que não tinha nada em comum com a heroína de Chateaubriand. (pp.32-4)

Marianna também é uma leitora ávida que se deixava transportar pelas ficções. Lia *Cartas Portuguesas* em tradução francesa, escritas pela religiosa de Beja, uma tia-avó dela, para Noël Bouton de Chamilly. Ela incorporou a vida de Soror Marianna, misturando ficção e realidade:

Considere, meu amor, como faltou de providência. Ah! miserável, foi traído e me traiu com expectativas enganosas.

Uma paixão sobre a qual tinha tantos planos de prazeres, agora só lhe causa um desespero mortal, que pode ser comparado somente com a crueldade da ausência, que o causa. Como! Esta ausência a que

a minha dor, por muito engenhosa que seja, não pode dar um nome suficientemente desastroso, me privará assim para sempre do olhar onde vi tanto amor, e que me faz conhecer movimentos, que me enche de alegria, que me abraça e que finalmente me basta? Infelizmente! os meus olhos estão privados da única luz que os animava, só lhes restam lágrimas, e eu não as usei para nada, apenas para chorar sem parar, uma vez que soube que estava decidido a um distanciamento tão insuportável para mim que me fará morrer num curto espaço de tempo...

Pela segunda vez, Marianna estava lendo as cartas da freira de Beja. Imediatamente após a partida de Debret, ela se atirou numa poltrona e as leu de uma só vez. E sentiu uma fúria indignada surgindo dentro dela, como se tivesse sido obra sua, como se a alma da sua parente distante tivesse se encarnado, e como se o sedutor também tivesse reencarnado no desconhecido cujo nome ela acabara de saber. E, de repente, ela viveu o drama íntimo de Soror Marianna com uma clareza alucinatória.

Ela acaba de acordar na sua cela. Pela janela, ela enxerga a grande praça onde as ruas sinuosas chegam. As casas escurecidas da velha cidade romana - Beja, Pax Julia - a catedral

do rei D. Dinis, os conventos e as igrejas mantêm um ar rude, no meio dos alegres campos verdes, que galhos de árvores salpicam de manchas azuladas. Os sinos tocam alegremente. Um regimento de tropas franco-portuguesas deve entrar nesse dia. Desde Felipe II, o espanhol tinha mantido Portugal debaixo das suas garras, mas não conseguiu resistir ao movimento popular de 1640, que tinha colocado a dinastia nacional de volta ao trono com João IV. Em 1665, Alfonso VI manteve a política do seu antecessor em relação à França, que continua o apoiando contra as pretensões de Felipe IV. As vitórias de Estremoz, Montesclaros e Villaviciosa reforçaram o poder da casa de Bragança. A cidade está festejando. Os homens reúnem-se na praça com as suas roupas originais; usam o chapéu de feltro largo, a camisa aberta sobre o peito peludo, o pequeno casaco de veludo, as calças com grandes polainas de lã sobre enormes sapatos. As mulheres, amarradas em corpetes com epaulette e botões de cobre dourados, pavoneavam-se nas suas saias drapeadas vermelhas, que escondem parcialmente uma tapeçaria tipo avental. Cabe o lenço de lã colocado na cabeça e os sapatos de couro envernizado, ocos como mulas e com sola de madeira

com pregos dourados e saltos altos, cores vivas harmonizavam-se com a pele iluminada ou esverdeada, as formas robustas de fêmeas boas e férteis.

Soror Marianna veste-se da melhor forma que pode. Poucas opções se oferecem a ela: o vestido preto, de lã fina, com mangas largas dissimuladoras e graciosamente cingido com o rosário, não se presta muito à fantasia. Mas, no seu rosto emoldurado, arranja o véu com uma arte ainda mais louvável, uma vez que os recursos são mais limitados. Vê-se, no oval formado pelo medalhão branco, apenas a testa encolhida, a linha pura das sobancelhas sobre os olhos expressivos, a pequena boca rezando, mas feita para beijar.

O convento onde ela professou é um asilo para nobres moças. A família de Marianna figura na história genealógica da Casa Real. Em 1512, um dos nobres escudeiros do Duque de Bragança, Jayme IV, teve a temível honra de sentir ciúme do príncipe e foi assassinado por sua ordem, enquanto a Duquesa Leonor faleceu pela adaga da própria mão do seu marido. O irmão de Marianna faz parte da força expedicionária. Vai vê-lo da varanda do convento evoluindo na praça, à frente do seu regimento. É por ele que está bonita, inocentemente. A disciplina do convento é afetada pelos costumes

da época. Mas Marianna não é leviana; sem ser muito devota, aceita a sua vida tranquila e uniforme, aceitável por ter recepções, festas, comédias e música. Sabe do amor de muitas companheiras suas, mas ainda não se sentiu tentada a imitá-las.

As freiras reuniram-se na varanda. Ouvem-se os rangidos das flautas e o ronco dos oboés. Os regimentos chegam, cada um atrás do outro, com o sol resplandecente tocando couraças, espadas nuas, mosquetes e capacetes. Uma bandeira é hasteada, com cantos azuis cortados com riscas diagonais vermelhas. Os oficiais a cavalo saúdam; as penas dos seus chapéus raspam o cano de suas botas. Marianna reconhece o seu irmão. Mas quem é este cavalheiro francês com quem ele fala, para quem a aponta e que a olha com visível interesse? Ele já tem os cabelos grisalhos, embora não tenha mais do que trinta ou trinta e cinco anos de idade. Ela sente-se corada, enquanto as ordens soam para a revista e a parada.

Anoiteceu. Alcoforado veio visitar a sua irmã; o locutório é transformado em sala de estar. O irmão da jovem freira apresenta o seu companheiro de armas, Noël Bouton de Chamilly, Conde de Saint-Léger.

E o romance começa; lhe contam a vida do galante oficial. Durante a

Fronde, o pai e o irmão mais velhos tinham aderido à causa dos Condé. Ele permaneceu fiel à causa real e foi preso em Valenciennes. Depois, sob o comando de Turenne, lutou nas Dunas, em Dunquerque e em Oudenaarde. O grande capitão o distinguiu e o recomendou a Schomberg, que o mandou para o Alentejo. - Prestígio de nome, juventude, glória; a partir desse momento, a sua imagem ocupará toda a parte na mente de Marianna. Ele não parece com aqueles devotos provincianos perversos, que se contentam com olhares e toques, não por escrúpulos, mas por medo do comum e das costas moçambicanas, quando o escândalo não contrabalança o nascimento de príncipe.

Como a pressiona! Como a solicita! Como a envolve de ternura e desejo; como semeia o dinheiro certo para comprar as consciências subalternas dos guardiões de torre e de portas complacentes que o ouro torna cegos e surdos. *Soror* Marianna vive num sonho de haxixe e ópio. À sua volta, tudo se transforma: o claustro, palpitante de desejos; o coro, raivoso com os aromas de flores e fumaça do incenso; as palavras do ritual, perturbantes como um epitáfio; o órgão, transbordando de marchas nupciais. Ela adorna a sua cela com guirlandas como uma alcova. E, uma

noite, a escada se estica sob o peso do amante esperado. Passa pela janela; ela fecha os olhos, estende os braços, o pressiona no seu peito. Marianna atirou o livro, levantou-se pálida, cobriu o rosto com as mãos, sob a impressão tangível e alucinante de uma presença e de um beijo. Aquele que a tinha levado, segurado no peito e colado os lábios nos dela, era o estranho do convento d'*Ajuda* e do palácio dos Vice-reis, o homem cujo nome ela só recentemente conhecera e que parecia ter saído das profundezas do passado para a agarrar, tal como possuía a outra em toda a sua alma e em toda a sua carne.

O ódio e a indignação irromperam nela a ponto de morder, a ponto de gritar. Ela pôs as costas da mão sobre os lábios, como se fossem sujos. Pegou novamente no livro, procurando as passagens lancinantes. Foi primeiro a dor implorando e talvez ainda confiante: *Lhe destinei a minha vida assim que eu o vi; e sinto algum prazer em sacrificá-la. Lhe envio os meus suspiros mil vezes; eles o procuram em toda parte e me trazem como recompensa por tanta ansiedade um aviso demasiado sincero.*

Depois, foi a tensão de um ser que se afoga e se agarra à prancha fraca que encontra no abismo de angústia onde está prestes a afundar-se:

não enchas as tuas cartas com coisas inúteis e não me escrevas para me lembrar de você. Não posso esquecer-lo e não esqueço que me fez esperar que viesse passar algum tempo comigo... As minhas dores não podem receber nenhum alívio, a memória dos prazeres enche-me de desespero: como! Todos os meus desejos serão inúteis, e nunca o verei no meu quarto com todo o ardor e toda a exaltação que mostrou...

Depois, vieram as reminiscências: Dona Briles perseguiu-me recentemente para me tirar do meu quarto e, acreditando que ia me divertir, levou-me na varanda, de onde se vê Mertola, e eu a segui, e voltou imediatamente à memória uma lembrança cruel, o que me fez chorar o resto do dia; ela me trouxe de volta para a cama onde fiz mil reflexões sobre a pouca aparência que vejo de alguma dia ser curada, o que é feito para me aliviar agrava a minha dor, e encontro nos próprios remédios motivos particulares para me afligir, muitas vezes o vi passar por este lugar com um ar que me encantava e estava neste Balcão no dia fatal em que comecei a sentir os primeiros efeitos da minha Paixão infeliz, pensei que me queria me agradar, embora não me conhecesse, convenci-me de que tinha me visto

entre todas que estavam comigo, imaginei que quando parava, era para que eu te visse melhor e admirei a sua habilidade, quando conseguiu montar o cavalo, fiquei assustada quando o fez passar por um lugar difícil; senti que não me era indiferente, e tomava para mim tudo o que fazia.

Por fim, as recriminações rebentaram: Agora, sei da má fé dos seus movimentos; me traiu cada vez que disse que estava encantado por estar a sós comigo, planejou de sangue frio seu propósito de me conquistar, viu a minha paixão como uma vitória e o seu coração nunca foi profundamente tocado por ela. Não está infeliz e não tem um pouco de delicadeza para tirar partido da minha paixão dessa maneira? E como é possível que, com tanto amor, eu não consegui lhe fazer completamente feliz? Só lamento, por amor, os infinitos prazeres que perdeu; será que não quis gozá-los? Ah! Se os conhecesse, acharia sem dúvida que são mais sensíveis que o de ter abusado de mim, você sentiu que é muito mais feliz, que se sente algo muito mais tocante, quando se ama com violência do que quando se é amado.

Lágrimas vieram aos olhos de Marianna. Reconhecia-se nestas

palavras; também tinha a vocação de doar e, talvez por isso mesmo, de sofrer. Na medida que virava as páginas, ela olhava para sentenças de profunda humanidade:

*Convenci-me de que teria sentido menos vontades desagradáveis ao amar você, mesmo sendo ingrato como é, do que ao deixá-lo para sempre. Senti que era menos querido do que a minha paixão.
- Pobrezinho! Pobrezinho!*

E, mais adiante:

Não senti que um coração terno nunca esquece o que o fez ver sentimentos que não conhecia e era capaz de sentir, que todos os seus movimentos estão ligados ao ídolo que ele mesmo fez, que as suas primeiras ideias e primeiras feridas não podem ser curadas nem apagadas, que todas as paixões que se oferecem à sua ajuda e se esforçam por o preencher e satisfazer em vão lhe prometem uma sensibilidade que já não consegue encontrar, que todos os prazeres que procura, sem qualquer desejo de os encontrar, apenas servem para lhe fazer acreditar que nada lhe é tão caro como a memória das suas dores.

Marianna se dizia que é impossível

para um coração apaixonado imaginar que deixa de amar, como é impossível para um ser vivo imaginar a sua própria morte, embora, no entanto, se esqueça e morra. Finalmente, foi a despedida suprema e a suprema renúncia:

Escrevo-lhe pela última vez, e espero que saiba pela diferença dos termos e da forma desta Carta, que finalmente me convenceu de que já não me ama mais e que, por isso, não devo continuar a amá-lo, lhe enviarei de volta na primeira oportunidade tudo o que ainda me resta de você; não escreverei o seu nome acima do pacote, confiei todo este pormenor a Dona Brites, a quem me tinha habituado a confidências muito distantes desta... Sei que ainda estou um pouco ocupada com as minhas reprovações e sua infidelidade, mas lembre-se que prometi a mim mesma um estado mais pacífico e que serei bem sucedida, ou que tomarei uma resolução extrema contra mim, o que saberá sem grande desgosto; mas não quero mais nada de você, sou uma louca ao dizer estas coisas tantas vezes; devo lhe deixar e não pensar mais em você; acredito que não escreverei mais; não sou obrigada a lhe fazer um relato exato de todos os meus movimentos.

Marianna permaneceu imóvel, o

livro no colo, os olhos perdidos no vazio, mergulhada numa profunda melancolia, como se esta opinião de além-túmulo a tivesse iluminado sobre a vaidade e a irremediável fugacidade dos sentimentos. Viu de novo o convento de Beja, o claustro, a laje e a inscrição funerária, tantas vezes pisoteada de maneira distraída: "Soror Marianna de Alcoforado...". "Uma cruz, uma data: a data da morte, quase sessenta anos após o curto e pungente romance de juventude. Soror Marianna não morreu de amor; pouco a pouco, a aranha silenciosa do esquecimento teceu a sua teia na capela das memórias; a lâmpada, toda brilhante de claridade, foi reduzida às proporções de uma luz noturna; o óleo secou; a pequena chama finalmente apagou; sem dúvida que na sua última hora, e talvez muito antes, ela já não se lembrava de nada. Aquela que escreveu: "É melhor sofrer tudo o que sofro do que gozar dos prazeres lânguidos que as suas amantes da França lhe dão: não invejo a sua indiferença e tenho pena de você", era ela própria sem dúvida, desinteressada de tudo; a jovem, presa, desde criança, num convento e que dizia ao seu amante: "Nunca ouvi elogios como os que me fazia; pareceu-me que te devia os charmes e a beleza que me fazia perceber", tinha caído na feiura insignificante

de um velho trapo humano, preso a um resquício de atividade e sensibilidade por minúsculas coisas materiais, sumagres de devoção. - Oh tristeza infinita da vida!... - O que foi Marianna? Está doente? Ela nem sequer pediu luz e ficou parada, sonhando na sombra crescente, que afogava os contornos das coisas. - Sim, pai, não me sinto muito bem. Perdoe-me se lhe deixo sozinho para o jantar. Vou subir para o meu quarto e descansar. (pp.72-81)

O ponto central do romance é a mescla que se opera entre a ficção e a realidade, entre o passado e o presente. Marianna encontrará na vida real o tio bisavô do Comandante Noël Bouton de Chamilly, o coronel Noël de Chamilly, no Rio, separado da sua mulher e não divorciado, pois ela recusou o divórcio. Nascera uma amizade amorosa entre Marianna e o Coronel de Chamilly.

Recorri novamente à poesia, que reproduzo aqui em francês para que você sinta toda a sonoridade do poema original, para revelar os sentimentos da personagem quando o Coronel deixa o Rio de Janeiro:

Marianna caiu de novo na rede e permaneceu em silêncio durante muito tempo. -Lyndóia, disse finalmente, vai para o meu quarto e traz-me a plaqueta de versos que vai encontrar na

prateleira.

Pegou o livrete das mãos da escrava e absorveu-se na melancolia que se exalava dos versos.

L'isolement... Como Chamilly lhe tinha oferecido as estrofes do poeta desconhecido, ela as tinha lido e relido, ao ponto de as conhecer quase de cor.

*Souvent, sur la montagne, à l'ombre du vieux chêne,
Au coucher du soleil tristement je m'assieds;
Je promène au hasard mes regards sur la plaine
Dont le tableau changeant se déroule à mes pieds.*

Como lhe tocava a alma, esta música divina, tão diferente de tudo que havia lido e ouvido até então! O sol desaparecia por detrás dos morros, como para obedecer à voz do novo Orfeu. Velhos carvalhos ou velhas mangueiras, não era um todo? Por toda a parte a natureza está misturada com as nossas alegrias e tristezas. O quadro em mudança se desdobrava diante dos olhos da leitora: terra, areia e água. De repente, evocava outros espetáculos.

*Au sommet de ces monts couronnés de bois sombres,
Le crépuscule, encore, jeter un dernier rayon;
Et le char vapoureux de la reine des ombres
Monte et blanchit déjà les bords de*

l'horizon.

Ela virou a cabeça: a lua banhava com uma borda prateada o vestido escuro dos morros. Um último avermelhamento do dia era picado por estrelas.

*De colline en colline, en vain portant ma vue,
Du sud à l'aquilon, de l'aurore au couchant,
Je parcours tous les points de l'immense étendue
Et je dis : « Nulle part, le bonheur ne m'attend.*

Lentamente ela repetiu o último verso lendo em voz alta; um pássaro das trevas passou por ela e ela tremeu sob o presságio.

*Que me font ces vallons, ces palais, ces chaumières,
Vains objets dont, pour moi, le charme est envolé ?
Fleuves, rochers, forêts, solitudes si chères,
Un seul être vous manque et tout est dépeuplé!
(pp.169-171)*

MHT - Podemos falar de intertextualidade com o seu primeiro romance no sentido de que também há uma cena com uma cigana?

AD - Podemos pensar que existe certa intertextualidade com o meu primeiro romance e com

o romance do Machado, *Brás Cubas*, que traduzi.
Incluí uma cena de cigana que lê o destino:

Quando se aproximavam da mansão, viram, havia uma cigara dançando no meio de um grupo popular. Ela correu atrás deles:

-Leio o destino aos amantes.

-Não somos amantes.

Chamilly deixou escapar estas palavras, para ele e sua companheira, como uma dolorosa constatação. Mas a cigana agarrou a cabeça do cavalo:

-Dê a sua mão.

-Dê a sua mão, diz Marianna.

-Dê a sua também.

Marianna obedeceu. Compara as duas palmas, consideradas as redes:

- Aqueles que se amaram voltarão a amar-se; aqueles que morreram renascerão para amar. Aquele que traiu voltará a trair; aquela que sofreu sofrerá o mesmo mal.

- O que quer dizer? perguntou Marianna.

A cigana levantou o rosto. Sob o suave lenço em arco-íris do qual caíam duas tranças, seus olhos curiosos espiam o efeito das frases sibilinas; um sorriso enigmático ondulou dos seus olhos aos lábios. Considerou novamente as linhas.

- Promete-se, mas não cumpre; vai-se embora, mas não volta mais. O que foi recomeça.

Chamilly retirou a sua mão da mão da

cigana e, pegando uma moedinha do bolso:

- Quer ganhar um teste? Diga-me quem a enviou e quem a ensinou tão bem.

O rosto sorridente recuou:

- Ninguém me enviou; ninguém me ensinou o que acabei de lhe dizer. Está escrito; guarde o seu dinheiro.

Deu meia volta, desdenhosa. Chamilly chamou-a de volta:

-Pegue. Basta saber que fui iludido. Ela se virou, pegou o óbolo no ar e saiu correndo.

-Tem alguma ideia de onde poderia vir esta piada estúpida?

Marianna deu de ombros.

-Como posso saber? Além disso, tem certeza de que foi uma piada?

-O quê! gritou Chamilly, acha que esta neguinha leu alguma coisa na sua mão e na minha? Imagina que *Soror* Marianna se reencarnou em você e que Noël de Chamilly, no tempo de Luís XIV, em mim?

-Você, acredito que não; é tão pouco parecido como o seu homônimo; mas, no que me diz respeito, não ousaria jurar nada.

-Que loucura!, disse ele.

Ele olhou para ela. Os olhos de Marianna fixaram-se nele. (pp.161-2)

TRADUTOR DE MACHADO DE ASSIS EM FRANCÊS

Primeiro tradutor de Machado em francês

A elaboração do perfil dos tradutores ganhou espaço nos Estudos da Tradução nos últimos anos, pois conhecer o tradutor pode revelar o funcionamento do próprio processo de tradução bem como a ideologia subjacente ao ato tradutório. Gostaria de propor um breve histórico sincrônico e diacrônico das primeiras traduções dos contos e romances de Machado no mundo para todas as línguas e culturas, além do perfil de escritor e tradutor de Adrien Delpech. Tento mostrar aqui certa visibilidade dos agentes intermediários da circulação das obras literárias, e, particularmente, de um tradutor esquecido pela história literária francesa e brasileira, Adrien Delpech, o primeiro tradutor de Machado de Assis para o francês.

1-As primeiras traduções de romances e contos de Machado

Trato aqui da exportação das obras de Machado de Assis para outras línguas-culturas por meio da tradução. No seu artigo intitulado "Traducciones de Machado de Assis al español" (2012: 129-159), Pablo Cardellino faz um estudo minucioso das traduções existentes de Machado de Assis em espanhol. Segundo Cardellino, os primeiros contos traduzidos datam de 1911 (p.149) e foram traduzidos por Rafael Mesa López, sob o título de *Varias historias*. Mas adiante, Cardellino afirma que *Memórias Póstumas de Brás Cubas* foi traduzido em 1902 por Julio Piquet. Informação também encontrada na resenha de Rosario Lázaro Igoa (2011) quando escreve que

a primeira tradução de Machado de Assis para qualquer língua foi publicada em Montevideu em 1902. Tratava-se do romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*, que apareceu no jornal *La Razón*, com tradução assinada pelo jornalista Julio Piquet.

Ora, trata-se de um livro que compila as traduções publicadas em folhetim no Jornal uruguaio *La Razon*. Portanto, não é um projeto editorial original. Mas, de qualquer forma, Piquet foi o primeiro a traduzir *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

No tocante às traduções de romances e contos de Machado de Assis para a língua inglesa, me apoio em pesquisas realizadas por duas professoras pesquisadoras de Machado de Assis traduzido, Luana Ferreira de Freitas da UFC e Cynthia Costa da UFU, principalmente na tese de doutorado da Prof^a. Cynthia, de 2016, intitulada *Dom Casmurro em inglês Tradução e Recepção de um Clássico Brasileiro*, e dados bibliográficos e históricos publicados em 2018 na revista *Machado de Assis em Linha* por ambas. E finalmente, retomei minhas próprias pesquisas sobre a literatura francesa traduzida no Brasil em livros publicados na França e no Brasil entre 2004 e 2021, principalmente no que concerne a Machado traduzido em francês.

Tanto Cardellino (2011), quanto Freitas e Costa (2018) ou ainda Torres (2004-2021), bem como as pesquisas encontradas no site *Machadodeassis.org*, trazem as referências das primeiras traduções dos contos e romances de Machado que sistematizo a seguir com o intuito de verificar e ressaltar quem são os primeiros tradutores de Machado de Assis no mundo:

Os primeiros tradutores de Machado de Assis no mundo (Torres, 2021)

<p>1º Tradutor de Memórias Póstumas de Brás Cubas: Julio Piquet (Uruguai, 1902)</p>	<p>Memorias póstumas de Brás Cubas. Montevideo: La Razón Montevideo: Imprenta de La Razón, 1902. Trad. Julio Piquet. (Uruguai) Mémoires Posthumes de Brás Cubas. Paris: Garnier frères, 1911. Trad. Adrien Delpech (França) Memorias posthumas de Brás Cubas. Paris: Garnier, 1911. Trad. Rafael Mesa López (Espanha) Memorie postume di Brás Cubas : Milano : Corbaccio, 1928. traduzione dal portoghese, introduzione e note di Mario Da Silva (Itália) Memorie postume di Brás Cubas. Lanciano: Carabba, 1929. Traduzione, introduzione, biografiche e note del dr. Giuseppe Alpi (Itália)</p>
<p>1º Tradutor de Várias Histórias: Adrien Delpech (França, 1910)</p>	<p>Quelques contes. 1910. Trad. Adrien Delpech. Paris: Garnier Frères Varias historias. Paris: Garnier Hermanos. 1911. Trad. Rafael Mesa López (Espanha) Brazilian Tales, 1921. Org. e trad. Isaac Goldberg (" contos de Várias Histórias: A cartomante, o enfermeiro e Viver! (USA)</p>
<p>1º Tradutor de Dom Casmurro: Rafael Mesa López (Espanha, 1910)</p>	<p>Don Casmurro. Paris: Garnier, 1910. Trad. Rafael Mesa López (Espanha) Dom Casmurro. São Paulo: La Revista Coloniale, 1914. Trad. Antonio Piccarolo (Itália) Don Casmurro. Roma. Ist. Cristoforo Colombo, 1930. Traduzione di Giuseppe Alpi (Itália) Dom Casmurro, trad. Francis de Miomandre nas publicações de 1936 e 1956 Institut International de Coopération Intellectuelle (França)</p>
<p>1º Tradutor de Quincas Borba: J. de Amber (Espanha, 1913)</p>	<p>Quincas Borba. Paris: Garnier, 1913. Trad. J. de Amber (Espanha) La fortuna di Rubiano: (Quincas Borba). Traduzione di Giuseppe Alpi. Milano: Corticelli, 1934 (Itália) Quincas Borba. Paris: Nagel, 1955. Col. Unesco Œuvres Représentatives. Trad. Alain de Acevedo (França)</p>

Fonte: Cardellino (2011), Freitas e Costa (2018) e Torres (2004-2021)

Conforme esta tabela dos primeiros tradutores de Machado de Assis no mundo, o primeiro tradutor de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é o uruguaio Julio Piquet que foi jornalista em La Razón de Montevideú, em El Censor Porteño e em La Nación e que publicou sua

tradução em 1902 em Montevideú. As duas traduções que seguiram a tradução uruguaia foram publicadas no mesmo ano de 1911 pela mesma editora, a editora Garnier (que também era a editora de Machado de Assis no Rio de Janeiro). Uma é a tradução para o francês de Adrien Delpech, *Mémoires Posthumes de Brás Cubas*, e a outra, é a tradução para o espanhol de Rafael Mesa López, *Memorias posthumas de Blas Cubas*. As duas traduções seguintes são italianas, uma de 1928 de Mario da Silva, *Memorie postume di Brás Cubas*, e outra em 1929 de Giuseppe Alpi, *Memorie postume di Brás Cubas*.

O primeiro tradutor de *Várias Histórias* é o tradutor-escritor francês Adrien Delpech que publicou sua tradução em 1910, *Quelques contes*, também pela editora Garnier. O ano seguinte, em 1911, o mesmo tradutor de *Memórias Póstumas* para o espanhol, Rafael Mesa López, publicará *Varias historias* pela mesma editora Garnier. O livro *Várias Histórias* não foi até hoje publicado integralmente em língua inglesa. Todos os dezesseis contos foram traduzidos de forma esparsa ao longo do século XX, e os três primeiros contos, "A cartomante", "O enfermeiro" e "Viver!" aparecem numa antologia norte americana *Brazilian Tales* de 1921 traduzidos por Isaac Goldberg.

O primeiro tradutor de *Dom Casmurro*, em 1910, é Rafael Mesa López (que traduziu *Memórias Póstumas* e *Varias historias*) para o espanhol, seguido de duas traduções italianas, uma de Antonio Piccarolo publicada no Brasil, em São Paulo, pela Rivista Coloniale, em 1914 e outra de Giuseppe Alpi (o mesmo tradutor para o italiano de *Memórias Póstumas*) publicada em Roma, em 1930, e, uma tradução francesa de Francis de Miomandre em 1936.

E finalmente, o primeiro tradutor de *Quincas Borba* é J. de Amber que traduziu o romance pela editora Garnier em 1913. As duas traduções seguintes foram publicadas décadas depois: uma italiana, em 1934, por Giuseppe Alpi (o mesmo tradutor para o italiano de *Memórias Póstumas e Dom Casmurro*) com o título *La fortuna di Rubiano: (Quincas Borba)* e uma francesa por Alain de Acevedo em 1955.

Em vista a esses dados, pode-se afirmar que a Editora francesa Garnier é a principal responsável e impulsora da exportação da obra de Machado de Assis, dentro do que Pascale Casanova chama de *literaturas centrais* e que a literatura de Machado de Assis foi se internacionalizando inicialmente a partir das traduções de língua espanhola, que não é, paradoxalmente, uma língua central conforme Casanova.

2-Delpech escritor

O escritor e/ou tradutor não é isento, nem imparcial ou invisível, mas sim tem preferências para um lado ou outro da fronteira ou até para o *seuil* onde se encontra a interseção entre as diversas culturas envolvidas. Portanto, o estudo do paratexto das traduções de Delpech podem ser uma fonte preciosa de informações sobre o seu conceito e projeto de tradução, seja este consciente ou inconsciente, e sobre o processo de tradução. Conforme estudos anteriores (Torres, 2011-2021), podemos analisar o que chamo de aspecto “morfológico” e de discurso de acompanhamento. São as páginas de rosto, de falso título, as introduções, prefácios e outros posfácios que trazem detalhes sobre o estatuto das traduções, ou seja, sobre a maneira como elas são percebidas conforme os elementos

informativos que apresentam e onde, muitas vezes, a ideologia aparece de forma mais clara.

A pesquisadora Ilana Heineberg da Universidade de Bordeaux Montaigne ao estudar o paratexto do primeiro romance de Delpech, *Roman brésilien*, afirma que seus romances “ressaltam o exótico e a cor local” (2016:25). Heineberg resume a intriga da narrativa:

ao estrear com *Roman brésilien, mœurs exotiques* (1904), o adjetivo “exótico” aparece como decorrência do cenário brasileiro. A intriga amorosa envolve o médico Silvino e a jovem Fidélia, filhos de cafeicultores vizinhos do vale do rio Paraíba Fluminense que, por questões de poder local, tornam-se inimigos políticos, dificultando sua união. Inúmeras digressões permitem ao narrador descrever demoradamente a paisagem rural das fazendas de café e a paisagem urbana do Rio de Janeiro, os jogos de poder local no final do segundo império, as relações ora violentas, ora sensuais entre mestres e escravos às vésperas da abolição da escravidão, a ascensão do positivismo e, finalmente, a própria sanção da Lei Áurea. (2016:25).

Heineberg ressalta também que, numa nota prévia, Delpech evoca autores que escreveram sobre “países exóticos” limitando-se à “impressão do momento” (2016:26). De fato, no final do século XIX, escritores como Pierre Loti, Gustav Aimard, Alfred Assolant despertaram o gosto pelo “romance exótico” que acompanhou o desenvolvimento das colônias francesas. Ainda, no seu 2º romance, *Petrópolis*, Delpech faz uma dedicatória para Paul Auguste Marie Adam, um crítico literário e escritor francês que participou da homenagem a Machado de Assis na “Fête de l’intellectualité brésilienne” [*Festa da intelectualidade brasileira*], na

Sorbonne em abril de 1909. Eis a dedicatória:

A M. Paul Adam

En témoignage de haute admiration littéraire, et en souvenir de notre rencontre au pays du soleil.

[Para M. Paul Adam

Com grande admiração literária e lembranças do nosso encontro no país do sol]

O exotismo do título se alastra na dedicatória. O Brasil é o país do sol, sol exotizado sob o olhar de Delpech. E isso se repete na introdução (não assinada) ao romance, provavelmente de autoria editorial onde, por exemplo, Petrópolis aparece como um “canto pitoresco”, comparada a uma cidade *alpina*, cujo clima lembra o de Nice na Riviera francesa. Apresento esta introdução em tradução inédita em português a seguir:

Introdução ao romance *Petrópolis* de Adrien Delpech, Tradução Torres, Marie Helene Torres, 2021:

Este livro é oportuno, num momento em que estamos muito interessados em tudo o que está acontecendo na América do Sul, e onde estamos redescobrimo essa parte do Novo Mundo, com suas riquezas exploráveis e seus esforços em prol à civilização e ao progresso. O Sr. Adrien Delpech, que, alguns anos atrás, apresentou no seu *Roman Brésilien* (Romance Brasileiro) um estudo tão interessante sobre a situação do Brasil na época da abolição da escravidão, completa as suas observações neste novo romance, onde ele acompanha a evolução do mesmo país, da Proclamação da República até os dias de hoje. Petrópolis é uma cidade alpina, localizada a duas horas do Rio, do qual é um subúrbio

elegante. O clima lembra o de Nice. O corpo diplomático vive lá permanentemente. O livro do Sr. Adrien Delpech, ao mesmo tempo em que se apegua ao estudo social do Brasil, também retrata a sociedade cosmopolita que mora nesse canto pitoresco das regiões tropicais. Diplomatas, empresários, esnobes, são assim revelados e retratados com lápis irônico.

O estudo social se desdobra num estudo psicológico. “Como pode a mentalidade francesa de um artista que, dominando a sua arte, une as complexidades de uma alma de diletante e de voluptuosos, reagir neste ambiente diferente e distante?” O contraste da intelectualidade dos dois povos se destaca de maneira muito proeminente por este desenvolvimento de um caráter.

Não se trata mais do romance de aventura, mas sim de um estudo documental, realizado com muita profundidade por um escritor que, acostumado a ver e analisar, une um grande conhecimento da sociedade que descreve. O Sr. Adrien Delpech é de fato professor na Escola Normal do Rio.

O livro, escrito num estilo flexível e fluente, a partir do diálogo rápido e brilhante, se eleva nas alturas na descrição, muito rico em cores, conseguindo transmitir uma sensação tátil e visual das paisagens características da área tropical.

3- Perfil do tradutor

O perfil do tradutor permite entender os mecanismos

de escolha de tradução feitos por ele, bem como o processo de tradução. Conforme o DITRA, o *Dicionário de Tradutores Literários no Brasil*, nascido na “Bélgica” em 1867 (dados contestáveis e que retomamos na parte intitulada “Crônica de uma biografia contestável”), Adrien Delpech chega no Rio de Janeiro em 1896, e rapidamente se naturaliza brasileiro. No Rio de Janeiro, se casa com Clotilde Waguelin, de origem franco-suíça, com quem teve cinco filhos. Foi professor de diversos estabelecimentos renomados do Rio, incluindo o Colégio Pedro II. Foi o primeiro professor de Sociologia do Colégio Pedro II e, antes de se tornar catedrático interino, Delpech foi professor substituto de francês escolhido pela Congregação. Regeu interinamente a cadeira de Francês do Internato de 1915 a 1917 além de ter sido colaborador em vários periódicos brasileiros como “O País”, “O Jornal” e o “Jornal do Comércio”. Na literatura, sua trajetória é reconhecida internacionalmente, pois, além do ensino de francês e sociologia, Delpech era próximo a autores como Raimundo Corrêa, Alberto de Oliveira e Olavo Bilac. Ele mesmo era escritor e publicou, como vimos, romances no Brasil, sobre o Brasil, em língua francesa. Ele foi também o primeiro tradutor de Machado de Assis para a língua francesa, como falamos anteriormente. A sua tradução de *Quelques contes* (*Várias histórias*) foi publicada em 1910, um ano após a festa da Latinidade, na Sorbonne, evento que homenageou a intelectualidade brasileira e Machado de Assis, falecido em 1908. No dia 20 de janeiro de 1929, Delpech é homenageado como novo membro da Associação de Ciências e Letras, fundada em 1922 e que, futuramente, se tornaria a Academia Petropolitana de Letras. Sob os auspícios de Alcindo Azevedo Sodré, médico, escritor

e político, e também redator do “Jornal de Petrópolis”, Delpech é saudado em sua cerimônia de recepção como “uma das mais brilhantes mentalidades que se encontram em Petrópolis”. Faleceu no Rio de Janeiro no dia 23 de maio de 1942 onde foi sepultado no cemitério São João Batista.

Paratexto do tradutor: microhistória, egodocumento e processo de tradução

As marcas paratextuais tendem a revelar de forma mais clara a ideologia subjacente ao texto. Textos introdutórios às traduções como prefácios ou notas do tradutor não são e não eram tão comuns no início do século XX. Adrien Delpech escreveu um único prefácio, o da sua tradução de *Várias Histórias* (*Quelques contes*) em 1910 que nos pareceu importante apresentar e comentar para o leitor brasileiro, pois permite “especular” de forma crítica as estratégias e escolhas feitas no processo de tradução.

Para os estudiosos em Estudos da Tradução, há claramente dois tipos de paratextos nas obras traduzidas: de um lado, os paratextos pré-existentes na obra “original” (original que coloco entre aspas, pois considero a obra traduzida como um original, um outro original) que serão ou não traduzidos pelo tradutor e, do outro lado, os paratextos de autoria do tradutor, editor e outro prefaciador. Refiro-me aqui ao último tipo de paratextos.

Conforme o *Handbook of Autobiography / Autofiction* recém-publicado em Berlim, em 2019, o paratexto foi incluído, no seu primeiro volume, como parte integrante

das categorias de autobiografia, num capítulo que lhe é dedicado.

Deixados de lado durante muito tempo por serem considerados da área da literatura ou da história cultural, os egodocumentos são também explorados pelos microhistoriadores cujos estudos partem do micro para o macro, do individual para o coletivo: a famosa redução da escala expressa pelos teóricos italianos da microhistória (Levi, Ginzburg, Poni). Segundo Baggerman e Dekker (2018: 90-1), nos egodocumentos podem ser incluídos autobiografias, diários, memórias, enfim, qualquer texto escrito onde é revelado o ser humano. A literatura arquivista, segundo Britto e Corraldi (2018:99), conceitua os egodocumentos como “aqueles documentos não tradicionais de procedência administrativa, ou seja, documentos oriundos do espaço doméstico, que contêm elementos da personalidade do autor”, isto é, a presença materializada do “eu” do autor no texto. Ainda complementam:

Esses são documentos que, por sua essência, formam os Arquivos Pessoais e diferenciam-se dos documentos institucionais, cuja natureza objetiva faz com que as características dos autores não fiquem tanto em evidência. O que define se um documento é ou não um egodocumento é se contém a presença materializada do “eu” do autor no texto (2018:99).

Considerando o egodocumento como qualquer texto em que a vida pessoal e as experiências do autor desempenhem um papel importante e central, posso afirmar que o paratexto é um egodocumento.

Das duas traduções que Delpech fez de Machado, a única que apresenta um paratexto do tradutor é

Quelques Contes. Em seu prefácio, Delpech dedica somente dois parágrafos curtos ao comentário de sua tradução, revelando suas ideias sobre a atividade tradutória da obra e afirma, por exemplo, ao citar Anatole France que

Il y a de belles traductions, peut-être, il n’y en a pas de fidèles... Chaque lecteur substitue ses visions aux nôtres... Que devient l’idée, la belle idée sous ces méchants hiéroglyphes à la fois communs et bizarres ? Qu’est-ce qu’il en fait, le lecteur, de ma page d’écriture ? Une suite de faux sens, de contresens et de non-sens.

[Há, belas traduções, talvez, não haja traduções fiéis... Cada leitor substitui suas visões às nossas... O que acontece com a ideia, a bela ideia sob estes horríveis hieróglifos, ao mesmo tempo comuns e estranhos? O que é que o leitor faz com a minha página de escrita? Uma série de falsos sentidos, contrassensos e *nonsenses*.]

Delpech, de um lado, parece desconfiar muito do leitor que, segundo ele, deforma o trabalho do tradutor. Por outro lado, ele acrescenta em seguida que “teria que se perguntar primeiro se há ideias absolutamente concretas e definidas. Cada ideia é a extensão de outra, e o início, não de uma série, mas de mil”. Confessa, paradoxalmente, que não há pensamento, ideias, até mesmo leituras fixas e imutáveis.

Delpech deplora a sua visibilidade enquanto tradutor bem como sua infidelidade em relação ao texto ‘original’ brasileiro, conceitos largamente difundidos no início do século XX e que perduram, infelizmente até hoje no século XXI em algumas línguas-culturas.

Continuando com o sentimento de inferioridade tão

comum na história das traduções ocidentais, Delpech demonstra, sem o verbalizar, que tem consciência de que o texto traduzido é um outro texto, um texto que não é o mesmo texto que o texto de partida:

J'ai traduit Machado de Assis, c'est-à-dire que j'ai superposé à sa mentalité une autre mentalité bienveillante et aussi harmonique que possible avec la sienne. Et c'est le rôle fatal de tout traducteur, essayât-il de faire une traduction juxtalinéaire, en créant même des néologismes à tout bout de champ, comme Chateaubriand dans sa traduction du *Paradis perdu*. À travers Milton, on retrouve encore Chateaubriand.

[Traduzi Machado de Assis, isto é, sobrepos à sua mentalidade outra mentalidade benevolente e a mais harmoniosa possível com a dele. E esse é o papel fatal de qualquer tradutor, mesmo que tentasse fazer uma tradução justilinear, criando neologismos a fio, como Chateaubriand na sua tradução do *Paraíso perdido*. Através de Milton, ainda encontramos Chateaubriand.]

A presença e a voz do tradutor no texto traduzido incomodava Delpech, pois no início do século XX, o tradutor devia permanecer invisível. O texto traduzido não podia mostrar que se tratava de um texto traduzido, mas sim devia dar a ilusão de ter sido escrito 'originalmente' na língua de chegada. No exemplo que Delpech usa com Chateaubriand, fica ainda mais claro que um escritor-tradutor deixa suas marcas estilísticas no texto traduzido.

Quando o prefácio que introduz o texto é assinado pelo tradutor, como é o caso do prefácio do Delpech, este é

raramente seguido de notas do tradutor onde podem ser mencionadas as escolhas de tradução. Como apreendo o texto traduzido como um outro texto, escrito em outra língua-cultura para outros leitores para os quais o texto não foi escrito na origem, no tempo e no espaço, considero que o tradutor é um autor, autor do texto que traduziu com marcas indentitárias do texto primeiro. Portanto, os prefácios escritos pelos tradutores são textos autorais (tornando o prefaciador autor do texto que segue) e não alógrafos (onde o prefaciado não seria o autor do texto que segue). Delpech, escritor-tradutor, que intenciona mostrar certo exotismo e visão colonial francesa, reflete sobre sua tarefa de tradução a partir da sua ética do traduzir/transcrever o processo de negociação identitário que acaba criando uma nova forma de escrita, o encontro das línguas e culturas. Aborda assim questões de tradução do discurso híbrido e das transfronteiras da tradução, mostrando uma nova relação entre fatos literários e o mundo.

O prefácio de *Quelques contes* assinado pelo Delpech traz, portanto, informações comuns aos prefácios em geral, ou seja, um texto introdutório que apresenta o autor e a obra. Delpech faz comentário de crítica literária e não de crítica tradutiva a respeito de alguns dos dezesseis contos da obra, como "A cartomante", "O enfermeiro", "D. Paula" ou ainda "Viver". Quanto às referências de intertextualidade ou de comparações com a obra de Machado, são todas oriundas da literatura francesa, num impulso de assimilação, especialmente com Molière:

Et d'abord, Machado de Assis avait la préoccupation de situer ses personnages tout au moins dans le temps. C'est chez lui

une manie. Même quand il n'a aucun intérêt à donner des dates, il tient à vous faire savoir que son récit commence telle année et tel mois. Les lieux mêmes ne lui sont pas indifférents, et, s'il est incapable de donner une impression pittoresque d'une rue ou d'un endroit quelconque, il vous le cite tout de même, en vous laissant le soin d'y aller voir. Mais ne l'eût-il pas fait que ses personnages porteraient encore l'empreinte de leur temps et du milieu où ils ont vécu ; et si, brisant le cadre, ils s'amplifient dans l'espace et dans la durée, s'ils deviennent non pas généraux mais représentatifs, non pas universellement mais collectivement humains, c'est d'abord parce que l'auteur les a vus évoluer dans une très stricte réalité.

« Est-ce que par hasard », continue M. Oliveira Lima, « Harpagon, Alceste, M. Jourdain, Célimène, dans la littérature française, sont des caractères du XVIIe siècle ? La préoccupation du synchronisme dominait-elle Molière ? Ne sont-ce pas plutôt les types de son théâtre immortel qui, pour figurer sur les planches, se parent des habits brodés, des jabots à dentelles et des perruques frisées du grand siècle, tout comme ils auraient pu endosser la redingote noire et se couvrir du chapeau haut de forme de notre temps?... »

Si Alceste et Célimène sont du XVIIe siècle ?... certes oui ! Le public du temps, bourgeois ou marquis, se reconnaissait si bien sous les affluets de ses personnages qu'à propos du fameux « Tarte à la crème » le duc de la Feuillade, « ayant vu passer Molière par un appartement où il était, l'aborda avec des

démonstrations d'un homme qui voulait lui faire caresse. Molière s'étant incliné, il lui prit la tête, et en lui disant : « Tarte à la crème, Molière, tarte à la crème », il lui frotta le visage contre ses boutons, qui étant fort durs lui mirent le visage en sang ».

[Antes de tudo, Machado de Assis tinha a preocupação de situar seus personagens pelo menos no tempo. Para ele, é uma mania. Mesmo quando ele não tem nenhum interesse em dar datas, quer que você saiba que sua narrativa começa tal ano e tal mês. Os próprios lugares não lhe são indiferentes, e, se é incapaz de dar uma impressão pitoresca de uma rua ou qualquer outro lugar, o menciona mesmo assim, deixando você verificar. Mas se não o tivesse feito, seus personagens ainda carregariam a marca do seu tempo e do ambiente em que viviam; e se, quebrando o quadro, crescem no espaço e no tempo, se tornando não gerais, mas representativos, não de forma universal, mas coletiva e humana, é porque o autor os viu evoluir numa realidade muito estrita.

Será que por acaso, continua Oliveira Lima, que Harpagon, Alceste, o Sr. Jourdain, Celimena, na literatura francesa, são personagens do século XVII? A preocupação com o sincronismo era dominante em Molière? Não seriam antes de mais nada tipos do seu teatro imortal que, para aparecerem no palco, se adornam com as roupas bordadas, jabots com renda e perucas encardadas do grande século, tal como poderiam ter usado a casaca preta e a cartola do nosso tempo? Alceste e Celimene são do século XVII?...

Com certeza! O público da época, burguês ou marquês, se reconhecia tanto nos trajes dos seus personagens quanto a respeito da famosa "Torta de creme" do duque da Feuillade, que, vendo Molière passar por um apartamento onde ele estava, aproximou-se dele com manifestações de um homem que queria bajulá-lo. Molière, tendo-se curvado, lhe pegou a cabeça, e disse: "Torta de creme, Molière, torta de creme", e esfregou-lhe o rosto nos seus botões tão duros que lhe fizeram sangrar o rosto".]

Mesmo considerando Machado de Assis um autor excepcional, com estilo próprio, conciso, irônico, Delpech enaltece os escritores franceses como sendo o modelo para todos os outros escritores. Discursa sobre a questão do autor popular e do autor das elites bem como sobre as novas culturas de formação:

De là à être un auteur populaire, il y a loin. Machado de Assis n'a rien de ce qui plaît au grand public. S'il se trouve souvent des situations fortes dans ses contes, il dédaigne d'en tirer parti, et répugne toujours aux sentiments outrés et aux ficelles banales. La masse ne s'intéresse guère qu'aux situations, tandis qu'elles ne sont qu'un prétexte pour l'artiste. On peut faire presque mécaniquement du feuilleton industriel et du roman commercial, en dosant l'impression à produire sur les nerfs des gens peu cultivés et sensibles ; c'est une question de pression et d'engrenages, comme pour les automobiles. L'art véritable demeure toujours supérieur à l'expérience et aux formules.

Il y a toujours chez un auteur populaire, fût-il même un grand poète comme cela se voit, un fond de philosophie courante et banale. Le gros public conserve de préférence dans sa mémoire les tirades poncives et les refrains d'orgue de barbarie. La foule n'aime que ce qui est tombé dans son domaine, qui est le domaine commun. Les idées vierges et les images neuves ne la séduisent pas. Elles ne lui plaisent qu'après avoir longtemps traîné sur le trottoir. Chez un poète de génie, ce qui agrée aux lettrés n'est généralement pas ce qui séduit la foule ; tout au moins les motifs d'admiration sont-ils différents.

Machado de Assis restera l'auteur favori d'une élite, ce qui est une garantie de survie

[Mas está longe de ser considerado um autor popular. Machado de Assis não tem nada que agrade ao grande público. Ele desdenhava tirar proveito das situações fortes dos seus contos, e rejeitava os sentimentos indignados e artifícios comuns.

A massa só se interessa por situações, enquanto elas são apenas um pretexto para o artista. Pode-se fazer quase mecanicamente novelas industriais e romances comerciais, dosando a impressão a ser produzida nos nervos de pessoas pouco cultas e sensíveis; é uma questão de pressão e engrenagem, como no caso dos automóveis. A verdadeira arte é sempre superior à experiência e às fórmulas.

Há sempre num autor popular, mesmo num grande poeta como este, um fundo de filosofia corriqueira e comum. O grande público em geral guarda preferencialmente

na sua memória os monólogos repetidos e coros do órgão da barbárie. A multidão só gosta do que pertence à sua área, a área comum. Ideias virgens e imagens novas não a seduzem. Só a agradam após ter vagueado muito tempo na rua. Num poeta de gênio, o que satisfaz os letrados não é o que em geral seduz a multidão; pelo menos os motivos de admiração são diferentes.

Machado de Assis continuará sendo o autor favorito de uma elite, o que é garantia de sobrevivência.]

Delpéch ainda repreende Machado por não ter incluído a natureza nas suas obras, por ser impessoal, admitindo que foi principalmente “pintor de retratos”:

Une seule fois, au cours de ces récits, il fait intervenir la nature, en trouvant, d’ailleurs sans l’avoir cherchée, une touche vive de couleur locale.

« Il ventait doucement, et les feuilles qui s’agitaient, murmurantes, ces feuilles qui n’étaient plus celles d’antan, se montraient cependant questionneuses. « Dona Paulina, disaient-elles, vous rappelez-vous les jours lointains ? » Car c’est une originalité chez les feuilles : les générations qui vont disparaître racontent à celles qui viennent de naître tous les événements auxquels elles ont assisté, en sorte qu’elles savent tout, qu’elles interrogent sur tout :

- « Vous souvenez-vous des jours lointains ? »
Sous la plume d’un écrivain des pays tempérés, ce passage serait absurde; seul un auteur des pays chauds, où les arbres ne se dépouillent jamais entièrement de leur

feuillage, pouvait écrire cette prosopopée, qui ne sort pas d’ailleurs des limites d’une observation générale, sous la plume d’un romancier brésilien.

Rendons-lui cette justice : n’étant point né paysagiste, il eut le bon esprit de s’abstenir, et de ne pas donner comme repoussoir à ses personnages des palmiers en zinc et des montagnes en carton. Il demeura systématiquement peintre de portraits. Or, comme c’est surtout dans notre façon de regarder la nature que se révèlent les nuances de notre subjectivité, Machado de Assis semble assez impersonnel, bien qu’il ne le soit en réalité qu’à demi. Car s’il dissimulait soigneusement sa participation aux joies et aux peines de ses héros, il ne cachait ni sa curiosité, ni le plaisir qu’il éprouvait à les regarder faire : il consulte le lecteur ; il l’interpelle ; il le tire volontiers par la manche, pour attirer son attention.

[Nas suas narrativas, a natureza aparece uma vez só, encontrando, sem querer, um toque vivo de cor local.

“Ventava um pouco, as folhas moviam-se sussurrando, e, conquanto não fossem as mesmas do outro tempo, ainda assim perguntavam-lhe: ‘Paula, você lembra do outro tempo?’ Que esta é a particularidade das folhas, as gerações que passam contam às que chegam as coisas que viram, e é assim que todas sabem tudo e perguntam por tudo. Você lembra do outro tempo?”

Sob a pena de um escritor de países temperados, essa passagem seria absurda; só um autor de países quentes, onde as

árvores nunca se despojam completamente de sua folhagem, poderia escrever essa prosopopeia, que não passa dos limites de uma observação geral, sob a pena de um romancista brasileiro.

Façamos-lhe justiça: não tendo nascido paisagista, ele teve a presença de espírito de se abster, e de não explorar os seus personagens por meio de palmeiras de zinco e montanhas de papelão. Ele permaneceu sistematicamente pintor de retratos. No entanto, como é sobretudo na forma como olhamos para a natureza que se revelam as nuances da nossa subjetividade, Machado de Assis parece bastante impessoal, embora não o seja totalmente. Pois, se dissimulava cuidadosamente a sua participação nas alegrias e tristezas dos seus heróis, não escondia nem a sua curiosidade, nem o prazer que sentia em assistir as suas atuações: consulta o leitor; o interpela; o puxa pela manga para atrair a sua atenção.]

1910: *Quelques contes de Machado de Assis*

Reproduzimos a seguir a tradução de um dos dezesseis contos que compõe *Quelques contes* traduzidos por Adrien Delpech, "A causa secreta"⁴¹.

O conto "A causa secreta" saiu originalmente no dia 1º de agosto de 1885, no jornal *Gazeta de Notícias*. Foi um dos poucos contos oriundos dos folhetins que Machado escolheu para serem publicados, posteriormente, em formato de livro. Faz parte, assim, de *Várias Histórias*, publicado em 1896.

Sadismo, crueldade, amizade, prazer e adultério são alguns dos principais temas do conto.

Conte « La cause secrète »

Traduction par Adrien Delpech. Paris : Garnier Frères, 1910 (p. 113-134).

Garcia, debout, regardait ses ongles et les faisait craquer. Fortunato, assis sur la chaise à bascule, contemplait le toit. Maria Luiza, auprès de la fenêtre, achevait un travail de couture. Depuis cinq minutes, aucun des trois ne proférait une parole. Ils avaient parlé de la belle journée, de Catumby, où demeurait le ménage Fortunato, et d'une maison de santé, dont il sera question plus loin. Comme les trois personnages

41 "A causa secreta" bem como os outros contos de *Várias Histórias* foram recentemente retraduzidos por Saulo Neiva em francês sob o título de *Histoires diverses*.

présents dans cette histoire sont maintenant morts et enterrés, il est temps de passer aux faits sans retard.

Outre les trois sujets de conversation indiqués, ils en avaient eu un autre, celui-là si vilain et si grave qu'il ne les avait guère mis en train pour parler du temps, du quartier et de la maison de santé. Leur entretien était gêné. En cet instant même, les doigts de Maria Luiza paraissent encore tremblants, tandis qu'il y a sur le visage de Garcia une expression de sévérité, qui ne lui est pas habituelle. En vérité, ce qui s'est passé est de telle nature qu'il est nécessaire de remonter au début. L'année précédente, en 1861, Garcia avait défendu sa thèse de médecine. En 1860, étant encore élève de l'école, il avait rencontré Fortunato pour la première fois, à la porte de l'hôpital de la Miséricorde. Il entra, quand l'autre sortait. Il remarqua cette figure, qu'il eût probablement oubliée, n'était une seconde rencontre, quelques jours plus tard. Il habitait rue Dom Manoel. Une de ses rares distractions était d'aller au théâtre San Januario, situé tout auprès, entre cette rue et la plage. Il y allait une ou deux fois par mois, et n'y rencontrait jamais plus de quarante personnes. Les intrépides seuls osaient s'aventurer jusqu'à ce recoin de la ville.

Un soir qu'il se trouvait aux fauteuils d'orchestre, Fortunato survint et s'assit à côté de lui.

La pièce était un vieux mélodrame, lardé de coups de poignards, hérissé d'imprécations et de remords. Mais Fortunato l'écouta avec un étrange intérêt. Aux instants pathétiques, son attention redoublait, ses regards passaient avidement d'un personnage à l'autre, à tel point que l'étudiant supposa que son voisin trouvait dans la pièce des réminiscences personnelles. Après le drame, la farce ; mais Fortunato n'attendit pas qu'on la jouât, et sortit. Garcia partit sur ses talons. Fortunato

prit par la ruelle du Cotovello, la rue San José, jusqu'à la place de la Carioca. Il allait lentement, tête basse, s'arrêtant parfois pour cingler de sa canne un chien endormi. Le chien aboyait, et lui continuait sa route. Place da Carioca, il monta dans une voiture et partit du côté de la place da Constituição. Garcia revint chez lui sans en savoir plus long.

Quelques semaines s'écoulèrent. Une nuit, il pouvait être neuf heures, et il se trouvait chez lui, quand il entendit une rumeur de voix dans l'escalier. Il descendit aussitôt des combles, où il demeurait, jusqu'au premier étage, où habitait un employé de l'Arsenal. C'était cet homme que d'autres transportaient, ensanglanté, à travers l'escalier. Le nègre qui était à son service courut ouvrir la porte. Le blessé gémissait, les voix étaient confuses sous l'insuffisante lumière. Après avoir déposé l'homme sur son lit, Garcia déclara qu'il fallait appeler un médecin.

— J'en ai envoyé chercher un, cria quelqu'un.

Garcia regarda, et reconnut l'homme de l'hôpital et du théâtre. Il pensa qu'il pouvait être ami ou parent du blessé ; mais il rejeta cette supposition en l'entendant demander si celui-ci avait de la famille ou quelques proches. Le nègre répondit négativement, et aussitôt il prit la direction du service, pria les personnes étrangères de se retirer, paya les porteurs, et donna les premiers ordres. Dès qu'il sut que Garcia était étudiant en médecine et demeurait dans la même maison, il le pria de rester pour aider le médecin. Ensuite, il raconta ce qui s'était passé.

— C'est une bande de capoeiras⁴². Je venais de la

42 Sous l'empire, Rio était infesté de ces bandes, qui constituaient des corps organisés, avaient des noms, des chefs, des couleurs et des cris de ralliement, et non seulement faisaient de mauvais coups dans l'ombre, mais encore figuraient à toutes les fêtes, et mimaient à la tête des régiments une

caserne de Moura ou j'étais allé rendre visite à un cousin, quand j'entendis un grand bruit, et aussitôt, je vis se former un rassemblement. Il paraît qu'ils ont encore blessé un autre individu qui est entré dans une des ruelles. Mais je n'ai vu que ce monsieur, qui traversait la rue au moment où l'un des capoeiras, en passant près de lui, l'a poignardé.

Il n'est pas tombé tout de suite. Il a donné son adresse, et comme il demeurait à deux pas, j'ai jugé bon de le faire transporter.

— Vous le connaissiez ? demanda Garcia.

— Non, je ne l'ai jamais vu. Qui est-ce ?

— Un brave homme, employé de l'Arsenal. Il s'appelle Gouvêa.

— Connais pas...

Le médecin et le commissaire de police arrivèrent sur ces entrefaites. On fit le pansement, et on prit les informations. L'inconnu déclara se nommer Fortunato Gomes da Silveira, rentier, garçon, demeurant à Catumby. La blessure fut reconnue grave. Pendant le pansement, l'étudiant servit d'aide et Fortunato de

danse entremêlée de cabrioles et de sauts.

« On donnait aux danseurs de ces hordes barbares le nom de capoeiras. C'est celui d'oiseaux qui vont en bande dans la forêt tropicale et qui se provoquent et s'attaquent sous la ramée, où les guettent les chats sauvages, tachetés et pillards. Les capoeiras étaient la terreur des quartiers paisibles, car ils se constituaient en corps rivaux, et quand ils se rencontraient dans une rue où ils passaient en sens inverse, la question du pas entraînait fatalement l'effusion du sang.

« Ils s'attaquaient à coups de pieds, à coups de tête, à coups de rasoirs. Ils pratiquaient une sorte de boxe, dansante et compliquée, se tenant sur les mains autant que sur les pieds, promenant à la hauteur des têtes leurs semelles armées de lames effilées.

« Cependant le gouvernement les tolérait, car ils constituaient aux jours d'élection un sérieux élément de succès, autant par leur vote que par la crainte qu'ils inspiraient. » (Roman Brésilien, p. 213.)

(Note du traducteur.)

domestique, tenant la cuvette, la bougie, les linges, sans sourciller, regardant froidement le blessé, qui gémissait sans cesse. Ensuite, il prit le médecin à part, l'accompagna jusqu'au palier, et répéta au commissaire qu'il était prêt à aider aux recherches de la police. Quand tous les deux se furent retirés, il demeura seul avec l'étudiant.

Garcia était fort surpris. Il le regardait, le vit s'asseoir tranquillement, étendre les jambes, mettre les mains dans ses poches, et fixer ses regards sur le blessé. Les yeux étaient clairs, couleur de plomb ; ils se promenaient lentement, et avaient une expression dure, sèche et froide. La face était maigre et pâle, encadrée d'un étroit ruban de barbe, courte, rousse et rare, qui courait d'une tempe à l'autre, en passant sous le menton. Il pouvait avoir quarante ans. De temps à autre, il se tournait vers l'étudiant et demandait une information au sujet du blessé, mais il reportait immédiatement son regard sur celui-ci, pendant que l'étudiant lui donnait la réponse. La sensation que le jeune homme éprouvait était à la fois de répulsion et de curiosité. Il était forcé de reconnaître qu'il assistait à un acte de dévouement rare, et si cet acte était désintéressé, comme il paraissait l'être en effet, il n'y avait plus qu'à considérer le cœur humain comme un abîme de mystères.

Fortunato sortit un peu avant une heure ; il revint les jours suivants ; mais la cure fut rapide, et il disparut avant qu'elle fût complète, sans donner son adresse à son obligé. Ce fut l'étudiant qui lui indiqua le nom, la rue et le numéro.

— J'irai le remercier de ses bontés, dès que je pourrai sortir, dit le convalescent.

Six jours après, il courut à Catumby. Fortunato le reçut avec gêne, écouta impatiemment ses paroles

de remerciements, lui donna une réponse ennuyée, et termina en battant la mesure sur ses genoux avec les cordons de sa robe de chambre. En face de lui, Gouvêa, silencieusement assis, lissait son chapeau avec ses doigts, en levant les yeux de temps à autre, sans rien trouver à dire. Au bout de dix minutes, il prit congé et sortit.

— Prenez garde aux capoeiras, lui dit le maître de la maison en riant.

Le pauvre diable sortit de là mortifié, humilié, sans pouvoir digérer la réception méprisante, s'efforçant de l'oublier, de l'expliquer ou de l'excuser, pour qu'il ne demeurât dans son cœur que la mémoire du bienfait. Mais c'était en vain. Le ressentiment, hôte nouveau et exclusif, entra et mit le service à la porte, de telle sorte que le pauvre diable n'eut d'autre ressource que de grimper dans la cervelle et de s'y réfugier comme une simple idée. C'est ainsi que le bienfaiteur insinua lui-même à cet homme le sentiment de l'ingratitude.

Tout cela stupéfia Garcia. Le jeune homme possédait, en germe, la faculté de déchiffrer les hommes, de pénétrer les caractères, il avait l'amour de l'analyse, et possédait le don, qu'il disait suprême, de pénétrer à travers plusieurs couches morales, et d'arriver à palper le secret d'un organisme. Piqué par la curiosité, il eut l'idée d'aller rendre visite au personnage de Catumby, mais se souvint que celui-ci ne l'avait pas formellement invité. Il fallait au moins un prétexte, et il n'en trouvait aucun.

Quelque temps après, comme il avait déjà reçu le titre de médecin, et qu'il demeurait rue Mata-Cavallós, près de celle do Conde, il rencontra Fortunato dans un omnibus, une fois, deux fois, et d'autres encore. Une intimité s'ensuivit, et un jour Fortunato l'invita à l'aller

voir, tout près de là, à Catumby.

— Savez-vous que je suis marié ?

— J'ignorais...

— Oui, il y a déjà quatre mois ; je pourrais dire quatre jours. Venez dîner dimanche avec nous.

— Dimanche ?

— Ne cherchez pas d'excuses ; je n'admets pas de prétextes. Vous viendrez dimanche, sans faute.

Garcia fut exact. Fortunato lui donna un bon dîner, de bons cigares, une bonne conversation, secondé d'ailleurs par sa femme qui était fort intéressante. La figure du mari n'avait pas changé ; les yeux conservaient la dureté froide d'une plaque de plomb ; les autres traits n'étaient pas devenus plus sympathiques que par le passé. Les attentions, toutefois, si elles ne rachetaient pas la nature, donnaient quelques compensations, et c'était déjà quelque chose. Maria Luiza possédait par contre les charmes de la personne et des manières. Elle était svelte, imposante, avec de tendres yeux soumis ; elle avait vingt-cinq ans et n'en paraissait que dix-neuf. La seconde fois que Garcia se rendit chez eux, il s'aperçut qu'il y avait entre les époux quelques dissonances de caractère, peu ou pas d'affinité morale, et, de la part de la femme envers le mari, une façon d'être qui dépassait le respect, et confinait à la résignation et à la crainte. Un jour qu'ils se trouvaient tous trois ensemble, Garcia demanda à Maria Luiza si elle était au fait des circonstances qui lui avaient fait connaître son mari.

— Non, répondit la jeune femme.

— Vous allez entendre le récit d'une belle action.

— Elle ne vaut guère la peine qu'on en parle, interrompit Fortunato.

— Guère la peine ! vous en jugerez par vous-même, Madame, insista le médecin.

Il raconta l'aventure de la rue Dom-Manoel. La jeune femme écouta, surprise. Involontairement, elle étendit la main vers son mari, en lui serrant le poignet, souriante et reconnaissante, comme si elle venait de faire la découverte de son cœur. Fortunato haussait les épaules, mais écoutait, intéressé. Ensuite, il conta lui-même la visite que le blessé lui avait faite, avec tous les détails, attitudes, gestes, paroles embarrassées : « un pauvre diable, en somme ». Et il riait beaucoup pendant son récit. Ce n'était pas le rire de la duplicité, qui est évasif et oblique. Son rire, à lui, était jovial et franc.

— Singulier homme ! pensa Garcia.

Maria Luiza s'attrista de l'ironie de son mari ; mais le médecin lui rendit son contentement antérieur en recommençant à lui parler du dévouement et des rares qualités d'infirmier de Fortunato ; « si bon infirmier que si, quelque jour, je fonde une maison de santé, je lui offrirai de l'associer ».

— C'est dit ? demanda Fortunato.

— Qu'est-ce qui est dit ?

— Fondons une maison de santé ?

— Allons donc ; je voulais rire.

— On pourrait tenter ; et pour vous qui formez notre clientèle, cela aurait ses avantages. J'ai justement en vue une maison d'où l'on va déménager et qui ferait l'affaire.

Garcia refusa ce jour-là et le suivant ; mais l'autre s'était fourré l'idée dans la tête, et il n'y eut plus moyen de reculer. En vérité c'était un bon début pour le médecin, et l'affaire pouvait devenir bonne pour tous deux, il accepta enfin, au bout de quelques jours, et ce fut une désillusion pour Maria Luiza. Créature nerveuse et fragile, elle souffrait à la seule pensée que son mari pourrait vivre au contact des infirmités humaines : mais

elle n'osa lui tenir tête et s'inclina devant sa volonté. On passa rapidement des plans à l'exécution. Il est vrai que Fortunato ne s'occupa plus d'autre chose, ni à cette époque, ni depuis. Aussitôt que la maison de santé fut ouverte, il en fut le propre administrateur, le chef des infirmiers, examinant tout, présidant à tout, surveillant les achats et les bouillons, les drogues et les comptes. Garcia put alors observer que le dévouement de son associé au blessé de la rue Dom-Manoel n'était pas un cas fortuit, mais qu'il tenait à la propre nature de cet homme. Il le vit faire le service mieux que n'importe quel domestique, et ne reculer devant rien. Il n'y avait pas pour lui de maladie désagréable ou repoussante, et il était toujours prêt à tout, à n'importe quelle heure du jour ou de la nuit. Tout le monde s'étonnait et applaudissait. Fortunato étudiait, assistait aux opérations, et personne d'autre que lui ne pensait les vésicatoires.

— Il avait foi aux vésicatoires, disait-il.

La communion des intérêts resserra les liens d'intimité. Garcia devint le commensal de la maison ; il y dînait presque tous les soirs ; il observait la personne et la vie de Marie Luiza, dont la solitude morale était évidente. Et la solitude lui donnait de nouveaux charmes. Garcia commença à éprouver une agitation quand elle apparaissait, quand elle parlait, quand elle travaillait, silencieuse dans une embrasure de fenêtre, ou quand elle jouait une musique mélancolique, au piano. Peu à peu, l'amour pénétra dans son cœur. Quand il en eut conscience, il voulut le chasser pour qu'il n'y eût entre lui et Fortunato d'autres liens que ceux de l'amitié. Mais il ne put. C'est tout au plus s'il le contient. Maria Luiza comprit tout : l'affection et le silence. Mais elle feignit

de ne s'apercevoir de rien.

Au commencement d'octobre, il se produisit un incident qui révéla mieux encore aux regards du médecin la situation de la jeune femme. Fortunato s'était mis à étudier l'anatomie et la physiologie, et il employait ses heures de loisir à découper et à empoisonner des chats et des chiens. Comme les plaintes des animaux troublaient les malades, il avait transporté son laboratoire chez lui, et sa femme, de complexion nerveuse, dut se résigner aux hurlements. Un jour, cependant, n'y tenant plus, elle alla trouver le médecin, afin qu'il obtînt de son mari, et comme une faveur personnelle, la cessation de semblables expériences.

— Mais vous-même, Madame...

Maria Luiza l'interrompit en souriant :

— Il me traitera naturellement d'enfant. Ce que je voudrais, c'est que, en qualité de médecin, vous lui disiez que cela est nuisible à ma santé ; et croyez que ça l'est en effet.

Garcia obtint sans peine que l'autre en finît avec ses études. S'il alla les continuer autre part, personne ne le sait, mais cela est fort probable. Maria Luiza remercia le médecin tant pour elle que pour les animaux, qu'elle ne pouvait voir souffrir. De temps à autre, elle toussait. Garcia lui demandait si elle souffrait de quelque chose ; elle répondait que non.

— Laissez-moi vous tâter le pouls.

— Je n'ai rien.

Elle refusa de laisser compter le nombre de ses pulsations et se retira. Garcia ressentit une appréhension. Il pensait qu'elle pouvait bien être souffrante, qu'il fallait l'observer, et aviser à temps le mari.

Deux jours après, exactement le jour où nous avons trouvé nos trois personnages réunis, Garcia était allé

dîner chez Fortunato. Au moment où il entra dans le salon, on lui dit que le maître de la maison était dans son cabinet, et il s'achemina de ce côté. Il arrivait à la porte, quand Maria Luiza sortit tout émue.

— Qu'est-ce ? demanda-t-il.

— Le rat ! le rat ! s'écria la jeune femme, suffoquée, en s'éloignant.

Garcia se rappela que, la veille, il avait entendu Fortunato maugréer contre un rat qui avait emporté un papier important. Mais il était loin de s'attendre à ce qu'il vit : Fortunato assis devant la table qui occupait le centre de son cabinet, et sur laquelle il avait placé une assiette remplie d'esprit-de-vin, auquel il avait mis le feu. Entre le pouce et l'index de la main gauche, il tenait une ficelle, d'où pendait le rat, attaché par la queue. Dans sa main droite, il avait des ciseaux. Au moment où Garcia entra, Fortunato coupait l'une des pattes du rat. Ensuite, il descendit le malheureux jusqu'à la flamme, rapidement, pour ne pas le tuer, et il se disposa à séparer de la même façon la troisième patte, attendu qu'il avait antérieurement coupé la première. Garcia s'arrêta pétrifié.

— Tuez-le tout de suite, dit-il.

— Minute...

Et avec un sourire unique où se reflétait son âme satisfaite, et qui traduisait l'intime délice de sensations suprêmes, Fortunato coupa la troisième patte au rat, et fit pour la troisième fois le même mouvement jusqu'à la flamme. La misérable bête se tordait, poussant de petits cris, et, toute sanglante et carbonisée, n'en finissait pas de mourir. Garcia détourna les yeux, puis regarda de nouveau, en étendant la main pour empêcher la continuation du supplice. Mais il se contint, tant ce diable d'homme inspirait de crainte avec cette sérénité

radieuse de sa physionomie. Restait à couper la dernière patte. Fortunato prit son temps en suivant du regard le mouvement lent des ciseaux. La patte tomba ; il demeura en contemplation devant le rat demi-mort ; et il procéda d'un geste plus rapide pour prolonger s'il était possible une dernière lueur de vie.

Garcia, en face de lui, essayait de dominer sa répugnance du spectacle, pour étudier le visage de l'individu. Ni fureur, ni haine ; mais une immense satisfaction, tranquille et profonde, comme celle que produirait, chez un autre, l'audition d'une belle sonate, ou la vue d'une statue divine, quelque chose de semblable à une pure sensation esthétique. Il lui sembla, et c'était vrai, que Fortunato l'avait complètement oublié.

La flamme se mourait ; le rat gardait peut-être encore un reste de vie : l'ombre d'une ombre. Fortunato en profita pour lui couper le museau et approcher une dernière fois la chair de la flamme. Enfin, il laissa tomber le cadavre sur le plat et repoussa tout ce mélange de viande rôtie et de sang.

En se levant, il aperçut le médecin et sursauta. Alors il tempêta contre l'animal qui avait dévoré le document ; mais cette fureur était évidemment feinte.

— Il châtie sans colère, pensa le médecin, parce que cela est nécessaire à son plaisir, dont la sensation est liée à la douleur d'autrui : voilà donc le secret de cet homme.

Fortunato fit valoir l'importance du papier, la perte, qu'il encourait, perte de temps c'est vrai, mais d'un temps qui était alors très précieux. Garcia l'écoutait sans lui répondre et sans le croire. Il remémorait les actions de cet homme, les insignifiantes et les graves, en trouvant à toutes le même motif. C'était la même transposition des touches de la sensibilité, un dilettantisme sui

generis, une réduction de Caligula.

Quand Maria Luiza rentra dans le cabinet, un instant après, son mari alla à sa rencontre, en souriant ; il lui prit les mains en lui parlant doucement.

— Quelle femmelette !

Et se tournant du côté du médecin :

— Croiriez-vous qu'elle s'est presque évanouie.

Maria Luiza s'excusa de sa peur, reconnut qu'elle était nerveuse et femme ; puis elle alla s'asseoir près de la fenêtre avec ses aiguilles et ses pelotes, les doigts tremblants, telle que nous l'avons trouvée au début de cette histoire. On se rappelle qu'après avoir parlé de différentes choses, tous trois s'étaient tus, le mari assis et regardant en l'air, le médecin faisant claquer ses ongles. Peu après on alla dîner ; mais le repas ne fut pas gai. Maria Luiza songeait et toussait ; le médecin se demandait à lui-même si elle n'était pas exposée à quelque sévices, dans la compagnie de cet homme. C'était à peine croyable ; mais l'amour transforma la possibilité en certitude ; il trembla pour elle, et se promit de veiller.

Elle toussait, toussait, et, au bout de peu de temps, la maladie jeta le masque. C'était la phtisie, vieille dame insatiable qui suce la vie jusqu'à la moelle, et ne laisse qu'un monceau d'os. Cette nouvelle fut un coup pour Fortunato ; il aimait vraiment sa femme, à sa manière ; il s'était habitué à sa compagnie, il lui en coûtait de la perdre. Il n'épargna ni efforts ni médecins, ni remèdes, ni changements de climats. Il mit en œuvre toutes les ressources et tous les palliatifs. Ce fut en vain : la maladie était mortelle.

Pendant les derniers jours, devant les tourments suprêmes de la jeune femme, le nature du mari domina tout autre sentiment. Il ne la quittait plus. Il tint son

regard, terne et froid, fixé sur cette décomposition lente et douloureuse de la vie ; il but une à une les affres de la belle créature, alors amaigrie et transparente, dévorée de fièvre et minée par la mort. Dans son âpre égoïsme, affamé de sensations, il ne perdit pas une minute d'agonie, qu'il ne paya d'ailleurs d'aucune larme publique ou intime. Au moment où elle expira, il demeura abasourdi. Il retomba en lui-même, et se retrouva seul, de nouveau.

La nuit suivante, tandis qu'une parente de Maria Luiza, qui avait assisté à ses derniers instants, était allée se reposer, Garcia et Fortunato, tous deux pensifs, veillaient le cadavre. Mais le mari lui-même était épuisé, et le médecin lui dit d'aller se reposer un moment.

— Allez dormir une heure ou deux ; ensuite ce sera mon tour.

Fortunato sortit, se coucha sur le sofa du petit salon contigu, et s'endormit aussitôt. Au bout de vingt minutes, il s'éveilla, essaya de retrouver le sommeil, tomba pendant quelques minutes dans une somnolence, et enfin se leva et rentra dans le salon, en marchant sur la pointe des pieds, pour ne pas réveiller la parente, qui reposait tout auprès. À la porte, il s'arrêta stupéfait.

Garcia s'était approché du cadavre, il avait soulevé le voile, et contemplait depuis quelques instants les traits de la défunte. Puis, comme si la mort spiritualisait tout, il s'était incliné et l'avait baisée sur le front. Ce fut à ce moment que Fortunato arriva à la porte. Il demeura pétrifié. Ce ne pouvait être la caresse de l'amitié ; ce devait être plutôt l'épilogue d'un roman d'adultère. Notez qu'il n'éprouvait aucune jalousie ; la nature l'avait fabriqué de telle sorte qu'il était exempt de jalousie et d'envie, mais non de vanité, qui est tout aussi capable de ressentiment. Il regarda stupéfait en se mordant les

lèvres.

Cependant Garcia s'inclina une seconde fois pour baiser le cadavre ; mais n'y tenant plus, son baiser éclata en sanglots, et ses yeux ne purent contenir les larmes copieuses d'amour silencieux et d'irréparable désespoir. Fortunato, de l'embrasure où il se trouvait, savoura tranquillement cette explosion de douleur morale, qui fut longue, très longue, délicieusement longue.

1911: Mémoires posthumes de Brás Cubas de Machado de Assis

Memórias Póstumas de Brás Cubas foi publicado em folhetim na Revista Brasileira entre 15 de março e 15 de dezembro de 1880. O formato em livro saiu em janeiro de 1881 pela Tipografia Nacional, com alterações em sua ordenação. A tradução de Delpech foi criticada por ter um capítulo a menos que o original de Machado. De fato, parece faltar um capítulo na tradução de Delpech das *Memórias Póstumas de Brás Cubas* para o Francês. Porém, Delpech traduziu todos os capítulos. O que fez, foi juntar os capítulos CXXIX “Sem remorsos” e CXXX “Para intercalar no capítulo CXXIX”. Lendo rapidamente, pode-se pensar que não traduziu o capítulo CXXX. Lendo com mais cautela, percebe-se que misturou, mesclou os capítulos CXXIX e CXXX num único capítulo sob o título de “Sans remord”. Delpech seguiu ao pé da letra a última sentença do capítulo CXXX de Machado, ou seja, “Convém intercalar este capítulo entre a primeira oração e a segunda do capítulo CXXIX.” Foi o que o tradutor fez, intercalou o capítulo CXXX integralmente entre a primeira e a segunda oração do capítulo CXXIX (em itálico o capítulo CXXX).

CXXIX
Sans remords

Non vraiment, je n’avais aucun remords.
La première fois que je pus parler à Virgilia après la présidence, ce fut dans un bal, en 1855. Elle portait un superbe vêtement de gourgouran de couleur bleue,

et présentait aux lumières la même paire d’épaules qu’autrefois. Elle n’avait plus la fraîcheur de la première jeunesse, loin de là ; mais elle était encore fort belle, d’une beauté automnale rehaussée par la nuit. Nous causâmes longtemps, sans allusion au passé. Nous sous-entendions simplement : une parole vague, un regard, et c’était tout. Quand elle partit, j’allai la voir descendre les escaliers, et je ne sais par quel phénomène de ventriloquie cérébrale (que les philologues me pardonnent cette phrase barbare), je murmurai cette parole profondément rétrospective : « Magnifique ! »
Si je possédais un laboratoire, j’inclurais dans ce livre un chapitre de chimie, où je décomposerais le remords en ses derniers éléments, avant de décider pourquoi Achilles promenait autour de Troie le cadavre de son adversaire, tandis que lady Macbeth promenait autour d’une salle de son palais sa manche tachée de sang. Mais je n’ai pas plus de laboratoire que je n’avais de remords. Je désirais tout simplement être ministre. En tous cas, avant de terminer ce chapitre, je dirai que je n’aurais voulu être ni Achilles ni lady Macbeth. Mais s’il m’avait fallu absolument choisir, j’aurais tout de même préféré traîner le cadavre que la souillure. J’y aurais gagné une ovation, les supplications de Priam, et une jolie réputation militaire et littéraire. Mais ce que j’écoutais, c’était le discours de Lobo Neves et non les supplications de Priam ; et je n’avais pas de remords.

Reproduzimos a seguir alguns capítulos da tradução de Delpech escolhidos em função dos questionamentos críticos do narrador onisciente quanto ao estilo do escritor, inovador na época de Machado, geralmente direcionado para o leitor, a começar, de forma irônica,

pela morte do autor:

I. MORT DE L'AUTEUR

Je me suis demandé pendant quelque temps si je commencerais ces mémoires par le commencement ou par la fin, c'est-à-dire si je parlerais d'abord de ma naissance ou de ma mort. L'usage courant est de commencer par la naissance, mais deux considérations me firent adopter une autre méthode. La première c'est que je ne suis pas à proprement parler un auteur défunt, mais un défunt auteur, pour qui la tombe fut un autre berceau. La seconde c'est que j'ai pensé que cet écrit en serait ainsi plus original et plus galant. Moïse, qui a aussi narré sa mort, ne la met pas au début mais à la fin de son récit : différence radicale entre mon livre et le Pentateuque.

Je mourus donc un vendredi du mois d'août 1869, sur le coup de deux heures de l'après-midi, dans ma belle propriété de Catumby. J'avais alors soixante-quatre ans, solides et verts ; j'étais vieux garçon, je possédais environ trois cents contos, et onze amis m'accompagnèrent au cimetière. Onze amis ! Il est vrai qu'on n'avait envoyé aucune lettre de faire part, et qu'il tombait une pluie fine passée au tamis, si implacable et si triste qu'un de mes fidèles de la dernière heure en intercala cette ingénieuse pensée dans le discours qu'il prononça sur le bord de ma sépulture : « Vous qui l'avez connu, Messieurs, ne vous semble-t-il pas comme à moi que la Nature paraît pleurer la perte irréparable d'un des plus beaux caractères dont se puisse honorer l'humanité ? Cette ambiance sombre, ces gouttes du ciel, ces nuages obscurs qui voilent l'azur comme un crêpe funèbre, révèlent la douleur profonde dont la

Nature est pénétrée, et tout cela constitue un sublime tribut de louange à notre illustre défunt. »

Bon et fidèle ami ! comme j'ai bien fait de lui laisser vingt titres de rente par héritage. Ce fut de la sorte que j'arrivai au terme de mon voyage ; ce fut ainsi que j'entrai dans *l'indiscovered country* de Hamlet, exempt des angoisses et du doute du jeune prince danois. Ma retraite fut calme et traînante, comme celle de quelqu'un qui se retire tard du spectacle. Tard et rassasié. Neuf ou dix personnes assistèrent à mon départ ; trois femmes entre autres : ma sœur Sabine, mariée avec Cotrim ; sa fille, un lis de la vallée, et... prenez patience : d'ici peu vous saurez quelle était la troisième. Contentez-vous d'apprendre pour l'instant que cette anonyme, bien qu'elle ne fût point ma parente, eut plus de réel chagrin que mes propres parents. En vérité, elle souffrit davantage. Elle ne cria pas, elle ne se roula pas sur le sol en proie à une attaque de nerfs, c'est vrai... Mais un vieux garçon qui meurt à soixante-quatre ans ne prête pas à la douleur tragique, et de toutes les façons il ne convenait pas à l'inconnue d'en donner les marques. Debout au chevet du lit, les regards stupides, la bouche entr'ouverte, la pauvre femme ne pouvait se convaincre de mon trépas : « Mort ! mort ! » se répétait-elle.

Et son imagination, comme les cigognes qu'un illustre voyageur vit cingler, en dépit des ruines et du temps, de l'Illyssus vers les plages africaines, vola par-dessus les débris des années jusqu'à une Afrique juvénile. (Nous l'y accompagnerons plus tard, quand moi-même je revêtirai les traits de mes premiers ans.) Pour le moment, je veux mourir tranquille et méthodiquement, en écoutant les sanglots des dames, les chuchotements des hommes, la pluie qui tambourine sur les feuilles des tignorons dans le jardin, le frottement strident d'un

tranchet que le rémouleur aiguise dehors, à la porte du sellier. Je vous jure que cet orchestre mortuaire était beaucoup moins triste qu'on ne pourrait supposer. Il finit même par me sembler délectable : la vie trébuchait en moi, la conscience s'effaçait, je tombai de l'immobilité physique dans l'immobilité morale ; mon corps devenait plante, pierre, boue, puis plus rien.

Je mourus d'une pneumonie. Si j'affirme pourtant que ma mort fut causée moins par cette maladie que par une idée grandiose et utile, le lecteur ne me croira pas, quoique ce soit la vérité pure. Je vais exposer en connaissance de cause.

XXII

Retour à Rio

Ah ! maudit âne, tu as coupé le fil de mes réflexions. Je ne pourrai plus dire ce que je fis jusqu'à Lisbonne, ni à Lisbonne, ni dans la péninsule, ni dans le reste de la vieille Europe, qui, à cette époque, semblait rajeunir. Non, je ne dirai point l'aube du romantisme auquel j'assistai, moi qui allai même jusqu'à aligner des rimes au cœur de l'Italie. Sans quoi c'est un journal de voyage que je devrais écrire, et non des mémoires comme ceux-ci, où n'entre que la substance de la vie.

Au bout de quelques années de pérégrinations, je me rendis aux supplications de mon père : « Viens, me disait-il dans sa dernière lettre. Si tu ne te hâtes, lu ne retrouveras plus ta mère vivante... » Cette dernière phrase me fut cruelle. J'aimais ma mère. Je me rappelai ses dernières bénédictions à bord du navire : « Pauvre enfant ! jamais plus je ne te reverrai. » Et la pauvre femme sanglotait en me serrant sur son cœur. Ses paroles résonnaient alors à mes oreilles comme une

prophétie réalisée.

Notez bien que je me trouvais alors à Venise, où vibraient encore les vers de Byron. Je marchais en plein songe, revivant le passé, me croyant encore dans la Sérénissime République. Oui vraiment, je demandai une fois au gondolier si le doge irait se promener ce jour-là. « Quel doge, signor mio ? » Je retombai en moi-même, mais je ne voulus pas avouer mon illusion. Je dis au brave homme que ma demande était une espèce de charade américaine. Il feignit de comprendre, et ajouta qu'il appréciait beaucoup les charades américaines. Eh bien ! j'abandonnai tout : le gondolier, le doge, le pont des Soupirs, les vers du lord, les dames du Rialto, j'abandonnai tout, et je partis comme une balle dans la direction de Rio de Janeiro.

J'arrivai... Mais non ; je ne veux point allonger ce chapitre. Quelquefois, je m'oublie à écrire, et la plume court sur le papier au grand préjudice de l'auteur. Des chapitres longs sont bons pour des lecteurs lourdauds. Nous ne sommes pas un public pour in-folio, mais seulement pour in-12 : peu de texte, une large marge, des caractères élégants, dorures sur tranches et des vignettes... principalement des vignettes. Non, n'allongeons point le chapitre.

LXXI. CRITIQUE DE CE LIVRE

Je commence à me repentir d'avoir commencé ce volume. Ce n'est pas que je me fatigue : au contraire ; je me distrais un peu de l'éternité en envoyant quelques maigres chapitres dans le monde des vivants. Mais c'est une œuvre triste, qui sent le sépulcre. C'est un grave défaut ; mais le pire de tous, ô lecteur, c'est ta hâte de vieillir alors que ma narration, au lieu de galoper, va d'un

pas lent. Tu aimes les récits coulants, le style ordonné, tandis que le mien va comme les ivrognes, de droite et de gauche, ainsi qu'ils font, titubant, s'arrêtant, grognant, criant, riant, menaçant, glissant et tombant. Car ils tombent. Et vous aussi, pauvres feuilles de cyprès, vous tomberez tout comme les feuilles des arbres allègres. Et si j'avais encore des yeux, je verserais sur vous un pleur. Mais voilà les avantages de la mort : si l'on n'a plus de bouche pour rire, on n'a pas non plus d'yeux pour pleurer... Oui, vous tomberez, hélas !

LXXII. LE BIBLIOMANE

Il est bien possible que je supprime le chapitre précédent. Entre autres motifs, il s'y trouve, dans les dernières lignes, une phrase qui ressemble pas mal à une balourdise, et je ne veux pas prêter à la critique des générations futures.

Pensez donc : d'ici à soixante-dix ans, un individu maigre, poivre et sel, n'aimant rien que les livres, s'incline sur la page précédente pour y chercher ce qu'il peut bien y avoir d'absurde. Il lit, il relit, il relit encore, mot par mot, syllabe par syllabe, les examinant extérieurement et intérieurement, sur toutes les faces, à contre-jour ; il les époussète, les frotte sur son genou, les lave à grande eau, et n'arrive point à trouver la sottise.

C'est un bibliomane. Il ignore l'auteur ; ce nom de Braz Cubas, il l'a en vain cherché dans les dictionnaires biographiques. Il a trouvé le volume, par hasard, sur l'étagère d'un bouquiniste, et l'a eu pour deux cents reis. Après mille et mille recherches, il s'est convaincu qu'il s'agit d'un exemplaire unique... Unique ! Ô vous qui non seulement aimez les livres, mais encore avez la passion du collectionneur, vous connaissez bien la

valeur de ce mot, et vous devinez par conséquent la joie de notre bibliophile. Il eût refusé la couronne des Indes, la papauté, tous les musées d'Italie et de Hollande si on lui eût offert de les échanger contre cet unique exemplaire. D'ailleurs, si au lieu de mes Mémoires, c'eût été un almanach, il aurait agi de la même manière, pourvu que l'exemplaire fût unique.

Pourtant il y a une absurdité. Notre homme demeure penché sur la page, une loupe collée à l'œil droit, tout à l'idée de trouver l'erreur. Il s'est promis d'écrire un mémoire succinct, où il relaterait, avec la découverte du livre, celle qu'il cherche en ce moment. Il ne découvre rien, et se contente de son acquisition. Il ferme le livre, le regarde, s'approche de la fenêtre, et le montre au soleil. À ce moment, un Cromwell ou un César passe au-dessous de lui, à la conquête du pouvoir. Il tourne le dos, ferme la fenêtre, se jette sur un hamac, et feuillette le livre, lentement, avec amour, à petites gorgées... Un exemplaire unique !

LXXIII. LE GOÛTER

Les lignes saugrenues dont j'ai parlé m'ont gâté un autre chapitre. Comme je ferais mieux de dire les choses d'une bonne fois, en m'abstenant de tourner autour du pot. J'ai déjà comparé mon style à la marche des ivrognes. Si cette comparaison vous choque, je me servirai d'une autre, tirée de ces agréables lunchs que nous faisons avec Virgilia dans notre petite maisonnette de « la Gamboa ». Du vin, des fruits, des compotes : tel était le menu. Nous mangions, c'est vrai, mais nous entrecoupions le repas de douces paroles, d'œillades, d'enfantillages, d'une infinité de ces apartés de cœur qui constituent le vrai langage ininterrompu de l'amour.

Parfois un léger dépit pimentait la situation, sucrée jusqu'à la fadeur. Virgilia se réfugiait alors sur un canapé, ou allait entendre les mièvreries de Dona Placida. Cinq ou dix minutes après, nous reprenions la causerie comme je reprends ma narration, pour l'interrompre une autre fois. Ce n'était pas de notre part horreur à la méthode. Nous l'invitions même dans la personne de Dona Placida. Mais jamais elle ne voulait s'asseoir à notre table.

-Je finirai par croire que vous ne m'aimez pas, lui dit un jour Virgilia.

-Grand Dieu ! s'écria la bonne dame en levant les mains au ciel ; mais si je ne vous aimais pas, Yaya [4] ! qui donc aimerais-je au monde.

Et lui prenant la main, elle la regarda si fixement que les larmes ne tardèrent point à paraître. Virgilia lui fit force caresses, et je mis une monnaie d'argent dans la poche de cette excellente Placida.

XCVIII. SUPPRIMÉ

Nous nous séparâmes allègrement. Je dînai, réconcilié avec la situation. La lettre anonyme rendait à notre aventure le sel du mystère et le poivre du péril. Et quelle chance heureuse que Virgilia n'eût point perdu son sang-froid dans cette crise ! Le soir, j'allai au Théâtre *São Pedro*. On représentait un grand drame, où Estella faisait couler des pleurs. J'entre, je lance un coup d'œil sur les loges ; j'aperçois dans l'une d'elles Damasceno et sa famille. Sa fille était mise avec plus d'élégance, et même avec un certain luxe : chose étonnante, car le père gagnait juste de quoi s'endetter. Et qui sait ? peut-être était-ce là le motif. J'allai leur rendre visite pendant l'entr'acte. Damasceno

me reçut avec un flux de paroles, sa femme avec d'innombrables sourires. Quant à Nha-lolo, elle ne cessa plus de me regarder. Je la trouvai mieux que le soir du dîner. Je lui trouvai je ne sais quelle suavité éthérée, qui s'alliait à la beauté des formes terrestres (expression vague, et parfaitement en rapport avec un chapitre où tout doit être également vague). Et vraiment je ne sais comment exprimer ma parfaite béatitude auprès de la jeune fille, dans sa robe de bonne faiseuse, qui me donnait des démangeaisons de Tartuffe. En la voyant couvrir chastement le bas de ses jambes, je fis cette découverte que la nature avait prévu le vêtement, comme une condition nécessaire de la multiplication de l'espèce. La nudité habituelle, étant donnée la multiplicité des occupations et des soins de l'individu, tendrait à alourdir les sens et à retarder les désirs, tandis que le vêtement, en leurrant les sexes, les aiguise et les incite, et fait ainsi progresser l'humanité. Bienheureux usage qui nous a valu Othello et les transatlantiques.

J'ai bien envie de supprimer ce chapitre. La pente est dangereuse. Mais après tout, j'écris mes mémoires et non les tiens, paisible lecteur. Auprès de la gracieuse demoiselle, je me sentais en proie à une sensation double et indéfinissable. Elle exprimait parfaitement la dualité de Pascal : *l'ange et la bête*, à cette différence près que le janséniste n'admettait point la dualité des deux natures, tandis qu'ici, elles ne faisaient qu'un : l'ange qui disait des choses célestes, et la bête qui... Non, décidément, je supprime ce chapitre.

CXXXIII. CINQUANTE ANS

Je ne vous ai pas encore dit, mais je vous le dis maintenant, qu'au moment où Virgilia descendait

les escaliers et où l'officier de marine me battait sur l'épaule, j'avais déjà cinquante ans révolus. Ainsi donc, ma vie descendait aussi les escaliers, ou du moins la meilleure partie, celle des plaisirs, des agitations, des émotions, entourée il est vrai de dissimulation et de duplicité, mais la meilleure tout de même, si l'on parle le langage usuel. Mais en usant d'un autre moins sublime, la meilleure partie fut l'autre, celle que j'avais encore à vivre, comme je le prouverai dans le peu de pages qu'il me reste encore à écrire.

Cinquante ans ! Pourquoi cette confession ? On va trouver que mon style n'a plus la même désinvolture. Aussitôt après ma conversation avec l'officier de marine, qui enfila son manteau et sortit, j'avoue que j'éprouvai quelque tristesse. Je revins dans la salle, l'envie me prit de danser une polka, de m'enivrer de lumière, de fleurs, du reflet des cristaux, de celui des beaux yeux, du murmure sourd et léger des conversations particulières. Je n'eus pas à m'en repentir, car je me trouvai soudain tout rajeuni. Mais quand, une demi-heure plus tard, je me retirai du bal, à quatre heures du matin, qu'est-ce que je trouvai dans le fond de ma voiture ? Mes cinquante ans. Ils étaient revenus avec entêtement, non point frileux ni rhumatisants, mais un peu las, et désireux d'un bon lit et de repos. Alors, voyez ce que peut l'imagination d'un pauvre homme à moitié endormi, il me sembla entendre une chauve-souris pendue au plafond me dire : « Monsieur Braz Cubas, le rajeunissement était dans la salle, dans le reflet des cristaux, dans les lumières, dans les soieries, enfin, autour de vous et non en vous. »

CXXXVII. À UN CRITIQUE

Mon cher critique,
Quelques pages plus haut, après avoir dit que j'avais cinquante ans, j'ajoutais : « On commence déjà à sentir que mon style n'est plus aussi leste Qu'aux premiers jours. » Peut-être cette phrase paraîtra-t-elle dénuée de sens, étant donné mon état actuel. Mais j'attire justement ton attention sur la subtilité de cette pensée. Je ne veux point dire que je suis en ce moment plus vieux qu'en commençant ce livre. La mort ne vieillit. Je veux dire qu'à chaque phase de cette narration j'éprouve la sensation correspondante à la phase dont je parle. Bon Dieu ! quelle nécessité de mettre toujours les points sur les « i ! »

CXXXVIII. COMMENT JE NE FUS PAS MINISTRE D'ÉTAT

.....
.....
.....
.....
.....

CXXXIX. QUI EXPLIQUE LE CHAPITRE ANTÉRIEUR

Il y a des choses que l'on ne traduit bien que par le silence. Par exemple ce qui fait le sujet du chapitre antérieur. Les ambitieux déçus l'entendront. Si aucune passion n'égale celle du pouvoir, comme d'aucuns le disent, imaginez le désespoir, la douleur, l'abattement où je tombai le jour que je perdis mon fauteuil de député. Toutes mes espérances s'effondraient ; ma carrière politique était brisée. Or, notez que Quincas Borba, d'après certaines inductions philosophiques qu'il fit, jugea que mon ambition n'était pas la véritable

passion du pouvoir, mais un simple caprice, un désir de briller. Dans son opinion, ce sentiment, quoique moins profond que l'autre, incommode davantage, car il est de la nature de l'attrait qu'ont les femmes pour les dentelles et les objets de toilette. Un Cromwell ou un Bonaparte, ajouta-t-il, par cela même qu'il est brûlé par la passion du pouvoir, finit toujours par y atteindre, par le droit chemin ou par des chemins de traverse. Ce n'était pas mon cas. Mes aspirations n'ayant pas la même intensité, je ne pouvais prétendre au même résultat. De là venait mon désenchantement. Mon sentiment, selon les doctrines de l'Humanitisme...

-Va au diable, avec ton Humanitisme, interrompis-je. J'en ai assez de ta philosophie, qui ne mène à rien.

La brutalité de cette interruption, étant donnée la supériorité du philosophe, était une véritable offense. Mais il excusa mon état d'irritation. On nous apporta du café. Il était une heure de l'après-midi ; nous nous trouvions dans *mon* cabinet de travail qui donnait sur le fond du jardin. C'était une salle confortable, meublée de bons livres, d'objets d'art, et, entre autres, d'un Voltaire en bronze, qui paraissait à cette heure accentuer son rire sarcastique et l'acuité de son regard. Les sièges étaient excellents. Au dehors brillait un grand soleil que Quincas Borba, par plaisanterie ou dans un accès de lyrisme, appela un des ministres de la Nature. Des trois fenêtres, pendaient trois cages, où des oiseaux sifflaient leurs opéras rustiques. Tout avait l'apparence d'une conspiration des choses contre l'homme. Et bien que je me trouvasse dans *mon* cabinet, en face de *mon* jardin, assis dans *mon* fauteuil, au milieu de *mes* livres, éclairé par *mon* soleil, et en train d'écouter le ramage de *mes* oiseaux, je ne pouvais me consoler de la perte d'un autre fauteuil, auquel je n'avais plus droit.

CRÔNICA DE UMA BIOGRAFIA CONTESTÁVEL

Pouco se sabe sobre Adrien Delpech. Era francês? Belga? Depende da fonte. Alguns afirmam que era francês e outros, parecendo ser a maioria, como Soares (2009: 86), que

O professor Adrien Delpech era belga, nascido no ano de 1867. Fez seus estudos de todos os níveis em Paris. No ano de 1825, aos 25 anos de idade, chegou ao Brasil, onde se estabeleceu definitivamente. No Rio de Janeiro ingressou no Colégio Pedro II, em seguida no Instituto de Educação e na Escola Nacional de Música, lecionando Francês e Artes. (...) Foi professor de várias disciplinas, inclusive Literatura Brasileira, pela qual nutria especial predileção.

O site do Instituto Histórico de Petrópolis confirma as informações sobre a origem belga de Delpech e completa a sua biografia ao reproduzir o discurso de Francisco José Ribeiro de Vasconcellos, Associado Emérito em homenagem ao setuagésimo aniversário da morte de Delpech em 2002.

RESGATES PETROPOLITANOS [ADRIEN DELPECH]
de Francisco José Ribeiro de Vasconcellos,
Associado Emérito –

Adrien Delpech, cultor das letras e das artes precisa ser trazido à tona da memória desta urbe no ensejo do setuagésimo aniversário de sua morte.

Nascera ele na Bélgica, em 1867 e, em 1892, chegava ao Brasil no vigor de seus 25 anos.

Radicou-se no Rio de Janeiro. Com excelente formação humanista e dotado de atributos pedagógicos, não lhe fora difícil incorporar-se ao seletto corpo docente do Ginásio Nacional, que fora o Colégio Pedro II e que, passada a fúria demolidora do início da República, fora rebatizado com o nome do Imperador.

Delpech fora contemporâneo de um outro belga, Luis Cruls, que, no início dos anos noventa dos oitocentos, chefiou a missão encarregada de levantar e demarcar a área onde deveria instalar-se a nova capital brasileira, projeto que só viria a furo sessenta anos depois com o advento de Brasília.

Este mesmo Luis Cruls, pai do escritor Gastão Cruls, estava aqui em Petrópolis, em 1899, regendo uma das cadeiras do Ginásio Fluminense, lamentavelmente de vida efêmera.

E foi Luis Cruls quem aproximou o professor Delpech destas serras, conforme o depoimento do filho deste, Paulo Weguelin Delpech, que eu conhecera no Rio de Janeiro no início da década de sessenta dos novecentos.

Encantado com o clima, a tranquilidade e a beleza da cidade, Adrien Delpech passou a veranejar aqui, participando ativamente da vida intelectual desta urbe nas três primeiras décadas do século XX.

Adrien Delpech deixou-se impregnar dos encantos tropicais e procurou o quanto possível enfronhar-se na cultura brasileira. Interessado na música e nas artes plásticas, teve uma enorme predileção pela obra de Jean Baptiste Debret. Na literatura dedicou-se escarafunchar a fecunda produção de Machado de Assis e as elaborações dos poetas românticos e o parnasianismo. Relacionou-se com Raimundo Corrêa, Alberto de Oliveira e Olavo Bilac.

Iniciava-se o ano de 1929, ano difícil para o Brasil e para o mundo. Crise à vista. Mas aqui em Petrópolis, com o início da estação de veraneio, tudo era alegria e sorriso. Festas, promoções culturais, recreativas, beneficentes. No Tênis Clube, a “jeunesse dorée” dava a nota bizarra aos concursos de “prince” e “princesse” “de la saison”. Enfim um luxo e uma enorme exibição de bom gosto e de fino trato.

Era o tempo da Associação de Ciências e Letras, fundada em 1922 e que em breve resolver-se-ia na Academia Petropolitana de Letras. Presidia a entidade D. Nair de Tefé Hermes da Fonseca, mulher de muitos dotes intelectuais e artísticos.

No dia 20 de janeiro de 1929 a Associação abriu suas portas para receber seu novo membro, o professor Adrien Delpech, que seria saudado pelo Dr. Alcindo de Azevedo Sodré, médico, político, escritor, jornalista, que na altura relatava o “Jornal de Petrópolis”. Mais tarde seria o propagandista do 16 de março, o idealizador do Museu Imperial e seu primeiro diretor, cargo que ocupou até a sua morte em 1952.

A propósito do Dr. Alcindo, disse D. Nair de Tefé na abertura dos trabalhos naquela data memorável: “Além das ligeiras referências que acabo de formular acerca do elevado conceito em que é tido o ilustre recipiendário (no caso o professor Delpech), esta sessão torna-se igualmente notável por ser ele saudado na cerimônia de recepção pelo possuidor de uma das mais brilhantes mentalidades que se “ocultam” em Petrópolis – o Dr. Alcindo Sodré – cuja personalidade excepcionalmente complexa, reúne em si as mais invejáveis qualidades de espírito e de coração.”

Fora o Dr. Alcindo um dos proponentes do professor Adrien Delpech para membro da associação de Ciências e Letras e o novo associado escolheu na

altura para patrono de sua carreira o pintor Jean Baptiste Debret. Lamentavelmente não me foi possível encontrar na imprensa da época a íntegra dos discursos dos protagonistas da festa de 20 de janeiro de 1929. Com esse feito Adrien Delpech uniu ainda mais o seu nome à cidade de Petrópolis. Faleceu ele no Rio de Janeiro a 23 de maio de 1942 e foi sepultado no cemitério São João Batista.

“O cemitério de São João Baptista se estendia, todo branco, até os morros de Copacabana que escondiam o oceano. O dia estava pesado; nuvens enormes cobriam o céu; e o reflexo da luz morta que penetrava as nuvens dava uma doçura a todos aqueles túmulos de mármore, de uma brancura uniforme e alegre.

No lugar da lápide, alguns dos túmulos ostentavam um canteiro de flores que espalhava no ar um aroma especial, uma mistura de podridão e morte.”
(Delpech, *Roman brésilien, Mœurs exotiques*. Livro III, Capítulo V)



No Site francês IdRef (Identifiants et référentiels pour l'Enseignement supérieur et la Recherche), encontram-

se em francês os mesmos dados sobre Adrien Delpech traduzidos abaixo⁴³ :

Delpech, Adrien (1867-1942)

Informações

Língua de Expressão: Francês, Português

País: Bélgica

Data de nascimento: 1867

Data do óbito: 23 - 05 - 1942

Gênero: masculino

Nota de Informação ao Público:

Escritor de origem belga, mudou-se para o Brasil aos 25 anos de idade onde trabalhou como professor de literatura e história. Ele publica sobre Machado de Assis, escrevendo romances “brasileiros” em francês. Traduz do português para o francês. Faleceu no Rio de Janeiro em 23 de maio de 1942.

Encontrei ainda outro dado biográfico da professora da Sorbonne Jacqueline Penjon que afirma que “depois de estudos em Paris, Adrien Delpech emigrou para o Brasil, onde se naturalizou em 1891.” (2019:192).

43 Delpech, Adrien (1867-1942)

Information

Langue d'expression : Français, Portugais

Pays : Belgique

Date de naissance : 1867

Date de mort : 23 - 05 - 1942

Genre : Masculin

Note publique d'information :

Écrivain d'origine belge, il s'installe au Brésil à l'âge de 25 ans et exerce en tant que professeur de lettres et d'Histoire. Il publie sur Machado de Assis, écrit en français des romans «brésiliens». Il traduit du Portugais en français. Il meurt à Rio de Janeiro de Janeiro le 23 mai 1942.

**PEDRO NAVA, JEAN PARANHOS E O PROFESSOR DEOPECHE:
MEMÓRIA E HISTÓRIA DE UMA FOTO**

Como foi difícil encontrar uma foto de Adrien Delpech! Muitas pesquisas, paciência e leituras! Uma foto com Adrien Delpech é citada na dissertação de Mestrado de Gustavo Moura Bragança intitulada *Corpo entre relíquias: arquivo e imagem na literatura contemporânea* defendida na PUC do Rio de Janeiro em 2009. A dissertação, conforme o resumo, apresenta um estudo, através da leitura de obras de Pedro Nava, Valêncio Xavier e W.G. Sebald, sobre a relação entre o arquivo e a literatura, concentrando o foco sobre obras contemporâneas de cunho memorial que investem na inserção de objetos de arquivo e documentos como parte da obra literária, tanto implicitamente, na elaboração do texto, quanto, explicitamente, na justaposição à escrita de imagens documentais com destaque para a fotografia. Na p.113 da dissertação, a 13ª nota de rodapé menciona o seguinte:

Em uma das 'páginas do lado' dos originais datilografados de *Chão de Ferro* (p.23), Pedro Nava cola uma pequena foto de 1916, representando duas pessoas identificadas como Adrien Delpech e Jean Paranhos, e escreve a lápis ao lado da imagem: "Assisti tirar essa foto..." Do Acervo do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira – Fundação Casa de Rui Barbosa.

Havia uma foto!! Após vários e-mails trocados, o setor

de editoração da Fundação da Casa de Rui Barbosa verificou que havia de fato uma imagem dentro no original *Chão de Ferro*, de Pedro Nava na página 23. Em primeiro lugar, para a reprodução da mesma foi necessário obter a autorização do detentor dos direitos autorais do Pedro Nava, Sr. Joaquim Nava Ribeiro. A resposta foi imediata, positiva e entusiasta, o Sr. Joaquim Nava Ribeiro se colocando à nossa disposição para qualquer coisa, indicando inclusive o seu número de celular. Em segundo lugar, fomos avisados de que as reproduções são realizadas pelos próprios pesquisadores, nas dependências da Fundação Casa de Rui Barbosa mediante agendamento prévio. Isto ocorreu em setembro de 2019! Como se fazia necessário proceder à cópia digital pessoal e presencialmente, solicitamos a uma colega da pós-graduação em Estudos da Tradução da UFSC, Karine Simoni, em pós-doutorado na UFRJ, para que fizesse a reprodução da foto *in loco* na Sala de Consulta Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB) na Rua São Clemente 134, no Botafogo, no Rio de Janeiro. O que foi feito com êxito. Localizamos no texto que reproduzimos a seguir o trecho na qual Nava narra o seu encontro com o professor "Deopeche":

O nosso mestre, Floriano Correia de Brito, bacharel da Casa, primeiro fora interino de matemáticas e português. Era catedrático de francês desde 4 de agosto de 1903. Quando entrei para o colégio, ele era deputado federal, de modo que dava apenas meia dúzia de aulas no princípio do ano e logo retomava seus fuxicos parlamentares. Foi assim que mal o vi no primeiro e no segundo anos e que ficamos em ambos os períodos

letivos com Adrien Delpech, substituto em exercício. Este era um homem muito claro, olhos cor de aço, cabelos louros entremeados de fios brancos, muito crespos, abertos de lado, fazendo topete petulante e caracolado. Não ria nunca. Tinha um ar militar e renardino acentuado pelos crocs do bigode de oficial de cavalaria. Era inflexível, nunca voltava atrás nas suas notas. Zero dado era zero dado, acabou-se e o senhor *vássasantarr sinon além do zér daplicaçon tem o zér de comportament'*. Logo o réu via que era inútil ficar se arrastando em torno de sua mesa, gemendo, chorando e pedindo clemência. O Delpech, que nós chamávamos o *Deopeche*, era seco, esbelto, musculoso e tinha a rapidez de movimentos que, quando li Proust — me fizeram sincretizá-lo a Saint-Loup. Eu simpatizava com ele porque sabia-o concunhado do dr. Duarte de Abreu: ambos tinham se casado com senhoras da família Weguelin — gente suíça, com seus foros de nobreza. Seu sistema de ensino era muito simples: tantas páginas do Halbout, para saber de cor e salteado. À menor hesitação, zero. Conjugação de verbos regulares e irregulares de fio a pavio. Ao primeiro erro, zero. Aquilo parecia tabuada e seguia sobre trilhos feito trem de ferro. *Je suis tu es il est nous aimons vous aimez ils aiment*. Os descarrilamentos eram nos obstáculos em *oir*: *devoir je dus, nous dûmes; pleuvoir il pleut, pleuvant, plut; déchoir je dechavais...* Ah non et non! *pas d'imparfait, o senhorr vássasantarr. Zero. Ai! de mim que fui me sentar no primeiro ano de cara ardendo e olhos chorando — déchu*. Nas leituras das

estórias do *petit Paul*, do *brave Martial* e das fábulas de Florian, o Delpech pouco ligava à tradução, mas fazia questão da pronúncia. Nós entrávamos com nossa tendência *petit-nègre* e aquilo era zero a torto e a direito. A exigência do Deopech quanto à nossa pronúncia do francês era um tanto descabida num professor que morava havia anos no Brasil, que conhecia bem nossa língua, mas que era absolutamente incapaz de enunciá-la à moda da casa.

Reproduzimos a seguir primeiramente a página 23 como se apresenta no original datilografado de *Chão de Ferro* com a página do lado na qual Pedro Nava colou a pequena foto de 1916 representando Adrien Delpech e Jean Paranhos, acrescentando logo após, a transcrição do texto.



O texto ainda continua, na obra original:

Mas 1918 chegou e deixamos Martial, o

petit Paul e o Delpetch nos anos passados de 1916 e 1917. Veio o terceiro da matéria e o Floriano, derrotado nas eleições, reassumia sua cátedra bradando contra as instituições e fervendo num ódio de morte contra Nicanor do Nascimento. Do rival, dizia, em aula, pior que Mafoma da carne de porco. Aos primeiros contatos conosco ele foi logo declarando o que aprendêramos com o Delpetch como coisa *nulle et non avenue*. Esquecêsemos tudo porque agora é que ele ia mostrar como é que num ano ele nos poria sabendo francês ou nos estourava de zeros em aplicação e comportamento.

Transcrevemos ainda o texto manuscrito de Pedro Nava que acompanha a foto de Delpetch com Paranhos:

O professor Adrien Delpetch ao lado de Jean Paranhos do Rio Branco. Assisti esta foto por D. Clotilde. A foto foi presente do Jean. A porta do fundo com gradil é a da caixa da maquinaria a vapor do internato, referida no "trote" em *Balão Cativo* – Foto de 1916. Atrás o "alemão".

BIBLIOGRAFIA E WEBGRAFIA ANACRÔNICAS

(base das pseudos-entrevistas e ensaios deste livro)

Assis, Joaquim Maria Machado de. *Várias Histórias*. In Fundação de Casa Rui Barbosa.

http://www.machadodeassis.net/hiperTx_romances/obras/variashistorias.htm

Assis, Joaquim Maria Machado de. *Brás Cubas*. In Fundação de Casa Rui Barbosa.

http://www.machadodeassis.net/hiperTx_romances/obras/brascubas.htm

Assis, Joaquim Maria Machado de. *Varias historias*. Trad. Rafael Mesa López. Paris: Garnier Hermanos, 1911. <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k8595967.image>

Assis, Joaquim Maria Machado de. *Memorias póstumas de Blas Cubas*. Montevideo: Ediciones de La Banda Oriental/ Universidad de La Republica/ Facultad de Humanidades y Ciências de La Educación, 2009. Edición facsimilar de *La primera traducción de uma obra de Machado de Assis por Julio Piquet, em 1902*.

Assis, Joaquim Maria Machado de. *Histoires Diverses*. Trad. Saulo Neiva. Paris: Garnier, 2017.

http://www.machadodeassis.org.br/abl_minisites/cgi/cgilua.exe/sys/startd466.html?UserActiveTemplate=machadodeassis&sid=89&from_info_index=1&tpl=printerview_default (Sobre as referências às traduções de Machado em italiano, acesso 28/05/2020)

Baggerman, Arianne, Dekker, Rudolf Dekker. "Jacques Presser, Egodocuments and the Personal Turn in Historiography". *The European Journal of Life Writing*, Vol. VII (2018).

Bragança, Gustavo Moura. *Corpo entre relíquias: arquivo e imagem na literatura contemporânea*. Dissertação de Mestrado PUC do Rio de Janeiro, 2009.

https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/13929/13929_1.PDF, acesso 28/05/2020

Brito, Silvia Helena Andrade de. "Os compêndios produzidos por Carlos Miguel Delgado de Carvalho para o ensino de sociologia no Colégio Pedro II (1931-1938)" In *Anais Eletrônicos IX Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação No Brasil, Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012*.

Britto, Augusto César Luiz e Corradi, Analaura. "Egodocuments: os documentos que expressam a personalidade, intimidade e motivações dos titulares de arquivos pessoais". *Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação*, v. 32, n. 2, p. 98-129, jul./dez. 2018, pp.99-129.

Cardellino, Pablo. "Traducciones de Machado de Assis al español". Machado de Assis: tradutor e traduzido. Andréia Guerini, Luana Ferreira de Freitas, Walter Carlos Costa (orgs.). Tubarão: Ed. Copiart; Florianópolis, 2012.

Costa, Cynthia Beatrice. *Dom Casmurro em inglês: tradução e recepção de um clássico brasileiro*. Tese de Doutorado PGET/UFSC, 2016.

<file:///Users/marie/Downloads/341964.pdf>, acesso 28/05/2020.

Costa, Cynthia Beatrice e Freitas, Luana Ferreira de. Resenha de *Histoires Diverses, de Saulo Neiva* In Machado Assis Linha vol.11 no.25 São Paulo Dec. 2018.

<http://www.dicionariodetradutores.ufsc.br/pt/AdrienDelpech.htm>, acesso em 28/05/2020

Heineberg, Ilana. *Revue Elohi*. Peoples Indigènes et Envi-

ronnement, n° 8, Exodes, déplacements, déracinements, 8/2015, p.26.

Heineberg, Ilana. "Um Brasil para francês ler: das traduções de o Guarany e de Innocencia ao exotismo dos romances de Adrien Delpech". In: ABREU, Márcia. *Romances em movimento: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. São Paulo: Unicamp, pp. 189-222, 2016.

Histórico de Petrópolis: <http://ihp.org.br/?p=415> acesso 27/03/2020

Identifiants et Référentiels pour l'Enseignement supérieur et la Recherche (IdRef) : <https://www.idref.fr/129006270> acesso 31/05/2020

Lázaro, Rosario Igoa. "CAMPOS, Haroldo de. Galaxias/Galáxias. Tradução ao espanhol e notas de Reynaldo Jiménez. Prólogo de Roberto Echavarren. Montevidéu: La Flauta Mágica, 2010." Revista Gragoatá, UFF, 2011.

Nava, Pedro. *Chão de Ferro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

Penjon, Jacqueline. "Machado de Assis: um século de traduções francesas". E-LETRAS COM VIDA, N.º 2 janeiro/junho de 2019, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pp. 188-201.

Soares, Jefferson da Costa. "A construção do currículo de sociologia no Colégio Pedro II (1925-1941)". Cadernos de História da Educação v. 14, n. 1 – jan./abr. 2015.

Soares, Jefferson da Costa. "Ensino de Sociologia no Brasil: o pioneirismo do Colégio Pedro II (1925-1942) In Revista Café com Sociologia, Volume 4, número 3, dez. 2015.

Soares, Jefferson da Costa. *O ensino de Sociologia no Colégio Pedro II (1925-1941)*. Rio de Janeiro: 2009. Dissertação de Mestrado em Educação, UFRJ, não publicada.

Torres, Marie-Hélène Catherine. *Variations sur l'étranger dans les lettres : cent ans de traductions françaises des lettres brésiliennes*. Lille: Artois Presses Université, 2004.

Torres, Marie-Hélène Catherine. *Traduzir o Brasil literário: Paratexto e discurso de acompanhamento*. Tubarão: Copiart, Pget/UFSC, Vol 1, 2011.

Torres, Marie-Hélène Catherine. *Traduzir o Brasil literário: História e Crítica*. Tubarão: Copiart, PGET/UFSC, Vol 2, 2014.

Torres, Marie-Hélène Catherine. *Translation as (i)migration: Adrien Delpech, one of the First Translators of Machado de Assis/Tradução como (i)migração: Adrien Delpech, um dos primeiros tradutores de Machado de Assis*. In Revista da AN-POLL, 2021.

Wagner-Egelhaaf, Martina (Ed.). *Handbook of Autobiography / Autofiction*. Berlin: De Gruyter, 2019. (3 volumes).

UNESCO, 1974: unesdoc.unesco.org/images/0013/001378/137835fo.pdf, acesso 28/05/2020.

Obras de Adrien Delpech

Delpech, Adrien. *Os vinte autores do Programa de francês*. Rio de Janeiro: Industria do Livro, 1932.

Delpech, Adrien. *Roman brésilien, moeurs exotiques*. Paris : Victor-Havard Edition, 1904.

Delpech, Adrien. *Petropolis*. Paris: Flammarion, 1909.

Delpech, Adrien. *Da Influencia Exrangeira em nossas Letras - Separata da Revista do Instituto Histórico Brasileiro - Congresso Internacional de História da América*. Rio de Janeiro: J. Leite (1922).

Delpech, Adrien. *L'Idole*. Paris: Brumauld, 1930.

Traduções de Adrien Delpech

Assis, Joaquim Maria Machado de. *Quelques Contes*. Trad. de Adrien Delpech. Paris : Garnier Frères, 1910.

<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k853799b/f13.image>

Assis, Joaquim Maria Machado de. *Memórias póstumas de Bras Cubas*. Trad. de Adrien Delpech. Paris: Garnier, 1911.

<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k855564b.image>

AGRADECIMENTOS POSFACIAIS

Ao CNPq pela bolsa de pós-doutorado no Exterior, na Universidade de Bordeaux, na França, o que permitiu desenvolver a pesquisa “Por uma História dos Tradutores no Brasil: Adrien Delpech, primeiro tradutor de Machado de Assis em francês” de 2019 a 2020.

Às minhas colegas e supervisoras de pós-doutoramento, Ilana Heineberg da Universidade de Bordeaux na França e Luana Ferreira de Freitas da Universidade Federal do Ceará, que impulsionaram e colaboraram com as minhas pesquisas, o que possibilitou a publicação desse livro.

Ao Sr. Joaquim Nava Ribeiro, herdeiro de Pedro Nava, citado neste livro, que me deu de prontamente a autorização de reproduzir a foto de Jean Paranhos e Adrien Delpech inserida no livro *Chão de Ferro* na Biblioteca da Fundação Rui de Barbosa no Rio de Janeiro.

À minha colega da Universidade Federal de Santa Catarina, Karine Simoni, por ter fotografado e digitalizado a foto de Paranhos e Delpech, aceitando gentilmente servir de intermediária in situ na Biblioteca da Fundação Casa de Rui Barbosa.

Ao professor e tradutor José Roberto O’Shea, que compartilhou comigo informações preciosas sobre a família Delpech por ele ser primo de Ana Lucia Delpech, neta de Adrien Delpech.

Aos editores da Coleção Palavra do Tradutor, Andréia Guerini, Dirce Waltrick do Amarante, Sérgio Medeiros e Walter Carlos Costa, por ter acatado a publicação desta entrevista póstuma-imaginária.

Adrien Delpech Entrevista foi composto nas fontes Avenir e Copperplate, em Ebook para a Editora Medusa, em Curitiba, Paraná, Brasil, no outono de 2021.